



Laurindo de Almeida

*Homenagem justa prestada áquelle,
que verdadeiramente **creou** o Museo
Paraense, dando-lhe corpo e alma.*

A Redacção.



BOLETIM

DO

MUSEU PARAENSE

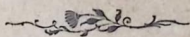
DE

HISTÓRIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

TOMO I

(FASCICULOS 1-4)

1894—1896



PARÁ—BRAZIL

TYPOGRAPHIA DE ALFREDO SILVA & C.^a

Praça Visconde Rio Branco, n.º 12

1896

las s.
azonia em



INDICE

DO

TOMO I

PARTE ADMINISTRATIVA:

A) *Documentos relativos ao Museu Paraense em sua phase antiga:*

I) Discurso pronunciado por José Verissimo, Director Geral da Instrucção Publica, em 13 de Maio de 1891, por occasião de se inaugurar o Museu	1 — 8
II) Relatorio sobre o anterior estado do Museu	10 — 22
III) D. S. Ferreira Penna. Noticia biographica por José Verissimo	56 — 73

B) *Documentos relativos ao Museu Paraense em sua nova phase:*

I) Carta circular do actual Director	8 — 10
II) Regulamento do Museu Paraense (Decreto de 2 de Julho de 1894)	22 — 27
III) Instrucções sobre o modo de colligir productos da natureza para o Museu Paraense	74 — 84
IV) Officio ao e do Sr. Barão de Marajó	239 — 256
V) Relatorio (1894) apresentado ao Sr. Governador do Estado, Dr. Lauro Sodré	84 — 88
VI) Regimento interno do Museu Paraense (Decreto 124 de 28 de Set. 1895)	217 — 239

PARTE SCIENTIFICA :

A) ZOOLOGIA

1) Estudos arachnologicos relativos ao Brazil.	
I) Revisão das Territellarias brasileiras pelo Dr. E. A. Goeldi	32—39
II) Breve noticia acerca de alguns vermes interessantes do Brazil pelo Dr. E. A. Goeldi	40—44
III) A fauna das formigas do Brazil pelo Dr. Augusto Forel	89—143
IV) Os myriapodos do Brazil pelo Dr. E. A. Goeldi	157—167
V) A cigana (<i>Opisthocomus cristatus</i>), resenha ornithologica pelo Dr. E. A. Goeldi	167—184
VI) Os hospedes das formigas e termites (« cupim ») no Brazil por Erich Wasmann S. I.	273—324
VII) Contornos para a Avifauna do Pará, conforme o material de Natterer, Wallace e Layard, comp. pelo Dr. E. A. Goeldi	336—355
VIII) A fauna do Pará pelo Dr. Fr. Dahl (versão annotada com observações criticas do Dr. E. A. Goeldi	357—375
IX) Os simios (macacos) da Amazonia por Alfred R. Wallace (versão annotada)	375—381
X) Lancear de olhos sobre a fauna dos Reptis do Brazil pelo Dr. E. A. Goeldi	402—432
XI) A <i>Lepidosiren paradoxa</i> descoberta na Ilha de Marajó, pelo Dr. E. A. Goeldi	433—442

B) BOTANICA

I) Contribuição á geographia botanica do littoral da Guyana entre o Amazonas e o Rio Oyapock pelo Dr. Jacques Huber	381—402
II) A flora das saprophytas do Pará pelo Dr. J. Huber ..	432—435

C) GEOLOGIA

I) A geologia do Pará por Ch. F. Hartt (re-impressão).	257—273
II) As camadas fossilíferas mais antigas da Amazonia pelo Dr. Fred. Katzer	436—438

D) ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

I) Archeologia e Ethnographia no Brazil por D. S. Ferreira Penna	28—31
--	-------

E) VIAGENS

I) Cartas ineditas de Louis Agassiz	166—150
Observações e impressões durante a viagem costeira do Rio de Janeiro ao Pará pelo Dr. E. A. Goeldi	44—59

F) BIOGRAPHIAS

I) D. S. Ferreira Penna. Noticia biographica por José Verissimo.....	57 — 73
II) Johannes von Natterer. Pelo Dr. E. A. Goeldi.....	191 — 217

BIBLIOGRAPHIA—1) C. Schichtel, der Amazonenstrom pag. 185.—2) Atlas portatil por *Justus Perthes* pag. 185—3) *P. Vogel*, Reisen in Matto-Grosso pag. 186—4) *E. Wasmann* Kritisches Verzeichniss der myrmekophilen und termiphilen Arthropoden pag. 187—5) *A. Möller*, Brasilische Pilzblumen pag. 325—6) *A. Möller*, Protobasidiomyceten pag. 325—7) *J. Verissimo*, A pesca na Amazonia pag. 326—8) *H. Meyer*, Bogen und Pfeil in Central-brasilien pag. 328—9) *P. Ehrenreich*, Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens pag. 328—10) *P. Ehrenreich*, Ueber einige aeltere Bildnisse sudamerik. Indianer. pag. 329—11) *P. Ehrenreich*, Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens pag. 329—12) *P. Taubert*, Beiträge zur Kenntniss der Flora des centralbrasilianischen Staates Goyaz pag. 443—13) *H. Schenck*, Brasilianische Pteridophyten pag. 443.

ILLUSTRAÇÕES

I) Retrato do Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Pará e creador do Museu Paraense.....	56
II) Retrato de D. S. Ferreira Penna.....	184
III) <i>Opisthocomus cristatus</i> , «cigana», filhote e ovos.....	188
IV) Retrato de Johannes von Natterer.....	242
V) <i>Lepidosiren paradoxa</i>	286
VI) Hospedes de formigas e termites.....	400
VII) Uma paisagem de Podostemaceas (<i>Mourera fluviatilis</i>).....	442
VIII) Mappa explicativo das localidades onde até hoje foram encontrados exemplares de <i>Lepidosiren</i>	



F. 50. J

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA

PREFACIO

Sem pretensões grandiosas e projectos, que se perdem na altura das nuvens, apresenta-se, hoje, o *nosso Boletim*, pela primeira vez, á porta do recinto, onde se opera o movimento scientifico e litterario internacional. Já de fóra vemos a sala repleta de gente illustre e avistamos innumeros vultos de sabios e obreiros preclaros, de nome feito e reputação universal, vetustecidos no officio e com perfeita pratica d'esta vida. Quasi nos offusca o formigar febril que ha lá dentro; mas, descobrimos tambem logo, numerosas physionomias, de nós ha muito conhecidas, tantos amigos pessoaes, que sorriem amigavelmente e com gestos nos convidam a entrar e collaborar. Despimo-nos do acanhamento natural em semelhantes occasiões, tomamos coragem e pedimos respeitosamente o ingresso n'esta assembléa. Novos, como somos, assentamo-nos n'um dos lugares vasioes ao fim da mesa.

Qual é o *nosso* programma?

Seramente trabalhar no desenvolvimento das sciencias naturaes e da ethnologia do Pará e da Amazonia em

particular, do Brazil e do continente americano em geral. Perguntarão de que modo pensamos sahir-nos de semelhante tarefa. Publicaremos trabalhos originaes, realizados aqui por nós e por collegas, que estão em contacto comnosco. Estudaremos igualmente o que tem sido feito de bom antes de nós, em relação ao campo de trabalho assim circumscripto, fiscalizando o que se vae fazer fóra, longe d'aqui, em outras partes do mundo, por naturalistas com quem ainda não travamos relações. Descobrimos uma ou outra cousa mais antiga, de incontestavel valor e que talvez não tenha achado a devida vulgarisação entre nós, trataremos de tirar do pó do esquecimento, procurando ser justo com todos e prestar-lhes uma modesta homenagem, embora posthuma em tantos casos. Trataremos de reunir, condensar e colligir material esparso no tempo e na litteratura de outros povos, sempre com o fim e inténto de fazer aproximar a epocha em que será possível um balanço mais ou menos exacto dos conhecimentos actuaes sobre a Amazonia e delimitar a somma do que já é conhecido da que fica ainda por se investigar. Procuraremos preencher lacunas e chamar para ellas a attenção publica.

Para não fazermos promessas, que finalmente talvez se mostrassem praticamente irrealisaveis, o *Boletim do Museu Paraense* não toma compromisso algum sobre a periodicidade do seu apparecimento. O futuro nos dará a experiencia de que carecemos. Os intervallos serão logicamente determinados pelo tempo que nos deixarem as outras occupações museares e pelo material que nos affluir.

Quanto a este segundo ponto, os leitores não devem ter receio de que o *Boletim* tenha talvez uma existencia

ephemera. Porque? — Isto é um pequeno segredo nosso; deixem-nos guardal-o por ora e contentem-se com a nossa garantia verbal. Será mais facil faltar-nos o tempo para a redacção e esgotar-se o «*nervus rerum*» para a publicação, que o material.

Lá na Europa e em outras partes do mundo haverá, talvez, quem lastime que o *Boletim* não se publique em outra lingua mais conhecida. O assumpto é serio. Mas, depois de madura reflexão, achamos que o *Boletim*, como producto brasileiro, deve sahir com a sua roupa nacional. Nos dirão que o Japão, tão progressista, publica em Francez e Inglez; mas nós apontamos, do nosso lado, para os Russos, os Hungaros, os Dinamarquezes, os Suecos e os Allemães, que, cada vez mais, mostram a tendencia moderna de publicar obras de sciencias no seu idioma nacional. O Francez, o Italiano, o Hespanhol nos entenderá sem muita difficuldade e em todo o mais, raro será o naturalista, que não saiba tanto do latim e de qualquer lingua romana, para que a leitura do nosso *Boletim*, n'aquillo que o possa interessar, lhe seja positivamente impossivel.

Belém do Pará (Brazil), 1 de Julho de 1894.

A REDACÇÃO



Carube



PARTE ADMINISTRATIVA

I

DISCURSO PRONUNCIADO POR JOSÉ VERISSIMO, DIRECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA, PERANTE O GOVERNADOR DO ESTADO, CAPITÃO-TENENTE BACELLAR PINTO GUEDES, POR OCCASIÃO DE SE INAUGURAR O MUSEU, RESTAURADO EM 13 DE MAIO DE 1891. (*)

Sr. Governador :

Com a sua sincera boa vontade e seu nunca desmentido interesse por quanto á instrucção popular concernia, o Sr. Dr. Justo Chermont, não esqueceu um estabelecimento que havendo custado á antiga provincia do Pará, sommas não mesquinhas, quasi veio a desaparecer completamente após uma vida ingloria, obscura e inutil.

Esse estabelecimento é o que digna-se V. Ex.^a a reinstallar hoje, completando assim a obra benemerita por aquelle vosso antecessor iniciada, é o Museu Paraense.

Como um outro estabelecimento de instrucção, a Bibliotheca publica, o Museu Paraense deveu arrastar essa vida mesquinha e sem utilidade até quasi extinguir-se, não só a mal avisada economia, antes ridicula parcimonia das administrações que não lhes concederam os meios indispensaveis a uma prestadia existencia e, tambem ao erro de confiarem-n'os a individuos por via de regra escassamente habilitados para dirigirem-n'os.

Esperamos que o restaurado Museu, como a restaurada Bibliotheca, escaparão agora a esses males e que, providos de meios sufficientes e capazmente dirigidos, justifiquem a sua restauração e honrem a idéa patriótica que levou aquelle administrador a tentá-la.

(*) NOTA DA REDACÇÃO. — Este discurso, que nos foi gentilmente offerecido pelo Sr. J. Verissimo, tem para o nosso Museu interesse historico. Mostra tentativas anteriores de endireital-o, ensina o que deveria ser, pronuncia esperanças e deixa perceber certos receios — que a experiencia ulterior demonstrou bem fundados, pois o passo dado n'aquelle tempo, não foi coroado de successo. Hoje somos nós os herdeiros d'aquellas esperanças e d'aquelles compromissos !

Pará, 20 de Agosto de 1894.

Manter dignamente um Museu é uma consequencia, é quasi um dever da nossa civilisação. A nossa bella e futura cidade do Pará, não é só a capital politica de um Estado fadado a ser, sem o minimo preconceito nativista o digo, um dos mais importantes da União brasileira; é tambem inegavelmente a capital geographica da mais bella, da mais ricamente dotada região da America do Sul: a Amazonia.

A capital d'esta região, que o notavel scientista inglez, Bates, chamou o paraíso do naturalista, que, desde Lacondamine até Carlos Hartt, foi perlustrada por sabios e viajantes do mais alto valor, como Rodrigues Ferreira, o nosso comprovinciano Lacerda, o glorioso Humboldt, Martius, Castelnau, o celebre Wallace, e Chandless, e Orton, e Keller, e Agassiz, para não citar sinão os mais notaveis e benemeritos de menção especial, á capital d'esta região impõe-se como um dever de sua civilisação, como uma consequencia de sua situação e de seu justo prestigio a manutenção de um Museu que recolha, guarde, censure e exponha á attenção e ao estudo dos naturaes e dos forasteiros as incalculaveis riquezas que em os tres reinos da natureza ella possui.

Além das riquezas naturaes do seu solo, a opulencia verdadeiramente maravilhosa da sua flora, a esquisita variedade de sua fauna, principalmente a ornithologica e a ichthyologica, a, ainda mal conhecida, mas por incontestaveis indicios, certamente notavel mineralogia, a região amazonica possui outros attractivos que a cada passo estão chamando a attenção dos scientistas do mundo inteiro.

N'esta parte da America passou-se, senhores, um d'esses dramas obsconditos e esquivos ás investigações ainda dos mais sagazes estudiosos que vem se passando no seio da Humanidade desde que ella surgio de seus principios obscuros e impenetraveis. N'esta região, raças cuja origem se ignora, cuja filiação se desconhece, cuja historia se não sabe, existiram, viveram, luctaram, deixando vestigios que lançam a cada passo a duvida, a hesitação, a contradicção, no campo das investigações scientificas, creando e destruindo na anthropologia e na ethnographia, hypotheses e generalisações.

Quem sabe, senhores, si aqui não está a chave de um dos enigmas mais excitantes da curiosidade scientifica d'estes tempos: a origem do homem americano? Quem sabe si os *mounds* de Maracá e de Marajó, cujo estudo não foi ainda com todo o rigor scientifico feito, quem nos diz que o *muirakitan*, os restos da maravilhosa ceramica d'essa gente ape-

nas sabida, não nos dará um dia um elemento importante á solução d'esse problema?

Para que um Museu, porém, possa a todos estes fins satisfazer, é indispensavel que não seja méra accumulção de raridades, mais ou menos curiosas, com mais ou menos gosto arranjadas, sinão uma collecção e um repositório, systematicamente disposto e scientificamente classificado.

Tal qual está o restaurado Museu Paraense, não obstante a prova que dá do zelo e habilidade do digno preparador encarregado de sua installação e conservação, não corresponde ainda ao fim que é o seu e que em leves traços descrevi. Esse fim, porém, póde ser facilmente alcançado, desde que não esmoreça no governo o desejo de levantar e conservar dignamente esta util instituição.

Como elemento da instrucção popular, um Museu é uma eloquente, instructiva e interessante, para falar a linguagem pedagogica, lição de coisas. Para que realmente o seja, não se dispensa tambem o arranjo systematico das collecções, a classificação rigorosa dos objectos dando aos visitantes ao mesmo tempo uma noção exacta, clara e precisa de cada coisa exposta e da classe a que pertence, o seu nome, a sua utilidade, a sua origem ou qualquer outro elemento necessario ao seu conhecimento.

O primeiro trabalho está feito e bem feito—posso dizel-o sem immodestia pois a parte que n'elle tive foi apenas a do interesse que me cumpria ter. Não devemos, entretanto, ficar n'isto.

Installado, arranjado, cumpre organisal-o com systema, com methodo, com sciencia, sem o que, por mais bello que seja á vista, fica inutil para a intelligencia.

Ao povo, de quem é e para quem é, cumpre amparal-o e auxilial-o, com a sua frequencia, com o seu interesse, com os seus donativos.

Não temos duvida que o fará e que, alcançando a importancia d'este instituto, lhe traga com a prova do seu interesse intelligente, a generosidade de suas dadas.

Desde muito que penso e digo que não basta produzir borracha, e praz-me repetil-o em um novo regimem.

Nenhuma nação nenhum povo vive sinão pelas manifestções da sua actividade espirital. A mais commercial nação do mundo, a Inglaterra, não põe no Westminster, no seu glorioso Pantheon, sinão os representantes do seu espirito, da sua intelligencia e da sua força moral.

Hoje reabre-se uma boa escola: que seja proveitosa de-

vem ser os nossos votos e para que seja devem convergir os nossos esforços.

Com venia de S. Ex.^a o Sr. Governador do Estado, está reinstalledo o Museu Paraense.

vem ser os nossos votos e para que seja devem convergir os nossos esforços.

Com venia de S. Ex.^a o Sr. Governador do Estado, está reinstallado o Museu Paraense.

II

CARTA-CIRCULAR

III.^{mo} Sr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S.^a que a autonomia creada pela Republica para os diversos Estados do Brazil e a iniciativa propria assim despertada—em contraste vivo com a situação lamentavel que vigorava durante o imperio, onde Sul e Norte tinham por assim dizer de pedir no Rio de Janeiro autorisação e licença para qualquer progresso—já maduraram mais um precioso fructo pela decisão do Governo Estadual do Pará de crear um MUSEU DE HISTORIA NATURAL E DE ETHNOGRAPHIA «no pé dos bons estabelecimentos congêneres.»

No Sul do Brazil o Estado de S. Paulo foi o primeiro a reconhecer a necessidade de um Museu proprio a cuja testa foi collocado pessoa benemerita das sciencias naturaes—o Sr. Dr. Hermann von Ihering, meu collega e amigo. No Norte da Republica, no Pará, quasi simultaneamente e de modo independente nasceu identica idéa, concebida em boa hora pelo Sr. Dr. Lauro Sodré, Dig.^{mo} Governador, sempre zeloso do progresso do seu Estado natal. Já no anno decorrido tinha-me sido dirigida a pergunta se eu estaria inclinado a encarregar-me da criação e direcção de um Museu. Annuindo eu ao convite, foi lavrado o decreto no dia 31 de Janeiro de 1894.

Conforme este decreto as minhas propostas sobre o fim, a administração, etc., do novo Instituto foram acceitas e fiquei incumbido da direcção do mesmo.

A carta particular que acompanha a nomeação, como todos os documentos relativos a esta questão e oriundos da penna de tão esclarecida autoridade, respira o sentimento ardente e a profunda intelligencia da relevancia do assumpto «que tão de perto se relaciona com o nosso futuro, pelo muito que pôde influir para a clucidação de partes obscuras da sciencia e pelo muito que pôde contribuir para o desenvolvi-

mento do ensino popular.» A mesma carta é outrosim notavel pelo modo franco, com o qual se declara que se trata antes da creação nova do que de uma reforma d'aquillo que até agora figurava com o nome de Museu do Pará. E' este o theor litteral:

«Verá que digo CREAM, pois o que temos nem de Museu merece o nome, tão pouco é, tão desalinhado e fóra de regra e longe de sciencia anda aquillo tudo que dóc o vêr o contraste entre esta tamanha pobreza accumulada e a enorme riqueza que anda á mão no scio da natureza aqui.»

Taes palavras, juntamente com a promessa official de apoio enurgico e de todos os auxilios moraes, são para animar-me a activar vivamente a solução da honrosa tarefa. A minha boa vontade encontra mais um consideravel robustecimento na consciencia de estar assaz preparado por investigações scientificas no Brazil durante dez annos e de achar-me bastante ao par das cousas do paiz.

O Governo tem em vista um edificio apropriado e com capacidade bastante para permittir o desenvolvimento e augmento das collecções.

Julgo poder interpretar bem nitidamente as intenções do Governo Estadual, dizendo que o Museu Paraense será principalmente e em primeira linha um INSTITUTO PARA A HISTORIA NATURAL DO AMAZONAS, UM ESTABELECIMENTO QUE SE PROPÕE OBSERVAR, COLLECIONAR, DETERMINAR E TORNAR CONHECIDOS OS OBJECTOS DA NATUREZA INDIGENA.

Prestará igualmente toda a attenção ao RAMO ETHNOGRAPHICO, visto que se trata de região altamente interessante n'este sentido. A Zoologia e a Botanica sobretudo—sciencias minhas predilectas—promettem fornecer um campo de trabalho extraordinariamente opulento e a preencher as lacunas scientificas, deixadas por investigadores e viajantes como Humboldt, Wallace, Bates, Martius, Spix, Natterer, Agassiz e outros, estará no alto do meu programma de trabalho. Cogita-se seriamente NA FUNDAÇÃO de MODESTA ESTAÇÃO BIOLOGICA no Amazonas com uma filial fóra, na costa atlantica (talvez em Bragança) e o estudo intensivo de problemas que tenham alguma connexão directa com a economia social (como por exemplo o da fauna ichthyologica do Amazonas e da costa) é um postulado que desde o principio se impõe pela sua importancia intrinseca.

Estou firmemente resolvido a cultivar e a fazer reverter em beneficio do novo Instituto, que me é confiado, todas as multiplas relações amigaveis que particularmente tenho cul-

tivado até agora com Muscus estrangeiros e especialistas em todas as partes do mundo. Questões e problemas que dizem respeito ás sciencias naturaes do Amazonas figurarão d'ora em diante no primeiro plano da minha actividade, e não des-cuidarei de meio algum que se me afigure como apropriado para tornar o Museu do Pará uma instituição, onde serão recebidos e dados com o maior prazer todos os incitamentos scientificos em proveito de Interior como do Exterior. Peço o auxilio dos meus correspondentes n'este empenho, e principalmente rogo o fãvor da remessa benevola do material litterario, que tenha qualquer ponto de contacto com o meu futuro campo de trabalho, como, em segunda linha, de tudo aquillo que tenha alguma relação com um dos ramos da historia natural do Brazil e da America do Sul no sentido mais amplo. Claro é que os Ill.^{mos} Srs. Correspondentes receberão em permuta os trabalhos que o Museu fôr publicando.

Com subida estima e consideração de V. S.^a Att.^o Cr.^{do} e Ven.^{do} — DR. EMILIO AUGUSTO GOELDI.

Rio-de Janeiro, 22 de Março de 1894.

III

Relatorio sobre o estado do Museu Paraense

APRESENTADO A S. EX.^a O SR. DR. GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ, PELO DR. EMILIO AUGUSTO GOELDI H. T. DIRECTOR DO MESMO MUSEU.

Sr. Governador:—Tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a um succinto relatorio sobre o estado em que encontrei o Museu Paraense no momento de assumir o cargo de Director do mesmo estabelecimento.

Acompanha-o, como annexo, um inventario do mesmo Museu, levantado pouco tempo antes por meu antecessor immediato, o Sr. Dr. Raymundo Porto, Director interino.

Saúde e fraternidade.—DR. EMILIO AUGUSTO GOELDI.

a) — Collecções zoologicas

MAMMIFEROS.—Constater a existencia de 61 exemplares de mammiiferos empalhados—se este termo tiver ra-

ção de ser applicado á maioria d'elles— sendo a distribuição sobre as diversas familias a seguinte:

a) Simiae (macacos). Total 10 exemplares: *Myccetes* 3—*Cebus* 1—*Nyctipithecus* 3—*Hapale* 3.

b) Chiroptera (morcegos). Total 1 exemplar: *Phyllostoma*.

c) Carnivora (carniceiros). Total 10 exemplares: *Canis* 1—*Nasua* 3—*Galictis* 2—*Felis* 2—*Procyon* 2.

d) Rodentia (roedores). Total 8 exemplares: *Dasyprocta* 4—*Cercolabes* 1—*Mus* 1—*Hydrochoerus* 2.

e) Ungulata (Ungulados). Total 4 exemplares: *Cervus* 3—*Dicotyles* 1.

f) Edentata (Desdentados). Total 24 exemplares: *Bradypus* 9—*Myrmecophaga* 7—*Dasybus* 8.

g) Marsupialia (Marsupiaes). Total 2 exemplares: *Didelphys* 2.

AVES.—Verifiquei a existencia de 90 exemplares de aves empalhadas, sendo a proporção numerica entre as diversas familias a seguinte:

a) Raptatores (Rapineiros). Total 23 exemplares: *Diurnos* 20—*Nocturnos* 3.

b) Scansores (Trepadores). Total 5 exemplares: *Psittaci* 2—*Picidae* 1—*Ramphastidae* 1—*Cuculidae* 1.

c) Scansoroides Total 6 exemplares: *Caprimulgidae* 1—*Alcedinidae* 5.

d) Passeres Total 9 exemplares: *Icteridae*, *Tyrannidae*, *Cotingidae*.

e) Gallinae (Gallinaceos). Total 5 exemplares: *Cracidae*, *Opisthocomus*.

f) Grallatores. Total 30 exemplares: *Ardeidae*, *Plataleidae*, *Ciconiidae*.

g) Natatores. Total 12 exemplares: *Anatidae*, *Pelecanidae*, *Podicipidae*.

REPTIS.—Achei diminuta quantidade de exemplares empalhados pertencentes a esta classe de vertebrados— o total importa apenas em sete especimens, a saber:

a) *Crocodylia* 2.

b) *Sauria* 2.

c) *Chelonia* 3.

AMPHIBIOS.—Especimens preparados d'esta classe não os ha até agora no Museu Paraense.

Existem alguns (muito poucos), conservados em alcool (*Hylidae*, *Bufonidae*).

PEIXES.—Peixes preparados só existem 5: 2 Pirarucus (*Vastres*), 2 *Diodon*, 1 *Siluroide* (*Hypostoma*).

*

Quanto aos mamíferos é de accrescentar que além dos exemplares empalhados, existe um certo numero de peles, 2 de onça pintada, 1 de onça preta, 1 de onça vermelha, 1 de gato do mato, 1 de veado, 2 de tamanduá-bandeira, 1 de preguiça, 1 de cotia, 1 de quaxinim, 1 de coati, 1 de lobo; alguns craneos isolados, de (onça), de (veado), de (jacaré) — objectos na maioria lesados e pouco ou nada prestaveis para as collecções. Tem mais uns poucos de fétos de mamíferos em alcool (paca) e alguns productos teratologicos, sem real importancia.

Quanto aos reptis, conservados em alcool, o inventario resa 105 especimens. Ha porém poucos entre elles que sejam realmente bem conservados; quasi todos estão descoloridos e pallidos, alguns cobertos de cogumellos que trahem a decomposição completa. A maioria compõe-se de Ophidios (cobras; de Saurios (lagartos) ha bem poucos; assim como de Crocodilios (jacarés).

Em relação aos peixes conservados em alcool, o inventario demonstra a existencia de 27 exemplares, sendo o estado de conservação o mesmo.

MOLLUSCOS.— Existe uma agglomeração de conchas, bivalves e univalves, tudo sem letreiro, e como logo verifiquei na occasião, infelizmente de origem exotica para a Amazonia.

CRUSTACEOS.— D'esta classe de invertebrados quasi não ha nada, existindo unicamente um quadro parietal com meia duzia de crustaceos Decapodes (Palaemon, Peneus, Lupea, Dilocarcinus) preparados, mas sem letreiro.

INSECTOS.— Examinou-se logo com todo o cuidado o conteúdo dos 21 quadros, nos quaes se achava guardada a collecção entomologica. O resultado é o seguinte: De especimens, que ainda serão aproveitaveis no futuro, existem relativamente ás diversas ordens:

1) 519 *Colcopteros* (besouros) a saber:

115 *Cerambycides*.

105 *Lamellicorniac*.

10 *Buprestidac*.

140 *Curculionidac*.

73 *Chrysomelidac*.

17 *Elateridac*.

3 *Tenebrionidac*.

40 *Erotylidac*.

- 16 *Especimens pertencentes a diversas familias.*
II) 8 *Hymenopteros* (Abelhas, marimbondos).
III) 16 *Lepidopteros* (Borboletas).
IV) 3 *Orthopteros* (Gafanhotos, Baratas).
V) 3 *Hemipteros* (Cigarras).

Incluiu-se no total acima declarado ainda 1 Myriapodo (Centopeia) e 1 Arachnido (Aranha). Tudo o mais é imprestavel para o Museu; pôde, porém ainda servir como material demonstrativo para um estabelecimento de ensino, em falta de cousa melhor. Este resto a eliminar-se é constituido do seguinte modo:

- 246 *Coleopteros.*
88 *Lepidopteros.*
32 *Orthopteros.*
69 *Hemipteros.*
42 *Hymenopteros.*

26 *Dipteros*, acrescentando-se ainda 4 Arachnidos e 1 Myriapodo.

Temos, portanto, dentro da collecção total com 1.052 (1.059) especimens, logo uma deploravel scisão em duas partes, uma aproveitavel com 594 (551) exemplares e uma para eliminar-se com 503 (508) exemplares, esta ultima importando quasi em 50 % do total. Uma comparação dos dados acima indicado ensina tambem, que a proporção mutua, relativamente ás diversas ordens, só fica de algum modo satisfactorio em relação aos Coleopteros (119) aproveitaveis contra 246 a eliminar, ao passo que nas outras ordens a proporção é realmente calamitosa devendo-se eliminar (ou porque desde o principio não foram devidamente preparados ou porque estragaram-se posteriormente), por exemplo, entre os Lepidopteros (Borboletas), perto de 80 %; entre os Orthopteros perto de 60 % e assim por diante. É quasi ocioso, dizer-se, que nenhum objecto entomologico possuia letreiro, indicando nome ou proveniencia.

*

Resumirei o meu julgamento sobre as collecções zoológicas aqui existentes do seguinte modo:

a) Numericamente ellas estão em opposição directa com a proverbial riqueza faunistica do Amazonas. São simplesmente pobres e muito deficientes.

b) Taxidermicamente ellas não satisfazem de modo al-

gum. A maioria são velhos alcaides e muitos estão até abaixo de toda e qualquer critica (mamíferos, passaros).

c) Systematicamente nem vestígios se descobre de uma séria tentativa de determinar e classificar os diversos objectos e o que se lê nos lettreiros de certos vertebrados são geralmente verdadeiros descabros, indignos da descripção do edificio.

Muitas ordens da fauna amazonica não são representadas nem sequer por um modesto principio e o que ha no Museu da nossa fauna está em tal estado, que a substituição se torna urgentissima. Pouco ha, e isto ainda pouco presta. É principiar-se de novo!

b)—Collecções botanicas

Como o inventario demonstra, as collecções botanicas limitam-se, na sua essencia, a uma pequena série de amostras de madeiras. Outra cousa não ha, falta tanto um herbario, como qualquer outra collecção de fructas, flores, etc., em estado, secco ou conservado em alcool.

É, por conseguinte, um lado, até agora, por assim dizer, ainda não cultivado e representado no Museu Paraense.

c)—Collecções mineralogicas e geologicas

Existe um principio de uma collecção relativa a estes ramos de sciencias naturaes. Porém pouco é. Os especimens mineralogicos são evidentemente na maioria de origem exotica, para a Amazonia, e tambem pelo seu aspecto uniforme e as diminutas dimensões logo trahem o seu character de collecção de amostras compradas no estrangeiro. O que ha relativamente á geologia é o que algum acaso forneceu—collecção methodica não é. A impressão geral que se obtém logo á primeira vista é que evidentemente este lado do Museu Paraense tem sido completamente desamparado até agora, que nunca gosou do tratamento e desenvolvimento, que um especialista na materia lhe poderia dispensar, imprimindo-lhe uma feição profissional, e não a de méro dilettante como ella se observa agora.

d)—Collecções ethnologicas

O que positivamente mais me surpreendeu, quando assumi a direcção d'este Museu, foi o chãos existente n'esta secção.

A collecção é pequena, mas desde muito orientado sobre os diversos factores, que contribuíram para reduzi-la ás dimensões modestissimas de hoje, eu não teria me preocupado com este ponto. Mas encontrar talvez umas 150 flechas, perto de uma duzia de arcos, além de maracás, remos, enfeites de pennas, collares, machados de pedra, etc., tudo sem letreiro, nem indicação alguma de proveniencia? Isto é mais que funesto e quasi disperta a suspeição que houve quem tivesse um interesse especial de produzir intencionalmente este estado chaotico, valendo-se do conhecimento da circumstancia, que objectos ethnographicos de origem incerta pouco ou nenhum valor possuem.

Accentuo particularmente esta observação devéras desagradavel. Vejo-me obrigado em prol da probidade scientifica (que o Museu Paraense deverá observar como stricta norma de conducta não só em relação ás sciencias naturaes, como mui particularmente tambem no terreno da ethnologia Amazonica) a encostar a maioria d'estes instrumentos de indios, ou a degradal-os a um uso méramente ornamental e principiar de novo.

Teremos de colleccionar nós mesmos e desde já seja archivado aqui um appello ao patriotismo do povo do Pará, de auxiliar-nos efficazmente em preencher quanto antes uma lacuna no nosso Museu que ameaça tornar-se quasi uma vergonha publica. É duro, reconhecer, que teremos de crear collecções mesmo n'esta secção e que nem se encontram no Museu, por assim dizer, bases solidas e fidedignas para um principio!

Quanto á archeologia e anthropologia—o mesmo aspecto de pauperismo. Uns cacos de içaabas aqui, uns fragmentos de craneos acolá, por assim dizer nada de inteiro, de completo, nenhuma série de objectos da mesma natureza, que dêsse o direito de empregar o termo de collecção. Ora, é publico e notorio quantas collecções bellas e ricas tem sido desenterradas de certas localidades do sólo paraense—muitas vezes com o auxilio official—material que se espalhou sobre a terra inteira, formando preciosos ornamentos até em Museus longinquos. Não menos sabido é o modo pelo qual

o Museu Nacional, do Rio de Janeiro, enriqueceu-se, ainda não ha muitos annos, ás expensas incontestaveis do Museu Paraense, com avultado numero de objectos preciosos oriundos de Marajó e de outros pontos da Amazonia, levando a directoria, a titulo de «emprestimo» e com o pretexto de dar maiores dimensões a uma tal «Exposição anthropologica» a realisar-se na Capital Brasileira, o quinhão maior do que de bom havia aqui no Pará, collecções representando o suor do rosto e o trabalho indefesso de homens da estatura de um Ferreira Penna! Nada voltou, nada foi dado em troca e natural é, que no Rio de Janeiro a recordação d'aquella divida de honra contrahida hoje já é tão pallida, que amanhã talvez seja completamente extincta. Ficaremos decididamente só com aquelle «recibo» na mão com o valor de uma «acção *à fond perdu*?»

c) — Outras collecções

Existem, no Museu Paraense, certas outras collecções, que não têm relação alguma directa com as sciencias naturaes, a saber: uma collecção numismatica (sobre a qual informa o inventario annexo do meu antecessor), armas de fogo, pentes de tartaruga, uma vitrine com jornaes antigos, notas antigas (verdadeiras e falsas), inscripções, tabellas explicativas sobre a receita publica do Estado do Pará em annos anteriores, certo numero de quadros da familia ex-imperial, evidentemente removidos das repartições publicas no momento da transformação do Brazil em Republica.

Proponho e insisto na separação d'estas collecções do Museu reorganizado, convindo que o futuro Instituto conserve estrictamente o character de estabelecimento para a cultura das sciencias naturaes e da ethnologia amazonicas. Aquellas collecções, das quaes eu desejo vêr-me livre quanto antes, poderiam perfeitamente formar o principio de um «Gabinete Historico», de organização independente e talvez a cargo de uma sociedade de Estudos Paraenses, secção historica, ampliando-se e augmentando-se ellas, com o tempo, com livros, documentos, mappas, objectos antigos, etc., que se relacionassem, de qualquer modo, com o passado recente, ou o mais remoto da Historia do Pará e do valle do Amazonas. Ouso aventar esta idéa, que crearia uma instituição nova não só util e interessante, como certamente sympathica ao publico Paraense e teria a manifesta vantagem de dar um

destino e futuro conveniente a certas collecções do actual Museu, que eu não posso deixar de considerar como incompatíveis com o character e o espirito do novo Museu.

Quanto aos animaes vivos que actualmente se acham guardados no Museu (com certo incommodo de natureza administrativa, visto que o antigo Regulamento não prevê verba para esta eventualidade), poderiam estes passar para um Jardim Zoologico em contacto com o futuro Museu.

f)—**Mobilia do Museu e material de conservação**

A mobilia do Museu e o material de conservação são pequenos, mas satisfaziam em relação ao diminuto numero dos objectos até agora existentes. O espaço vazio, porém, que se nota em diversos armarios com mamíferos e passaros, nos quadros parietaes que contêm a collecção entomologica, é manifesto testemunho do pouco zelo que havia em augmentar estas collecções, que evidentemente conservaram-se durante annos já em phase completamente estacionaria.

Não se notam accrescimos recentes.

A mobilia já existente poderá ser aproveitada, mas não chegará de longe para as necessidades do Museu reorganizado. É preciso cogitar-se quanto antes na aquisição de armarios e vitrines apropriadas e espaçosas para as collecções a expôr-se ao publico.

O material de conservação carece de urgente reforma radical. Já quasi não ha mais nada de aproveitavel (nem alcool, nem vidros, nem drogas, etc.), e é provavel que mesmo nunca o Museu Paraense possuisse este material tão bem escolhido e completo, para poder corresponder a todas as necessidades que se fazem sentir nas diversas secções de um bom Museu em pleno andamento. Dosapparelhos, de caça e pesca não ha mais um objecto, que não careça de concertos.

g)—**Bibliotheca**

Uma bibliotheca propria do Museu não existe e isto constitue certamente um dos melhores criterios para se julgar do seu estado actual. Como ha de se determinar objectos de historia natural sem obras systematicas?

O Museu Paraense deve ter sua bibliotheca, e até uma muito boa sobre sciencias naturaes e ethnologia, especialmente em relação a tudo que diz respeito á Amazonia.

h) — Edificio

Como se sabe, o Museu compõe-se de um edificio contendo as collecções e um appendice atraz, servindo de «sala de dissecação». O primeiro é de aspecto sympathico, mas as suas dimensões exteriores trahem logo, que não se trata de outra cousa senão de um Museu em miniatura, de um méro «Gabinete». Não permite augmentar nem pelos fundos, nem verticalmente por um segundo andar, nem lateralmente, havendo valiosas razões tanto de ordem esthetica como de ordem architectonica contra qualquer das eventualidades enumeradas.

Convenci-me, tambem desde logo, que o estado de conservação deixa a desejar, havendo gotteiras e os telhados necessitando de concertos. Poderia o actual edificio do Museu servir no futuro como «Gabinete Historico», na fórma acima estipulada, mas não serve absolutamente para o Museu reorganizado. É preciso a mudança, quanto antes, para um edificio apropriado que permita o desenvolvimento e augmento das collecções, pelo menos para um certo numero de annos e que dê talvez tambem occasião para organizar-se certos annexos desejaveis, como por exemplo um modesto Jardim Zoologico e um pequeno Horto botanico.

i) — Pessoal

Serei succinto n'este ponto. É preciso que haja menos administradores e mais trabalhadores! É preciso que o Museu cêsse de ser uma repartição publica propriamente dita e se torne antes uma officina scientifica—*venia sit verbo!* Tirar o centro de gravidade do terreno administrativo e pô-lo, onde deve ser posto, no terreno da sciencia, isto consitue, a meu vêr, um dos mais importantes factores a ponderar-se na organização do futuro Museu Paraense. Maxima simplificação em todas as suas relações administrativas em prol do verdadeiro fim e destino do estabelecimento—eis minha principal recommendação, que faço baseando-me na ampla experiencia adquirida algures!

j) — Regulamento

O regulamento até agora vigente é simplesmente inaproveitavel, tanto no geral como nos pormenores. Não contesto, que certamente elle se originou em boas intenções, mas não menos certo é, que a sua redacção deixa perceber completa inexperiencia da organização de Museus em outras partes do mundo, e que ella nos causa a mesma impressão que se sente no folhear um código legislativo medieval. E fazer-se outro, moldado sobre bases melhor assentes e adaptadas ás necessidades de um Museu no pé dos bons estabelecimentos congeneres, qual o deseja vêr creado aqui no Pará um Governo tão amigo do progresso material e intellectual de sua terra natal.

*

Pouco edificante é o quadro descortinado n'estas linhas, do estado, em que achei o Museu Paraense no momento de assumir a direcção. Fui franco e leal na apreciação, e não tratei de encobrir cousas, que n'uma Republica pertencem ao fôro popular.

A minha critica não tem nada de tendencial; se não posso louvar de um lado, também não censuro do outro lado com a simples intenção de desfazer a obra dos meus antecessores. Desejo vêr o Museu Paraense grande e digno do seu nome, respeitado nos circulos scientificos e com o papel que lhe compete no certamen internacional em prol dos bens intellectuaes da humanidade.

O meu julgamento sobre o estado actual do Museu Paraense — me é um verdadeiro consolo sabel-o de antemão — não surprehenderá muito V. Ex.^a. V. Ex.^a foi quem com a maior franqueza, tinha já formulado uma opinião identica nas cartas a mim dirigidas antes da minha vinda e com o papel lealdade tinha-me esboçado a ardua tarefa que me esperava com a reorganização.

Sr. Governador, V. Ex.^a não me tinha encarregado formalmente da redacção do presente relatorio. Julgo, porém, que V. Ex.^a nutria este desejo como cousa que estava subentendida e portanto não precisava de ordem expressa. Além d'esta argumentação, parecia-me ser de interesse e vantagem geraes, erigir uma especie de marco separativo

entre o passado e futuro do Museu — marco visível e que conste para todo o tempo. — Saúde e fraternidade.

A S. Ex.^a o Sr. Dr. Lauro Sodré, Dig.^{mo} Governador do Estado do Pará.

Belem, 28 de Junho de 1894.

O Director do Museu Paraense,

DR. EMILIO AUGUSTO GOELDI

ANNEXO

RELAÇÃO DOS OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU PARAENSE

Zoologia. — 27 peixes de diferentes especies conservados em alcool, 105 reptis diversos conservados em alcool, 3 crustaceos conservados em alcool, 8 reptis vivos entre os quaes acha-se um enorme sucurijú medindo 3 metros de comprimento sobre 20 centimetros de largura, 21 quadros contendo em exhibição insectos de diferentes familias, 2 quadros com vistas, 29 ossos de cetacéos e outros grandes animaes, 28 ovos de diversas aves, 86 aves empalhadas, 1 vitrine grande contendo em exposição innumerables conchas, 10 frascos contendo em conservação fétos de diversos animaes, 2 tuyuyús vivos, 1 cabeça de peixe gurijuba, 1 jacaré-assú empalhado, 1 dito tinga, 2 peitos de jacaré, 1 gavião real pegando uma preguiça, ambos empalhados, 2 peixe espinhos, 1 grande unha de tatú-assú, 1 dita de tamandá-bandeira, 1 dente de elephante, 2 pedaços de dito polidos, 4 garras de gavião com unhas, 1 moreco branco, 1 bico e papo de pelicano, 1 caixa contendo olhos de passaros e de bichos, 2 jacuararús empalhados, sendo um grande e um pequeno, 49 quadrupedes e quadromanos empalhados, 1 queixada de peixe, 2 casas grandes de formigas, 6 espinhas de peixe, 5 serras de espadartes, sendo 3 pequenas e 5 grandes, 5 pedaços de chifres de reados, 7 caveiras de veado completas, 3 ninhos de japiim, 6 pelles de giboia, e 1 pirarucu grande conservado em alcool.

Mineralogia. — 2 vitrines grandes contendo mineraes diversos, 2 ditas pequenas, 10 caixas pequenas contendo amostras mineralogicas, 824 mineraes diversos, como sejam: agathas, topasios, chrystaes, fragmentos de quartzo e pedaços de outras rochas não classificadas, 5 xy-lolithes, 4 zoolithos, 1 fragmento de aerolitho, e 7 amostras de aluminium.

Botanica. — 58 amostras de diversas madeiras reaes, 11 raizes exóticas, notaveis pela exquisitez da forma, 1 ouriço de churú, 1 roda de madeira contendo uma inscrição, 1 galho de arvore contendo um ninho de passarinho.

Anthropologia. — 1 urna funeraria contendo ossada humana, 14 pedaços de urnas funerarias (igacabas) 1 mão de mumia egypcia.

Artefactos indigenas. — 176 armas indigenas, entre as quaes temos

1 escudo de madeira, 7 arcos, 5 chuchos, 6 lanças, 5 tacapes, 1 ubá com 8 remos.

Objectos de uso indigena. — 1 maracá de fructas, 1 memby, 1 maracá, de buzios, 3 tomatias de barro, 1 dito de algodão, 5 urupês, 28 machados de pedra, 1 massa de flexas ervadas, 3 colheres indigenas, 1 archote, 32 enfeites de pennas de ave, 7 enfeites de missangas, 3 ditos de fructinhos, tambem 1 collar pequeno feito de côco, 2 pentes de pa-xiúba, 4 cuias de barro pintadas, 1 sceptro de madeira em tecido de palha, 2 adornos de palha de contas e de pedras, 3 bustos humanos, trabalho mui tosco, 3 vasos de barro pintados, 1 pote, idem, 4 bacias, idem, 1 bacia e um jarro de madeira, 1 cesto tecido de palha, 3 ralos de madeira com pedras engastadas, 1 dito pequeno, 1 panella de barro contendo veneno curari, e 1 cesto tecido de tallas.

Numismatica. — 452 moedas de bronze e cobre de differentes paizes, 155 moedas de prata das quaes 48 desapareceram, 5 moedas de ouro, 21 moedas de nickel, 1 medalha representando a alliança do Brazil aos Estados-Unidos da America (1890), 1 medalha (10 de Junho de 1880) commemorativa do tricentenario de Camões, 1 medalha idem da Exposição de Paris (1889), 1 medalha idem do Ministerio das Finanças Francezas (1789), 1 medalha idem da Torre Eiffel, 1 medalha de premio de applicação concedida pela sociedade «Litteratura, Sciencias e Lettras», 1 medalha commemorativa da liberdade dos servos da Russia, 1 caneta e penna de ouro com que o Dr. José Paes de Carvalho assignou a Constituição do Estado do Pará, 1 nota brasileira de 100\$000, 2 notas brasileiras de 20\$000 (1833-1835), 1 dita de 2\$000 do Estado do Amazonas, 1 dita de 500 réis do mesmo Estado (1891), 1 dita brasileira de \$000 (1836), 1 dita do Paraguay de 5 pesos, 3 ditas Argentinas de diversos pesos.

Objectos historicos. — 1 balaustre da cama de Marília de Direção, 6 armas do combate de Cacoalinho, 1 livro de actas do Club Republicano dos Academicos do Recife, 2 patentes militares, 5 conhecimentos do tempo de D. João IV, resposta de uma carta escripta a Francisco de Souza Coutinho, 1 corôa de pedra brasileira.

Objectos diversos. — 1 taboca de rede, 22 fragmentos de igaçabas, 2 anjos dourados, obra de madeira, 1 par de castiças obra antiga, 1 copo de vidro, 1 grande espora, 1 tigella e pires de louça antiga, 1 copinho chinez, 8 pentes de tartaruga em perfeito estado e 2 quebrados, 1 arbusto petrificado, 2 caixinhas de madeira, 1 caveira de onça, 1 dita de porco, 2 ditas de jacaré, 1 casco grande de tatú-assú, 2 linguas de pirarucú, 2 taquarús, 1 paliteiro de madeira, 1 espanador de rabo de cuaty, 1 cruz de madeira, 1 aracapá, 2 fruteiras feitas de côco, 1 lata de sardinhas conservadas, 7 pratos com differentes fructas tambem conservadas, 1 busio de barro, 1 bengala com o gastão de um dente de onça, 1 charão de barro com 3 chicanas e pires, 1 bacamarte pertencente aos indios do Tocantins, 1 panella de pedra (Minas Geraes), 1 urupema, 1 par de charlotes tecido de palha, 2 mangas para candieiro tecido de palha, 3 bolças tecido de palha, 1 esteira idem, 2 dentes de animaes anti-diluvianos, 1 pyramide de pedra.

Moyeis e objectos de uso. — 8 vitrines grandes contendo em exposição diversos animaes, 1 grande vitrine sestavada com artefactos indigenas, 2 grandes vitrines com mineraes, 2 ditas menores, 1 armario com artefactos indigenas, 1 vitrine com moedas, 1 dita com notas de diversos paizes, 1 vitrine para numismatica, 1 vitrine com pentes de tartaruga, 1 dita com amostras de vegetaes, 4 caixas de madeira, 1 armario com o archivo, 1 mesa do Director, 1 dita do Porteiro, 1 car-

teira do Amanuense, 5 bancos para os visitantes, 7 cadeiras de palhinha, 1 dita de braço, 1 môcho, 1 columna com pedra marmore, 1 filtro, 1 lavatorio com caixa, 20 escarradeiras, 1 relógio, 2 tapetes grandes para o salão, 2 ditos menores, 1 escada grande, 1 dita pequena, 2 reposteiros, 1 espelho, 4 tinteiros, 2 limpa-pennas, 1 tympano, 3 pesos de vidro, 2 copos para agua, 3 mappas, 1 retrato do Capitão-tenente Huet Bacellar, 1 carimbo de borracha, 1 mesa, 2 cabides, 2 maços de barbante, 4 caixas com cartuchos para espingardas, 1 balança e pesos, 1 caixa com ferramentas, 2 espingardas, 1 pedra para dissolver tinta, 1 lata com chumbo, 1 maço de arame, 1 kilo de alvaiade, 6 latas com espoletas, 5 polvarinhos, 3 facas pequenas, 1 canivete, 2 cartucheiros, 2 caixas com capsulas, 1 dita com buchas, 12 caixinhas com cartuchos, 8 frascos vazios, 3 enfiadas de linha, 1 maço de papel para embrulho, 8 garrafas grandes com alcool, 12 ditas menores.

Sala de Dissecção. — 3 armarios envidraçados, 1 meza com pedra de marmore, 2 lavatorios, 2 tesouras, 2 serrotes, 1 raspadeira, 2 pás, 1 terçado com bainha, 3 bacias, 4 limas, 2 martellos pequenos, 1 ancinho, 1 formão, 3 escovas, 50 peanhas, 1 carrinho de ferro, 1 cavador, 4 maços de arame, 1 ferro de cóva, 6 alicates, 1 regador, 1 pedaço de pedrahume, 1 boião com chlorureto, 1 massete, 3 bolões de cera, 1 panella de ferro, 2 fogões para alcool, 1 vidro com arsenico, 1 dito com sulfato de zinco, 2 fardos de algodão, 2 ditos de capim, 1 púa, 1 frasco com alcool, 1 vidro com verniz-virgem, 1 frasco com salitre, 1 vidro com tinta rocho-terra, 1 banco de acapú, 1 ferro de abrir latas, 1 lata com pêz, 1 garrafão com agua destillada, 1 pillão de vidro e 1 frasco de alcool.

Pará, 28 de Dezembro de 1893.

O Director interino, —RAYMUNDO M. S. PORTO

IV

* Regulamento do Museu Paraense

CAPITULO I

Do Museu Paraense, seu fim e caracter

ARTIGO 1.º— O Museu Paraense terá por fim o estudo, o desenvolvimento e a vulgarisação da Historia Natural e Ethnologia do Estado do Pará e da Amazonia em particular e do Brazil, da America do Sul e do continente americano em geral; esforçando-se para conseguil-o:

1.º por collecções scientificamente coordenadas e classificadas; 2.º por conferencias publicas espontaneamente feitas pelo pessoal scientifico do Museu; 3.º por publicações.

CAPITULO II

Da organização do Museu

Art. 2.º—O Museu Paraense comprehenderá quatro secções:

1.ª—Zoologia e sciencias annexas (anatomia e embryologia comparadas.)

2.ª—Botanica e ramos annexos.

3.ª—Geologia, paleontologia e mineralogia.

4.ª—Ethnologia, archeologia e anthropologia.

Art. 3.º—Poderá ter o Museu, como annexos, um Jardim Zoologico, um Horto Botanico e uma ou mais Estações Biologicas no rio Amazonas e na Costa do Atlantico.

CAPITULO III

—Da administração—

Art. 4.º—O pessoal do Museu será dividido em duas classes:

1.º—O scientifico.

2.º—O administrativo.

Art. 5.º—O pessoal scientifico constará de:

1 Director.

1 Chefe da secção zoologica.

1 Dito da secção botanica,

1 Dito da secção geologica.

Art. 6.º—O pessoal administrativo constará de:

1 Sub-director.

1 Amanuense.

2 Preparadores de zoologia.

1 Dito de botanica.

1 Dito de geologia, etc., etc.

1 Zelador-porteiro.

4 Serventes (um para cada secção).

Art. 7.º—Ao Director compete:

1.º—Cumprir e fazer cumprir fielmente o presente regulamento.

2.º—Propôr ao Governador pessoal idoneo para os cargos que devem ser providos por portaria ou contracto.

3.º—Distribuir e fiscalisar os differentes ramos de serviço

a cargo das quatro secções, dando as instrucções necessarias para a boa marcha scientifica de cada uma d'ellas.

4.º—Determinar o objecto, a duração e a extensão das excursões, explorações, excavações, ás quaes o pessoal scientifico fôr chamado, attentas ás conveniencias do Museu.

5.º—Estabelecer e activar relações com os Museus, Institutos, Corporações scientificas nacionaes e estrangeiras para a permuta de publicações; bem assim com os especialistas para a troca, determinação e classificação de collecções parciaes, podendo, para esse fim, fazer quaesquer concessões que o caso exija.

6.º—Nomear membros correspondentes e honorarios dentro e fóra do Estado.

7.º—Organisar, de accôrdo com o pessoal scientifico, a Bibliotheca do Museu.

8.º—Apresentar ao Governo as providencias que entender convenientes ao desenvolvimento do Museu.

9.º—Organisar o Regimento interno do Museu, para fiel observancia d'este Regulamento, submettendo-o á approvação do Governador.

10.º—Dirigir ou mandar dirigir por um dos chefes de secção, provisoriamente, a secção de ethnologia, etc., emquanto o desenvolvimento d'esta não torne necessario a nomeação de pessoal proprio.

11.º—Apresentar ao Governo as bases para o orçamento do Museu.

12.º—Apresentar ao Governo, até o fim de Dezembro, o relatorio do movimento scientifico e administrativo do anno antecedente.

13.º—Representar o Museu em todos os actos publicos.

Art. 8.º—O Director poderá ausentar-se do Museu, todas as vezes que fôr necessario para excursões dentro do Estado ou em toda a região do Amazonas, dando previamente sciencia ao Governo.

Art. 9.º—Aos chefes de secção compete:

1.º—Cumprir e fazer cumprir as instrucções, que para a boa execução dos serviços a cargo das secções, lhe forem transmittidas pelo Director.

2.º—Coordenar e classificar, segundo as regras scientificas, os objectos pertencentes a cada secção, e organizar os seus respectivos catalogos.

3.º—Informar detalhadamente ao Director acerca dos resultados scientificos alcançados em viagens e explorações; assim como sobre investigações originaes realizadas no Museu.

4.º—Reservar de preferencia para as publicações do Museu os fructos dos seus trabalhos scientificos.

5.º—Apresentar ao Director até o fim de Novembro uma exposição summaria sobre o movimento scientifico das respectivas secções.

Art. 10.º—Ao Sub-director compete:

1.º—Executar e fazer executar as ordens emanadas da Directoria sobre os serviços a seu cargo.

2.º—Redigir (e assignar na ausencia do Director) todo o expediente administrativo.

3.º—Receber, trimestralmente, do Thesouro quantias que forem necessarias para despezas de character urgente e que forem adiantadas por ordem do Governo, prestando contas de um trimestre antes do recebimento do trimestre seguinte.

4.º—Fazer os lançamentos da receita e despeza do Estabelecimento; e ter sob sua guarda devidamente archivados os documentos relativos á administração.

5.º—Ter a seu cargo, provisoriamente, a Bibliotheca do Museu.

6.º—Representar o Museu no impedimento do Director.

Art. 11.º—Aos preparadores compete:

1.º—Preparar com accio e promptidão todos os objectos que lhes forem fornecidos pelo Director e pelos chefes de secção.

2.º—Acompanhar, nas excursões, o Director ou os chefes de secção, quando tenham de fazer qualquer viagem, coadjuvando-os, pelos meios ao seu alcance, na formação de collecções e contribuindo com todo o zelo para o bom exito da expedição.

Art. 12.º—As funcções dos demais empregados se acharão determinadas no regimento interno.

CAPITULO IV

—Das conferencias—

Art. 13.º—Poderá haver conferencias publicas feitas pelo pessoal scientifico, sobre assumptos que se prendam com os diversos ramos cultivados no Museu; sendo este um dos melhores meios de pôr o Museu em contacto com o publico e patentear a sua vitalidade.

CAPITULO V

—Das publicações—

Art. 14.º—O Museu Paraense publicará, com intervallos indeterminados e á proporção do material existente, uma revista de pequeno formato intitulada *Boletim do Museu Paraense*, com o fim de tornar rapidamente conhecidos certos estudos e resultados sobre assumptos de Historia Natural e Ethnologia, que significam um real adiantamento dos conhecimentos humanos e são apropriados a accelerar a exploração methodica da Amazonia em especial e da America em geral. O dito *Boletim* servirá igualmente de meio de publicação sobre questões da historia, marcha e desenvolvimento do Museu.

Art. 15.º—Com o desenvolvimento ulterior do Museu, poderá haver uma outra publicação, de formato maior e illustrada com estampas, com a denominação de *Memorias do Museu Paraense*.

Art. 16.º—A redacção d'estas revistas ficará a cargo do Director e do pessoal scientifico.

Art. 17.º—A distribuição será gratuita e ao arbitrio do Director.

CAPITULO VI

Das nomeações e substituições

Art. 18.º—Todo o pessoal do Museu, excepto os serventes, será nomeado ou contractado pelo Governador, mediante proposta do Director, sobretudo no que diz respeito ao pessoal scientifico e preparadores.

Art. 19.º—Para os cargos scientificos, quer por nomeação quer por contracto, são condições: 1.º ter cursado academias ou universidades onde o ensino das sciencias naturaes occupe um lugar notoriamente proeminente; 2.º ter estudos aprofundados sobre a sua especialidade e, se fôr possivel, trabalhos originaes; 3.º ter probidade scientifica.

Art. 20.º—O Director, no caso de impedimento será substituido, na parte administrativa pelo Sub-director e na parte scientifica pelo chefe de secção que elle designar.

Art. 21.º—Os chefes de secção serão substituidos uns pelos outros, attendendo a affinidade mutua das differentes secções.

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 22.^o—É expressamente prohibido a todos os empregados do Museu negociar, isto é, vender objectos de Historia Natural e de Ethnologia, assim como acceitar incumbencias particulares com o fito de lucros materiaes e pessoas.

Art. 23.^o—Com o fim de obstar o nocivo esfacellamento litterario, o Museu Paraense considera, como principio dominante do seu programma de trabalho e suprema regra na escolha das suas relações exteriores, auxiliar efficaçamente (por correspondencias, publicações, remessas de collecções), os especialistas, corporações, Museus, que tomem parte na «Flora Braziliensis» de Martius e seus successores, na «Fauna Braziliensis» de Goeldi e outros e em outras obras collectivas congeneres, que têm por fim a exploração methodica e racional do Brazil e da America do Sul ou aquelles, que de qualquer outra maneira, deem uma garantia sufficiente pela elaboração prompta do material que lhes fôr confiado.

Art. 24.^o—Poderão ser admittidos praticantes, que queiram dedicar-se ao estudo da Historia Natural, quando d'isto não resulte inconveniente ao serviço do Museu, a juizo do Director.

Art. 25.^o—O Museu estará franco ao publico, em geral, aos domingos e quintas-feiras, das oito ás doze horas da manhã. As pessoas, porém, que tenham negocios com o Museu ou que queiram fazer offertas, os naturalistas e viajantes de passagem por aqui serão recebidos a qualquer hora.

Art. 26.^o—O Jardim Zoologico, Horto Botanico e as Estações Biologicas, previstas no art. 2.^o terão suas organizações proprias ficando porém a direcção do primeiro a cargo da 1.^a secção; a do segundo a cargo da 2.^a secção e as Estações Biologicas a cargo das 1.^a e 2.^a secções.

Art. 27.^o—Os cargos, creados pelo presente Regulamento, serão providos á medida que o reclamarem as necessidades do serviço.

Palacio do Governo do Pará, 2 de Julho de 1894.

LAURO SODRÉ.

PARTE SCIENTIFICA

I

† ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA NO BRAZIL

POR DOMINGOS S. FERREIRA PENNA (1)

Em 1866 appareceu aqui a idéa de formar-se uma associação destinada a crear e fundar na Capital um Museu — no qual pouco a pouco se reunisse os numerosos *productos antigos e modernos* da industria dos Indios aproveitando-se ao mesmo tempo toda a sorte de objectos de Historia Natural que se podesse obter. — Era, por outras palavras, um *Museu archeologico e ethnographico* que se tratava de fundar, mas sem a ostentação de palavras pomposas que a sciencia regeita.

Ouvidos e consultados sobre esta idéa, dous dos mais distinctos paraenses, não só acolheram-n'a com plena approvação, mas logo e de accordo com outros cidadãos trataram de propagal-a e dar-lhe desenvolvimento.

Em uma primeira reunião dos cavalheiros interessados pelo progresso intellectual da Provincia, reunião que se effectuou na sala principal do Palacio do Governo, foi resolvida a criação da Associação que tomou o nome de *Sociedade philomatica*, e na segunda reunião no mesmo Palacio ficou constituida a sociedade com a eleição da sua Meza ou Directoria que logo começou a trabalhar, e na mesma occasião se conferio ao futuro Museu o titulo de *Museu Paraense*.

A Meza da sociedade dirigio cartas aos mais distinctos cidadãos residentes nas cidades e villas do interior pedindo-lhes o seu valioso concurso em beneficio do Museu.

Na Capital muitos cidadãos, entre os quaes os Srs. Dr. Castro, Dr. Malcher, Coronel J. Diogo Malcher, Dr. Cantão e outros, — enviaram logo á Meza, cada um por sua vez, o que poderam obter para o Museu.

Foi, porém, do interior, como se devia esperar, embora com a demora indispensavel, que a Meza recebeu o maior

(1) Trabalho inedito, gentilmente offerecido ao *Boletim do Museu Paraense* pelo Sr. José Verissimo.

numero de objectos, os mais preciosos artefactos, taes como vestimentas de pennas e plumas; adufos ou tamborins, trombetas e tibicinas; armas de guerra; instrumentos de caça e pesca; machados de pedra, tembetás de quartzo branco; idolos de argilla, e vasos de barro, alguns muito ornamentados, e assim outros objectos.

Com estas collecções, que constituíram o nucleo do Museu, foi este afinal installado em Abril de 1867, depois de auxiliado com uma pequena quantia que o Presidente Dr. Leão Velloso, hoje Senador, mandou fornecer pelo Thesouro Provincial para a compra de moveis e outras despesas necessarias.

O Museu progredia, ainda que lentamente, augmentando suas collecções com os contingentes que lhe chegavam de diversas partes, e graças á contribuição espontanea de varios commerciantes e de dous particulares chegou mesmo a formar um importante nucleo de numismatica composto de moedas antigas, algumas medalhas, etc.

Um dos membros da Meza da Sociedade, tendo-se demorado algum tempo em Manáos, foi bastante feliz obtendo por mercê e gentileza de dous cavalheiros d'aquella Capital e trazendo para o Museu em 1869 uma estimada porção de artefactos archeologicos dos nossos Indios Uaupés e dos Indios Venezuelanos que habitam a curiosa região mesopotamica, quasi fechada pelo curso do Guainia, Inerida e Atabapo.

Mais tarde (em Fevereiro de 1872) o Museu recebeu das cabeceiras do rio Maracá uma porção de urnas mortuarias de um character até então novo para os archeologistas, contendo craneos e outros ossos humanos, preciosos testemunhos da veneração do antigo povo d'aquella região para com os seus maiores e seus chefes.

Em 1869 o Museu tomou um character quasi official quando, por ordem do Presidente, conselheiro José Bento, hoje Senador, deixou a casa em que mal se accommodava e passou a occupar uma parte do pavimento inferior da Directoria da Instrucção Publica. Esse character foi confirmado em Abril de 1871, por occasião de installar a Bibliotheca Publica, creada a esforços do Presidente Dr. Portella que deu então ao Museu o Regulamento pelo qual ainda hoje se rege.

Desde o começo de 1870 o Museu Paraense, não obstante estar ainda numericamente pouco enriquecido, attrahia já, pela importancia das suas pequenas collecções ethnographicas e archeologicas, a attenção dos naturalistas, viajantes e amadores das sciencias que vinham ao Pará, bastando apresentar

como exemplos os Srs. Layard, consul britânico fundador do Museu do cabo da Bôa Esperança; Professor Steere da Universidade de Michigan; Professor Hartt da universidade de Cornell, Dr. Crinne, Professor de anthropologia de Berlim, Drs. Reiss e Stübel, intrepidos exploradores dos volcões da America do Sul.

Ch. Fred. Hartt, antigo alumno d'Agassiz a quem acompanhou na viagem feita por esse sabio ao Brazil em 1860 e que pouco depois foi nomeado Professor de Geologia na Universidade de Cornell, preparou-se com os recursos de um amator opulento de New-York e partio de novo para o Brazil, preferindo porém d'esta vez a Provincia do Pará onde chegou em 1870 trazendo, além d'um botanista, seu collega, uma escolhida turma dos seus mais habéis alumnos, taes como entre outros os Srs. H. Smith, A. Derby, já muito conhecidos hoje por seus trabalhos scientificos.

Favorecido, como merecia, pelo Presidente Dr. Abel Graça que lhe prestou prompto e commodo meio de transporte, Hartt entregou-se logo com ardor a uma série de explorações e estudos sobre a geographia physica e mais exforçadamente sobre a geologia e archeologia do paiz. D'estas explorações que se estenderam até as cachoeiras do Tocantins e a um pouco acima de Itaituba no Tapajós e ao lago Arary em Marajó, o Professor apresentou os resultados em um relatório dirigido ao Presidente como unico testemunho que podia dar de sua gratidão.

Este relatório escripto por seu autor em portuguez correcto, foi a diligencias minhas copiado do autographo e enviado ao redactor e proprietario do *Diario do Gram-Pará* que, amigo sempre dos bons trabalhos, logo o publicou, no mesmo anno 1870.

Em 1871 veio continuar as suas explorações no Pará, trabalhando mais particularmente nos districtos do Tapajós e Mont'Alegre onde demorou-se visitando as terras visinhas, a serra do Ereré onde desenhou todas as *Pedras pintadas* e por ultimo a serra do Paranaquára, no districto da Prainha.

Mas antes d'esta segunda visita ao Pará, o Professor fez publicar em duas Revistas scientificas e mórmente no *American Naturalist*, do que remetteu para aqui e para as outras principaes cidades do Imperio onde tinha amigos, bom numero de exemplares de um extenso e importante artigo, illuminado por muitas figuras, no qual descreveu magistralmente uma variada porção de artefactos archeologicos como louça e outros vasos de uso domestico, urnas, idolos, etc., que,

por indicação minha, mandou por um dos seus Ajudantes extrahir do ceramio do Facoval do Arary.

Outros artigos seus appareceram uns no *Bulletim da Universidade de Cornell* e outros no *American Naturalist* de 1871 e 1872. Não mencionarei senão os dois que mais importantes são para a archeologia.

Refere-se o primeiro a um dos mais curiosos artefactos ceramicos que poudo produzir o povo que, em época ainda não determinada, dominava o paiz que hoje habitamos: — uma urna tubular, anthropomorpha, de rosto humano em relevo encerrando o craneo e os ossos longos de um homem. Este objecto precioso foi doado ao Museu pelo activo cultor das sciencias Dr. Francisco da S. Castro que o recebera de Maracá já bastante fracturado nos braços.

Hartt em uma das suas visitas ao Museu em 1870 desenhou e descreveu circumstanciadamente a urna e com a respectiva estampa publicou o seu artigo que attrahio a attenção dos principaes archeologistas.

O outro artigo é uma descripção igualmente magistral e completa, das *Pedras pintadas* da serra do Ereré, e das inscripções esculpidas em algumas rochas d'essa mesma serra nas da primeira cachoeira do Tocantins, ⁽¹⁾ bem como uma ligeira noticia das figuras, pela maior parte amorphas, gravadas nas pedras da serra da Escama ⁽²⁾ ao pé de Obidos e nas que existiam em Mont d'Argent, á foz do Oyapoke. O Professor illuminando este seu escripto com um crescido numero de estampas e figuras no texto, emittiu sobre cada objecto o seu autorisado juizo.

(1) Todos estes objectos foram desenhados pelo Professor e estampados no seu artigo.

(2) As figuras d'esta serra foram desenhadas em 1866 pelo Dr. José Virissimo de Mattos que teve a gentileza de offerecer-me em original os desenhos. Parecendo-me de muito interesse este trabalho que, alem d'isso, tinha o merito de ser n'este genero (com excepção sómente d'alguns desenhos das Pedras do Ereré, feito por Wallace) o primeiro que se executou na Provincia do Pará, eu o remetti com aquella declaração ao Professor que muito o apfeciou e o enserio entre as estampas do seu artigo.

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE

DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA



PARTE ADMINISTRATIVA

I

D. S. FERREIRA PENNA

NOTICIA SOBRE A SUA VIDA E TRABALHOS

Por JOSÉ VERISSIMO

Encetando o seu *Boletim* (*) com a biographia de Ferreira Penna, o Museu Paraense restaurado, não pretende sómente render um devido e justissimo preito de homenagem ao modesto scientista que foi o seu verdadeiro fundador. Instituição scientifica paraense, revivida ao esclarecido impulso de um nobre e alevantado desejo de dar a este futuroso estado todos os órgãos necessarios á sua civilisação, paga elle tambem uma parte, diminutissima embora, da divida ainda em aberto desta terra ao grande sabedor das suas coisas.

I

* Domingos Soares Ferreira Penna nasceu em 6 de Junho de 1818, na casa de campo de sua familia, no districto de Oliveira, municipio da cidade de Marianna, provincia de Minas Geraes. Foram seus paes Antonio Soares Ferreira e sua esposa D. Maria Joanna Lopes de Oliveira Penna.

(*) Não podemos encetar o nosso *Boletim* com a biographia de Ferreira Penna, apezar de ser de facto o primeiro trabalho que existia na nossa pasta, e tal ser a nossa intenção inicial. Demorou-se a execução do retrato encomendado na Allemanha, e assim só com o segundo numero tornou-se possivel a publicação, com a qual, estamos certos, agradaremos aos numerosos amigos de Ferreira Penna.

Belem, Janeiro—1895.

A REDACÇÃO

No Seminario d'aquella cidade, conforme informação de um antigo amigo d'esses tempos ¹ fez Domingos Soares, consoante o tratavam os seus contemporaneos de Minas, com aproveitamento notavel os estudos secundarios, quaes n'aquelles tempos se faziam.

Parece que cedo entrou no funcionalismo publico. Informa-nos a mesma fonte que em 1848 foi nomeado Official maior da Secretaria da Assembléa provincial, cargo que exerceu até o fim da legislatura, sendo d'elle demittido em 1850 pelo partido conservador. «Fundou então, diz o mesmo informante, em Ouro Preto *O Apostolo*, órgão de propaganda republicana, que manteve com brilho excessivo durante tres annos, tendo grande aceitação, assignaladamente entre o cléro, porque combatia a monarchia com os textos da Escriptura Santa.» Um dos Queirogas, o Dr. João Salomé, poeta, romancista e mais tarde magistrado, foi um dos seus collegas na redacção d'esta folha.

Poucas e discordes são as noticias do periodo da vida de Ferreira Penna, anterior á sua vinda para o Pará. Diz o Padre Camillo de Britto que a publicação do jornal cessou, ao cabo de tres annos, por ter o sujeito a quem era devido o resto do valor da typographia, lhe imposto a que pagasse essa divida ou convertesse em monarchista a folha. A nós, si não nos trahe a memoria, referio-nos uma vez Ferreira Penna, contando-nos factos da sua vida, que foram os proprios chefes liberaes, feitos um momento republicanos pela perda do poder e tornados de novo ás antigas idéas pela esperança de readquiril-o, que o obrigaram a suspender a publicação, impondo-lhe não sabemos que condições por elle rejeitadas. Um dos seus mais constantes e prestadios amigos ² diz que gosando Penna da intimidade do Conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, acompanhou-o ao Rio de Janeiro e d'ali a São Paulo, onde com elle, presidente da provincia, servio. Em que caracter não sabemos.

Depois empregou-se Ferreira Penna na Secretaria de Policia da Corte, escrevendo além disso em os jornaes, ao menos no *Jornal do Commercio*, segundo mais de uma vez nos disse. Cremos, sem poder assegurar-o, foi ahi que em 1853 publicou o *Necrologio de Marilía de Dirceu*, que havia

¹ Padre Joaquim Camillo de Brito, *O Paiz* do Rio, de 17 de Janeiro de 1888.

² Dr. Joaquim José de Assis, *Nota manuscripta* em nosso poder.

pessoalmente conhecido. D'esse trabalho não temos nós senão noticia. Como empregado licenciado da Secretaria de Policia veio elle para o Pará, acompanhando como Secretario do Governo o Presidente Tenente Coronel Manoel de Frias Vasconcellos. D'esse cargo tomou posse a 9 de Setembro de 1858.¹

N'este cargo que por varias vezes occupou, conforme d'elle o excluam ou a elle o chamavam as vicissitudes da politica, por mais de sete annos, mereceu sempre Ferreira Penna, a mais plena e honrosa confiança dos presidentes e a mais justa estima do publico. A esses sentimentos fazia elle jus pela rectidão do seu procedimento, pela honestidade immaculada da sua vida, e pela exacção no cumprimento dos seus deveres profissionaes. Intelligente e estudioso, conservam ainda hoje os archivos da Secretaria do Governo e os relatorios dos presidentes com quem servio, monumentos que attestam a capacidade com que desempenhou tal cargo e a dedicação com que desde então tratava os interesses da provincia que pelo tempo que aqui devia viver, cerca de 30 annos, e pelo amor e intelligencia com que a estudou foi mais que a sua terra natal, a sua.

Comquanto permanecesse sempre no fundo republicano, como os mineiros da geração de 42, ao partido liberal filiou-se e a esse partido servio com dedicação e talento nos cargos publicos e na imprensa. Mais de uma vez, entretanto, a natural independencia do seu espirito e a pouca flexibilidade do seu caracter, puseram-no em divergencia e conflicto de opiniões com os seus chefes. Assim foi em 1869, quando principal redactor do *Colombo* achou-se em uma quasi dissidencia com elles,² bem como quando, contra elles, apoiou a administração Couto de Magalhães e mais tarde a dissidencia dirigida pelo Dr. Assis.

Indo presidir o Amazonas em 1867 o Sr. Gama e Abreu (Barão de Marajó), Penna acompanhou-o como Secretario do Governo.

Tal foi, de relance contada, a carreira politica e propriamente burocratica de Ferreira Penna. Funcionario publico e jornalista politico pôz sempre com talento, honestidade e raro desprendimento ao serviço de suas idéas e da coisa

¹ R. C. Alves da Cunha, *Noticia sobre a Secretaria do Governo do Pará, «Provincia do Pará»* de 18 de Janeiro de 93.

² Documento em nosso poder assignado pelos Drs. João Maria de Moraes, José da Gama Malcher e José Coelho da Gama e Abreu, então directores do partido liberal.

publica a sua actividade, que dirigida principalmente para o estudo da provincia devia tornal-o um nome caro aos estudiosos e scientes e um benemerito do Pará.

II

†

Além d'aquelles cargos, Ferreira Penna occupou mais aqui os de Bibliothecario publico e Encarregado ou Director do Museu e o de professor de Geographia do Lyceu Paraense e depois de Historia e Geographia da Escola Normal, além de varias commissões gratuitas, das quaes todas se desempenhou com esclarecido zelo.

Teve Ferreira Penna sempre pronunciada aversão para o magisterio. Possuindo um saber não vulgar de Historia e Geographia, amando realmente essas duas disciplinas, das quaes fez as suas leituras predilectas, não foi nunca sinão um talvez menos que mediocre professor d'ellas. N'elle mais uma vez se provou quão distinctas são a aptidão pedagogica e a largueza e profundeza do saber. Elle, que não era um mero repetidor de qualquer compendio, mas que se comprazia em estudar nas fontes originaes e nos bons autores as suas lições a dar, mais de uma vez nos disse quanto lhe custava ter de repetil-as a rapazes e raparigas pouco preparados, desattentos, descaroaveis de aprender ou a quem a sua mesma erudição minuciosa e segura, fatigava e abhorrecia. Era um erudito de gabinete e não um mestre; nas aulas ia além do que comportava a natureza dos estudos que faziam os seus discipulos, não attendia aos programmas, nem sabia a arte de repartir methodicamente a materia segundo o tempo que para isso tinha e a capacidade de acquisição dos alumnos. Elle proprio tinha talvez d'isso consciencia, o que lhe augmentava a aversão que ao ensino manifestou sempre, e do qual, entretanto, foi forçado pela necessidade a fazer, nos quinze ultimos annos da sua existencia, o seu principal meio de vida.

Parece que a sua primeira nomeação foi em meados de 1870, para professor interino de Historia do então «Collegio Paraense». Essa nomeação a agradeceu elle sem accital-a, escusando-se com estar occupado com um trabalho particular, que não sabemos qual tenha sido. Nada obstante, o presidente de então, o Dr. Abel Graça, em carta particu-

lar lhe dizia, a 18 de Agosto, que resolvera «transferil-o para a cadeira de Geographia e esperava que elle se dignaria aceitar este lugar prestando um serviço ao ensino publico.» Ignoramos si o aceitou. Em 16 de Agosto de 71, foi nomeado professor interino d'esta mesma cadeira, renunciando em 20, por motivos de nós desconhecidos, aos vencimentos d'esse cargo.

Nenhuns outros dados possuímos sobre a vida docente de Ferreira Penna; o que é certo é que, como dissemos, nos 12 ou 15 ultimos annos da sua vida, com intermittencias ás vezes longas de doenças e licenças, foi professor do Lyceu e da Escola Normal. Preferindo aquelle estabelecimento a este, entrou em concurso para lente de Geographia d'elle. Sem embargo de excellentes provas e do nome feito que trazia, foi preterido no provimento da cadeira. Faltavam-lhe, para brilhar em um concurso os principaes elementos d'essa especie de prova, o *aplomb* e a loquacidade. Elle era um timido e a sua expressão difficil.

Annuindo ao convite feito pelo presidente Machado Portella, foi por este encarregado, em Fevereiro de 1871 de organizar a Bibliotheca publica e a 15 de Abril nomeado Bibliothecario. No mesmo mez de Fevereiro aquella autoridade encarregou-o mais de com os Drs. Ferreira Cantão e Americo Santa Rosa, organisarem um Museu, aproveitando alguns objectos que com igual fim tinha adquirido a Sociedade Philomatica, da qual era Ferreira Penna presidente. É sabido que a idéa e o principal trabalho da fundação do Museu, que por tantas vicissitudes passou sem ter ainda se estabelecido definitivamente e dado os resultados que d'elle se esperam, foram de Ferreira Penna, cujo espirito desde meados do decennio de 60 a 70 se occupava, com interesse e afincio, da Geographia e da Historia natural da provincia.

Devendo este *Boletim* trazer uma noticia historica do Museu Paraense, da qual se verá a parte preeminente que teve Ferreira Penna na sua criação e os serviços que sob o modesto titulo de Encarregado d'elle e com a mesquinha gratificação de 800 mil réis annuaes lhe prestou, não precisamos mais dizer sobre esta phase da sua vida. Como elle saía do Museu, por ter sido demittido de Bibliothecario, cargo ao qual estava annexado o encargo d'aquelle estabelecimento, dil-o um folheto de 21 pags. in-8.º intitulado *Correspondencia official entre S. Ex.ª o Sr. Barão da Villa da Barra, Presidente da Provincia do Pará e o ex-encarre-*

gado do Museu Paraense D. S. Ferreira Penna. E um modelo de polémica cortez, espirituosa e digna de um funcionario subalterno, mas consciante sem fatuidade do seu valor, com uma alta autoridade que, apesar do real merecimento que tinha, a filaucia da posição tornou um momento ridiculo.

De parte estes cargos, Ferreira Penna retirado desde 67 da administração e, cremos, desde 69 da politica activa e, julgamos, a não fez jamais sinão como jornalista — não mereceu mais ás administrações liberaes ou conservadoras, sinão a consideração a que tinha direito; consideração que apenas se traduzia por consultas sobre coisas da administração, principalmente quando estas entendiam com questões de Geographia ou Estatistica da provincia.

III

†

Foi em 1864 que Ferreira Penna teve, ao que parece, pela primeira vez occasião de fazer estudos locais da Geographia e Estatistica paraense, de que se devia em pouco tornar a mais abalisada autoridade. Esse ensejo forneceu-lhe o presidente Araujo Brusque, encarregando-o de estudar a região do Tocantins. O resultado d'essa viagem de informação e estudo foi o relatorio publicado com o titulo *O Tocantins e o Anapú*. A leitura d'esta interessante relação, bem como a da *Região Occidental da provincia do Pará*, publicada quatro annos depois, mostra que Ferreira Penna devia ter, ainda em antes d'aquella commissão official e de outras que se lhe seguiram, se dedicado com afinco e aproveitamento ao estudo das nossas coisas.

Divide-se o *Tocantins e o Anapú* em duas partes, além de um Appendice e saindo da forma vulgar dos relatorios toma a de um estudo geographico-estatistico que de facto é. Na primeira refere-se o A. á sua viagem e observações desde Cametá até ás bahias do Anapú, dando a descripção e o historico das localidades, noticias sobre as industrias locais, população, necessidades e quanto ao seu conhecimento podia interessar. Na segunda parte estuda a região das bahias, denominando assim aquella porção de terra que da barra do Tocan-

tins estende-se até ás cachoeiras do Pacajá e Anapú e onde as aguas d'estes dous rios formam as «bahias» das Bocas, de Melgaço, de Portel, de Anapú, de Camuhy, etc. Expõe a geographia menos conhecida e duvidosa da região, diz a sua extensão navegavel, a conveniencia da navegação a vapor e a situação interessante de Breves, «como a povoação mais bem situada em relação á navegação e commercio.» Assim é com effeito; entretanto Breves está cada vez mais decadente e se lhe não acudirem com trabalhos de drenagem e outros que a sanifiquem, esse admiravel ponto se transformará em uma tapéra.

A industria, o commercio, as producções, a população, os limites dos municipios da comarca de Cametá, são tambem n'essa parte motivo de inquerito e informação e de preciosos dados estatisticos. Um dos objectos da commissão de Ferreira Penna, era estudar as communicações possiveis entre os rios Xingú e Anapú, mas tendo-lhe sido dado por companheiro o engenheiro militar Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim, deixou elle, com a escrupulosa modestia que lhe era propria, de tratar com mais individuação d'esse assumpto, «julgando fazer injustiça ao zelo e intelligencia» d'aquelle engenheiro, «si pretendesse acrescentar quaesquer observações a respeito d'este assumpto por elle examinado.» Deixa todavia expressa a possibilidade d'essa communicação mediante o curso dos dous igarapés Maxiaca, que se lança no Xingú e Pracupí, «que afflue para o Anapú.» Este ultimo foi o que elle e o seu companheiro de commissão subiram.

Apezar de não ter, por falta de tempo e meios, podido a commissão fazer, como diz Ferreira Penna, um estudo completo do isthmo que separa os dous rios, voltava elle crente que uma communicação «por agua ou por terra» entre elles, atravez d'esse isthmo, daria muita importancia ao commercio e navegação nas grandes bahias do Anapú.

O *Appendice*, contém noticias sobre varios generos da producção natural e industrial da região percorrida e estudada: o cacáo, as castanhas, o cravo, a gutta-percha, a gomma elastica, com ligeira descripção scientifica de cada um d'estes productos, sua historia, applicações e statistica da sua producção.

A *Região Occidental da provincia do Pará*, o trabalho de maior tomo de Ferreira Penna, é tambem o producto de uma nova commissão que em 1867 lhe foi confiada pelo presidente J. R. de Lamare, com o fim de estudar as duas comarcas de Santarem e Obidos.

É notável o methodo que preside a este como aos demais trabalhos de Ferreira Penna. Na primeira parte: as povoações, seu aspecto, posição, clima, população, estado da industria municipal, arrabaldes e visinhanças, recordações historicas, estatisticas, observações sobre aspectos sociaes, accidentes geographicos visinhos, descripção das viagens de uns para outros pontos. Na segunda: geographia e aspecto geral da região, estudo e descripção de cada um dos seus principaes rios, sua historia, seu curso, seus productos, seus habitantes. Completam o livro interessantes e ainda agora prestadias noticias sobre os aspectos economicos da região, industria agricola e florestaria, o leite ou succo da maçaranduba, a exportação de madeiras, e mais sobre a instrucção publica, o forte de Obidos, os limites com a provincia do Amazonas, a inundação de 59 e finalmente sobre a população das duas comarcas.

Curioso é o capitulo sobre a vantagem da introducção do leite da maçaranduba no commercio de exportação, como o melhor succedaneo da gutta-percha, até hoje aliás perdido para o nosso commercio. Com factos mostrou Ferreira Penna não ser isso apenas uma opinião theorica, mas um pensamento pratico que da parte de alguns antigos negociantes da praça do Pará tivera um começo de realisação.

Tratando dos nossos limites com o Amazonas faz o A. ver como são falsos, em virtude do imperfeito conhecimento da geographia da região, os limites pelo Jamundá e propõe outros. Não é de todo sem motivo a opinião de Ferreira Penna, excepto talvez quanto ao Jamundá, que si não é, como antes do seu livro se suppunha, um affluente directo e permanente do Amazonas, tambem não é, como elle pretendia, um affluente do Trombetas. O que parece hoje mais assentado é que o é de ambos conforme o regimen das aguas.

Devia este trabalho de Penna conter uma 3.^a parte interessantissima, a julgar pelo summario dos varios capitulos d'ella «que por abreviar a impressão do livro e evitar maior prejuizo que traz aos editores o augmento de volume e de trabalho,» segundo declara-o uma curiosa advertencia final, foi supprimida. Estes summarios dão-nos uma idéa não só dos estudos feitos por Ferreira Penna, das suas notaveis qualidades de observador, como da intuição verdadeiramente scientifica que elle possuia dos estudos geographicos. Por ser assim é tambem porque ha n'elles verdadeiras theses, ás quaes só falta o desenvolvimento, pareceu-nos util dal-os

em nota.¹ Revelam elles mais que desde 68 occupava-se Ferreira Penna das questões ethnologicas e archeologicas do Amazonas, bem antes portanto que Hartt, seus discipulos ou continuadores, se tivessem d'ellas occupado. Em 72 estudando as comarcas de Gurupá, e Macapá volta elle á questão, tratando embora succintamente para não sair do plano que lhe foi traçado, das antiguidades prehistoricas de Maracá.

Em 1874 foi publicada a *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá*, resultado da incumbencia que em 71 lhe dera o Dr. Abel Graça, presidente de então, de estudar estas circumscripções da provincia. Com mais concisão, com menos minuciosidade e copia de informações, porém não com menos escrupulo de investigação exacta e de informação leal — que são as dúas qualidades preeminentes d'este honestissimo sabedor, segue n'este trabalho Ferreira Penna o mesmo methodo dos antecedentes. Entre os resultados d'elle apurou-se para a historia da provincia o descobrimento no meio de uma densa floresta, das ruinas do forté de Cumahú, celebre nas nossas luctas com os hollandezes e inglezes pela posse da bocca do Amazonas.

¹ FLORESTAS DO AMAZONAS — Idéa exagerada que se tem feito da sua extensão; illusão produzida pela sua presença e pela sua espessura junto ás margens dos rios. A area das florestas muito menor na Guayana (*sic*) do que a das terras descobertas e campinas. A altura das suas arvores nada tem de gigantesca. Excellencia das suas madeiras.

PLANICIE INTRACONTINENTAL — Idéa da planicie austro-americana. Ausencia de montanhas nas fontes conjunctas do Araguaya, Tapajós, Guaporé e Paraguay. Considerações sobre a junecão, para a navegação e commercio das bacias do Prata, Amazonas e Orenoco; difficuldades na realisação pratica d'esse projecto.

COMMUNICAÇÕES COM MATTO-GROSSO — João III de Portugal e seus successores até João V. Os Paulistas: suas admiraveis enprezas; descobertas e colonisação nos centros da America. Seus estabelecimentos e navegação para o Pará. João V prohibe o commercio e communicações com Matto-Grosso e José I por necessidade os franquea. Patriotismo do Dr. Theotonio de Gusmão. Geographia, navegação e commercio dos rios procedentes de Matto-Grosso para o Norte.

LAGO GRANDE — É pela maior parte o antigo leito do Amazonas. Excursão atravez das florestas, campinas e lagos. Diversos aspectos da região. Esplendor da vegetação das plantas. As campinas niveladas e as terras altas e arvoredadas. Tres differentes cores nas aguas. Contra corrente durante a enchente do lago.

IMAGENS E INSCRIPÇÕES SOBRE ROCHAS — São communs a toda a America do Sul. As da montanha d'Argent tomadas por marcos de limites em 1727; erro desfeito no anno seguinte. Os missionarios tinham as do Brazil e Perú por pegadas de S. Thomé. Opinião de Humboldt sobre estas inscripções hieroglyphicas. R. Schomburgk tenta em vão destacar uma das figuras symbolicas do rochedo do Essequibo; Silva Coutinho mutila a imagem do Sol na serra do Erere. Observações a este respeito. Falta natural de uniformidade n'estes monumentos dos indigenas.

Em um trabalho subsequente *A Ilha de Marajó*, publicado em 76, voltou Ferreira Penna a occupar-se com maior desenvolvimento da sua descoberta e da verdadeira localização d'aquelle forte, ao pé da bocca do igarapé da Fortaleza, na costa da Guyana brasileira, quasi defronte da extremidade oriental da ilha de Sant'Anna, que para Ferreira Penna é talvez a ilha dos Tucujús, tão nomeada nas chronicas da primitiva conquista.

A Ilha de Marajó fecha o cyclo dos trabalhos de Ferreira Penna sobre a geographia, a estatistica e a historia da antiga provincia. Só lhe faltava estudar, para sobre toda ella ter informação propria, a região oriental chamada do «Salgado.» Essa mesmo percorreu-a mais tarde, ou por interesse proprio, de sua saude alterada, ou obedecendo a outros deveres como naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do qual foi precioso auxiliar. Foi n'uma d'essas excursões, em 1876, que descobriu a bacia fossilifera cretacea do Pará.¹

Não publicou jamais sinão esparsamente, episodicamente por assim dizer, o resultado d'essas viagens e estudos.

A Ilha de Marajó, fructo da commissão de estudos que lhe dera o presidente Pedro Vicente de Azevedo em Abril de 74, obedece á mesma inspiração das precedentes monographias, e, como qualquer d'ellas, é preciosissimo auxilio para o estudo da nossa geographia. A parte estatistica antiga, como as noticias historicas que n'essa obra abundam, são inteiramente novas algumas, bebidas em manuscriptos do Archivo da Secretaria do Governo.

Estava, como dissemos, quasi completo o cyclo dos estudos da provincia feitos por Ferreira Penna. Por motivos que não vem a pello indagar, e que acaso não foram outros que a indiferença progressiva das cada vez mais ephemerhas administrações, nenhum presidente mais se lembrou que havia ainda muita coisa a estudar em o nosso extensissimo territorio, e que aqui ninguem mais no caso de fazel-o, como dera provas sobejas, do que Ferreira Penna.

Estas obras, augmentadas com resultados novos, de viagens

¹ Charles A. White *Contribuições á Paleontologia do Brazil*, in *Archivos do Museu Nacional*, vol. 7, pag. 9. Em attenção a Ferreira Penna, duas especies novas classificadas pelo notavel paleontologista americano, receberam o seu nome, a *Cypraactæon Pennæ* e a *Holcetypus Pennanus*. Já antes, em 1873, o professor Hartt lhe dedicara «the most beautiful» especimen da fauna carbonifera de Itaituba, baptisando-o por *Orthis Pennæ*.

e estudos posteriormente feitos nos mesmos e, como dissemos, em outros pontos da provincia, alguns dos quaes no interesse de um trabalho cartographico de que falaremos adiante, teve Ferreira Penna a intenção e a vontade de publical-as de novo. Sabemol-o não só por lh'o ter ouvido em conversa, como pelos rascunhos de uma carta ao proprietario de uma typographia, consultando-o sobre o custo provavel da publicação que projectava e do titulo geral da obra. ¹ Este projecto, infelizmente não se realisou, naturalmente por se lhe terem antolhado difficuldades insuperaveis ou perante as quaes recuou o desanimo da sua velhice prematura e achacosa.

Um outro que fez anteriormente foi o da publicação de um *Atlas geographico, historico e estatistico da provincia do Pará*, de formato in-folio, grande, composto de atlas propriamente dito e texto. Para leval-o ao cabo tinha elle reunido em suas diversas excursões pelo nosso interior, em informações de pessoas dignas de conceito que por cartas consultadas no estudo dos viajantes antigos e modernos, bem como dos chronistas e historiadores, nos trabalhos de explorações officiaes ou particulares como os da Companhia do Amazonas, com os praticos dos rios e até nas cartas parciaes ou plantas das medições e demarcações de terras existentes nos archivros das repartições publicas, que de todos estes meios se servia, farta messe de materiaes que em suas mãos deviam ser utilissimos elementos de uma obra verdadeiramente notavel. Para executal-o, porém, preciso era dispor de somma não pequena, e elle era pauperrimo, a custo vivendo dos seus parques vencimentos de lente da Escola Normal. Editores para taes obras sabe-se que no Brazil ainda os não temos. Lembrou-se naturalmente de recorrer aos poderes publicos que certamente comprehenderiam a importância e valor de um tal trabalho e, pressurosos, viriam em seu auxilio. Esses poderes eram, n'essa occasião, um poderoso chefe de partido que dispunha a seu talante da Assembléa provincial. Falou-lhe no seu projecto e deu-lhe provas

¹ Devia ser o seguinte: «Estudos geographicos, historicos e estatísticos sobre a provincia do Pará ou Resultados das Comissões confiadas a D. S. Ferreira Penna pela Presidencia da Provincia do Pará em 1863, 1868, 1872 e 1874. Edição correctá e augmentada com diversos outros trabalhos, aditamentos e notas e acompanhados de alguns mappas parciaes de secções de territorio ainda pouco conhecido.» Toda a obra, acrescenta Ferreira Penna, pode constar de 3 volumes in-8.º francez de 200 a 250 pags. cada um.

que a principal e mais difficil parte do seu trabalho, a reunião dos materiaes, estava quasi feita. Todo o mundo que sabe o grande interesse que as coisas de ordem intellectual mereceram sempre aos nossos grandes chefes politicos, imagina a resposta que teria Ferreira Penna tido. Nem precisamos dizer que foi desfavoravel.

Desde então o resto da sua actividade volta-se mais especialmente para as suas funcções de naturalista viajante do Museu Nacional, do qual desde 71 era membro correspondente. Faz novas viagens pela provincia, votadas principalmente ao estudo da sua ethnologia e archeologia e o resultado d'ellas consta de diversas memorias publicadas nos *Archivos do Musco Nacional*, com proveito sempre consultadas. Trazem o cunho de uma observação exacta, alliada a escrupulosa probidade scientifica.

Na *Revista Amazonica*, ephemera publicação que mal durou um anno, publicou tres interessantes artigos que o leitor achará indicados na parte bibliographica d'este trabalho. Um d'elles, *Comunicações antigas entre Matto Grosso e Pará* é talvez o mesmo, modificado ou não, que devia sair na *Região Occidental*, segundo vemos dos summarios dos artigos supprimidos que transcrevemos atraz.

Além de artigos politicos cremos que ha outros trabalhos de Ferreira Penna nos jornaes de que foi collaborador como o *Jornal do Commercio* do Rio, e a *Provincia do Pará*.¹

IV

† Lembra-nos bem a primeira vez que tratamos mais de espaço com Ferreira Penna. Foi em 1876; já elle estava mais velho e alquebrado que o faria suppor a idade, então apenas de 58 annos. Morava em uma velha rocinha na rua da Cruz das Almas, lado direito indo para S. José, entre as travessas de S. Pedro e de S. Francisco. Em uma sala espaçosa, desarranjada como a casa de um solteirão, gabinete de estudo e quarto de vestir ao mesmo tempo, cheia de

¹ Ferreira Penna era membro correspondente, não só do Museu Nacional do Rio, como do Instituto historico e geographico brasileiro, da Sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da American geographical and Statistical Society de New-York, da Société Zoologique d'Acclimatation de Paris, e outras.

livros, de mappas, de objectos de historia natural, de restos da ceramica prehistorica, uma grande urna funeraria de Marajó a um canto, sentado ao meio de uma mesa acima de media, sem cobertura, mas litteralmente atravancada de papeis, de brochuras, de cartas, de livros, Ferreira Penna, em mangas de camisa, oculos no nariz, alto, muito magro, quasi esqueletico, com a sua alta fronte de homem intelligente, calva até o meio do craneo, de uma bella conformação dolichocephala, despertava a lembrança de um d'esses quadros em que os mestres flamengos ou italianos nos pintam a cella de estudo dos sabios de seu tempo, meio alchimistas, meio ascetas. Na verdade aquella sala era n'aquella ou em outra casa uma cella de estudo; cella hospitaleira por onde passaram todos os viajantes e scientistas estrangeiros e nacionaes que n'aquelles ultimos vinte annos haviam estanciado pelo Pará. Ali era despretençioso e sem cerimonia o acolhimento, segura a informação, exacto, si não profundo e largo, o saber.

Ali foram ou mandaram pedir informações, noticias, esclarecimentos e opiniões os Agassiz, os Hartt, os Derby, os Smith, os Steere, os Costa Azevedo, os Bastian, os Coutinho, os Strasburger, os Lindstone, os Brown, os Wallis, os Lacerda, os Hemring, os Crévauux, e muitos outros homens de estudo, nacionaes e estrangeiros, como consta de numerosas cartas, cada qual mais honrosa para o modesto scientista, achadas no seu espolio de homem de letras. Não só ellas como ainda as referencias e declarações que nos trabalhos de muitos d'elles apparecem mostrando o que lhe deveram, provam o alto conceito em que no mundo dos sabedores era tido.

Ferreira Penna não foi, apesar de para isso o habilitarem os seus estudos classicos e o conhecimento sufficientemente avantajado da lingua e da litteratura portugueza, um escriptor, no sentido de um artista da palavra escripta. Não só lhe faltavam talvez as qualidades estheticas e a preocupação da forma, qual um meio artistico de expressão, como os assumptos de que se occupou e, principalmente, o sentido em que d'elles se occupou, não davam ensejo áquella preocupação. E certo que laboriosamente, meticulosamente, trabalhava os seus escriptos, emendava-os, refundia-os bastas vezes; n'este caso, porém, mais visava a simples correcção do dizer e, mormente a exacção de factos, idéas ou opiniões, que o estylo. Ainda assim este é bom e apropriado aos assumptos que versa, chegando por vezes a ser excellente, como no

citado opusculo sobre a sua demissão do Museu, ou em artigos de polemica, ou em certas descripções das suas monographias geographicas, como a do *Aspecto dos campos na Ilha de Marajó*, e varios trechos da do aspecto da região occidental, no livro com este titulo.

A feição principal, a característica, si assim podemos dizer, de Ferreira Penna como homem de estudo e saber, e que lhe dá um lugar conspicuo entre os pesquisadores brasileiros, é o instincto geographico que em alto gráo possuio. Entre nós foi talvez um dos primeiros e dos poucos a comprehender a geographia, não como um inintelligente rol de nomes, mas como a investigação scientifica da terra tal qual é ou modificada pelos que a habitam. Cada uma das obras que temos rapidamente noticiado o demonstra, e é de ler, para maior comprovação, todo o admiravel capitulo I, da segunda parte da *Região Occidental*.

Todos os estudos que já homem feito teve de fazer no seu gabinete, a historia natural—e em botanica chegou a ter apreciaveis conhecimentos—a historia da região que principalmente estudou, os methodos da estatistica, o uso e a pratica dos instrumentos de geodesia, os fez como auxiliares indispensaveis aos seus estudos geographicos. Autodidactico, como são infelizmente grande numero de scientistas brasileiros, a sua obra forçosamente se recente das graves lacunas do seu defeituoso e incompleto preparo scientifico, felizmente compensadas por aquelle instincto, pelas suas qualidades de investigador escrupuloso até o excesso, pela sua timorata desconfiança de si mesmo e pela sua rara probidade scientifica.

Publicando em 1888 algumas notas por elle deixadas podemos, sem lisongear-lhe a memoria, escrever d'elle:

«Quem conheceu e tratou Ferreira Penna, sabe até que ponto levava o circumspecto estudioso o seu escrupulo, essa probidade scientifica, que é para o sabio, conforme conceitua um illustre sabedor estrangeiro, o que a coragem é para o soldado.

«Não é sómente a carencia de meios, as mil difficuldades e tropeços que se antolham ao litterato n'este paiz em que si a proporção de analphabetos é de 84 %, a dos pretendidos não analphabetos, que não lêem, tomará ainda 8 pelo menos dos 16 %, que, a prestarmos fé nas estatisticas, sabem ler, não foram sómente essas causas, digo, que nos privaram de ter tudo quanto o estudo, o trabalho e a intelligencia de Ferreira Penna, nos podiam dar, mas, sobretudo, o medo, di-

gamos assim, o receio, a desconfiança de si proprio, uma ingenita necessidade da exactidão a mais segura, a mais minuciosa, e, si me fora permitido o pleonasmio, a mais exacta. Assim é que, para citar um exemplo, do trabalho sobre M^{me}. Godin, já referido, encontrei quatro ou cinco redacções differentes, além de copia de notas, apontamentos, correcções, addicções, como se si tratara de um ponto capital de historia, e não de uma simples curiosidade historica, como de facto é.

«Certo d'isto o leitor, póde ler estas notas com toda a confiança, como acreditamos na palavra de um homem de bem; authentica-as, melhor que os rabiscos de um tabellião, o nome de Domingos Soares Ferreira Penna.»¹

V

Foram tristes, acabrunhados por molestias e pelo azedume que lhe pusera n'alma a indifferença dos governos e do publico pelos seus trabalhos e serviços, e por fim pela quasi penuria em que se achou, os ultimos annos de Ferreira Penna. Ao seu melindre e pundonor repugnava abrir-se mesmo a amigos, que sabia certos. Muito menos se podia resolver a recorrer aos poderes publicos, dos quaes não conseguira sequer a aposentadoria que se barateava a toda a gente bem apadrinhada. Uma indiscreção de pessoa de sua casa, revelou aos seus raros amigos que lhe ficaram fieis, a que mingua de recursos estava elle, nos derradeiros tempos, licenciado sem vencimentos, redusido. Não só com os meios pecuniarios, mas com cuidados e carinhos acudiram-lhe as familias Assis e Montenegro. A ellas, e a uma respeitavel matrona com-provinciana como o Dr. Assis, e dedicada amiga de Ferreira Penna, deveu elle as ultimas commodidades da vida e as extremas consolações da amisade.

† A 6 de Janeiro de 1888 falleceu de uma congestão pulmonar. Morreu em a casa que por esse tempo occupava na Travessa de S. Matheus, quasi na esquina da estrada do Conselheiro Furtado, agora pela necessidade despida dos livros que lhe foram os mestres, os amigos queridos, os bons con-

¹ *Espolio Ferreira Penna*, na *Provincia do Pará*, Março de 88.

soladores. Ao seu enterro feito pelos seus amigos Drs. Assis, Jonas Montenegro e Virgilio Sampaio, compareceram uma dúzia de pessoas, os poucos amigos que a falta das antigas posições officiaes e de influencia não afastaram de todo d'elle, dous ou tres antigos discipulos, outros tantos representantes da imprensa local. A beira da cova disse eu algumas palavras de sentimento pondo em relevo os meritos e serviços de Ferreira Penna.

Nada deixou Ferreira Penna inedito que mereça publicação ou em estado de sel-o. Cópia de notas ainda informes, demonstrando grande numero de estudos feitos ou apenas premeditados, sobre varios pontos da historia e da geographia paraense, eis o que d'elle ficou.

«N'ellas, escrevi eu ao publicar algumas, pouco depois da morte d'elle, a par de especies porventura ainda mesmo do leitor erudito não sabidas, encontram-se, e será essa porventura a sua parte efficiente, copia de notas avulsas, quiçá desnecessarias á estreita narração dos factos e dispensaveis mesmo no contexto ainda de uma minuciosa narrativa, mas de importancia capital para a reconstituição da physiognomia e character de épocas que são a nossa idade antiga, apenas adivinhadas através dos periodos indigestos de Berredo, da secca e campanuda narrativa do aliás benemerito Baena e de uma ou outra chronica ou narrativa coeva publicada.

«Não ha no espolio litterario de Ferreira Penna, um só trabalho completo. O mais acabado, carecedor ainda de operosa revisão para ser dado á estampa, é a narrativa baseada em novos documentos, das tristes aventuras de Madame Godin des Odonais, em que se corrigem e acrescentam, não só as noticias da *Bibliothèque Universelle*, de Ferdinand Denis e outros, mas da propria carta pelo marido d'aquella desventurada e mesquinha dama dirigida a Mr. de La Condamine, cujo fôra inferior na commissão scientifica franceza do Perú no seculo passado, carta que vem appensa á relação do mesmo La Condamine, edição de Maestricht, de 1778, e que tem servido de fundamento a todas as narrativas d'este caso conhecidas.»¹

A parte cartographica d'esse espolio, no mesmo estado de fragmentação e desorganisação que a outra, dei-a eu ao meu

¹ Este trabalho de Ferreira Penna, deve vir á luz dentro em breve. N'este momento occupo-me em pol-o a limpo.

presado amigo o distincto engenheiro Dr. Henrique Santa Rosa, ao qual, não obstante, terá sido optimo subsidio para a sua carta ou mappa do Estado do Pará, anciosamente esperada.

Onde param os restos de Ferreira Penna? Repousam ainda na cova em que foram enterrados, ou terá a Misericordia regateado aos ossos do honrado e laborioso funcionario, do dedicado e provector estudioso das coisas paraenses, uns mesquinhos palmos de terra?

Ignoramos.

Como quer que seja parece-nos, que este Estado, para cujo exacto conhecimento elle mais que ninguem contribuiu, cujo desenvolvimento não só intellectual, mas economico, elle, por suas publicações estatisticas, tanto servio, do qual elle foi, apesar de não ser paraense, um dos mais prestadios cidadãos, honrar-se-ia consagrando á memoria de Domingos Soares Ferreira Penna, um modesto monumento, ou sobre a sua cova, si não foram já seus ossos atirados ao fosso commum do anonymato da morte, ou onde melhor caiba tão justa e devida homenagem.

JOSÉ VERISSIMO.

BIBLIOGRAPHIA



LIVROS E OUTROS ESCRIPTOS DE FERREIRA PENNA

1—*Necrologia de Marilia de Dirceu*, 2, 1853.

2—*O Tocantins e o Anapú*.—Relatorio do Secretario da Provincia do Pará, impresso na Typ. de Frederico Rhossard, 1864, in-4.º peq.—Tem com o «appendice», numerado separadamente (40 pags.) 127 paginas.

3—*A Região occidental da Provincia do Pará*.—Resenhas estatisticas das comarcas de Obidos e Santarem, apresentadas a S. Ex.ª o Sr. Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, Presidente da Provincia por Domingos S. Ferreira Penna e publicadas por ordem do governo. Pará, 1869, Typ. do Diario de Belem, in-4.º, 248 pags. de texto, 2 de advertencia *in fine* e VIII de notas, idem.

4—*Correspondencia Official* entre S. Ex.ª o Sr. Barão da Villa da Barra, Presidente da Provincia do Pará e o ex-encarregado do Museu Paraense D. S. Ferreira Penna, in-8.º, 31 pags. Typ. do Futuro, 1872.

- 5—*Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá.*—Pará, Typ. do Diario do Grão-Pará, Travessa de S. Matheus, n.º 29, 1874, in-8.º, 33 pags.
- 6—*A Ilha de Marajó.*—Relatorio apresentado ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, Presidente da Provincia do Pará, Typ. do Diario do Grão-Pará, Travessa de S. Matheus, n.º 29, s. d. (1875) in-8.º, 80 pags.
- 7—*Breve noticia sobre os Sambaquis do Pará,* in *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Vol. I, pags. 85-99, 1878.
- 8—*Apontamentos sobre os Ceramios do Pará,* nos mesmos *Archivos*, Vol. II, pags. 47-76, 1879.
Traz este estudo um «appendice» contendo: *Urnas de Maracá e Observações sobre as duas urnas descriptas e figuradas pelo Sr. João Barbosa Rodrigues em seu artigo «Antiguidades do Amazonas», inserto na Revista «Ensaio de Sciencia».*
- 9—*Algumas palavras da lingua dos Aruans,* nos mesmos *Archivos*, paginas 15-25 do Vol. IV, 1881.
- 10—*Communicações antigas entre Matto Grosso e Pará,* in *Revista Amazonica*, Tomo I, pags. 7-15, Pará, 1883.
- 11—*Explorações no Amazonas, O Rio Branco,* mesma *Revista Amazonica*, mesmo tomo, pags. 70-75
- 12—*Scenas da Cabanagem no Tocantins,* mesma revista, mesmo tomo, paginas 113-119, 157-166
- 13—*Indios de Marajó,* pags. 108-115, do Vol. VI dos *Archivos do Museu*, 1885.
Forma o cap. VI do artigo do professor Hartt ali publicado sob o titulo de *Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas*. Uma nota da redacção dos *Archivos*: «Esta noticia historica dos indios de Marajó, foi escripta a pedido do professor Hartt pelo distincto naturalista e geographo do Pará, o Sr. Domingos Soares Ferreira Penna »

III

Offício ao Sr. Barão de Marajó

Belem, 23 de Novembro de 1894.

Ex.^{mo} Sr. Barão de Marajó.

Constando-me que, após honrosa, laboriosa e intelligente administração no alto cargo de Intendente da Cidade de Be-

¹ Qual é o kagado que em Marajó é chamado « machadinha »? Quem estaria nas condições de arranjar-nos uma collecção completa das tartarugas, kagados e jabutys de Marajó? E quem uma do Rio Negro?

² A minha monographia « Reptis do Brazil » contendo as descripções de todas as especies conhecidas até hoje, está redigida mas ainda não impressa. A seguinte relativa aos « Batrachios do Brazil » espero pôder redigir e talvez publicar aqui no Pará; os materiaes já estão promptos para isso.

lem do Pará, tencionaes retirar-vos á vida particular e ao merecido repouso das labutações inherentes a esta missão, durante a qual destes tão positivas e indeleveis provas de profunda comprehensão dos factores irremessiveis para o engrandecimento d'esta Cidade e d'este futuroso Estado, conhecendo do outro lado a vossa inquebrantavel actividade, creio não errar na supposição que semelhante resolução seja motivada menos pela fadiga das cousas publicas, do que pelo justo desejo de variação de occupação intellectual. Permitti que eu aproveite d'esta situação, para externar uma minha esperança, que não trepido em declárar uma solução digna de applausos unanimes.

Peço o vosso valioso auxilio em pról do novo Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, e definindo mais de perto a minha idéa tomo a liberdade de indicar como campo de trabalho em primeiro plano merecedor da attenção, justamente aquelle no qual tão manifestas provas de habilitação destes, já como particular, já como funcionario publico e representante official d'este Estado em exposições internacionaes. Facilmente entendereis que fallo da Ethnographia e Archeologia. Estes dous ramos da sciencia, precisam, especialmente em relação á Amazonia, de dedicados e pacientes cultivadores, de energicos braços e esclarecidos espiritos para emergir finalmente do roda-moinho de theorias mais ou menos absurdas que vogam até hoje n'este terreno e da phase embryonaria em que,—digam embora o contrario—, se acham ainda os nossos conhecimentos actuaes. E encarando mais de perto a especialidade, em que, no meu entender, sois por assim dizer predestinado a preencher importante papel, direi que ousou chamar-vos em auxilio para empenhar as vossas reconhecidas forças em favor do estudo da ethnographia e archeologia paraenses. Sem querer limitar-vos o campo de acção, aponto todavia particularmente para a grandiosa tarefa a resolver n'aquella Ilha, com a qual sois filiado por gloriosas tradições e nome. Ajudae para que este Museu possa usar dignamente da designação que ora pretende, obtendo-lhe collecções methodicamente feitas, estudando um programma racional para proceder-se n'este assumpto e indicando os meios e as providencias a adoptar para a salvação dos thesouros, que, segundo me consta de fonte fidedigna, tão graves perigos lá correm uns annos para cá.

Estando certo, que fervoroso patriota e illustrado paraense como sois,—tomareis em consideração o meu singelo apello, que ora vos dirijo, na necessidade inadiavel de reunir ao re-

dor de mim aquelles que comprehendem de quão perto está ligado o levantamento d'este Instituto com o credito social do Estado, aproveito a occasião conferindo-vos o titulo de Membro correspondente d'este Museu—usando pela primeira vez do direito que me cabe em virtude do Artigo 7, Clausula 6 do Regulamento em vigor. O respectivo diploma vos será remettido opportunamente.

Com os protestos da minha mais alta estima e subida consideração, comprimento-vos n'este novo character, tendo a firme convicção que o Museu terá que felicitar-se pelo passo assim dado.

DR. EMILIO A. GOELDI,

Director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia.

Resposta do Sr. Barão de Marajó

Belem do Pará, 17 de Janeiro de 1895.

Ill.^{mo} Sr. Emilio A. Goeldi.

Recebi o vosso officio de 23 de Novembro no qual apelando para a minha actividade e boa vontade em servir o Estado, desejaes que vos auxilie em fazer sahir o Museu Paraense do estado de abatimento em que por tantos annos tem jazido, não vos enganaste em invocar o meu patriotismo, pois é elle hoje tão forte quanto o era nos annos já distantes da minha mocidade embora com menos forças.

A especialidade para que chamaes os meus esforços é a que se refere á Archeologia e Ethnographia Amazonica, devo, porém, confessar-vos que não sou archeologo nem ethnographo, o que tenho escripto a respeito filia-se ao seguinte facto.

Achando-me em Chicago como membro da commissão brasileira em 1893, e tendo sido dispensado por doente o membro da Commissão Conselheiro Ladislau Netto, a cargo de quem estava a Secção de Archeologia e Ethnologia, nenhum dos commissarios quiz encarregar-se d'ella, e como eu na qualidade de Delegado do Pará remettera muitos objectos referentes a esta secção, e algumas notas a respeito, exigiram que eu me encarregasse da secção, mas no caso de minha recusa ficando talvez fechada a secção, acceitei o encargo, o que me obrigou a lêr alguns trabalhos sobre a materia.

Em vista d'isto deveis suppôr que pouca póde ser a minha utilidade para o Museu, valendo-me, porém, do conhecimento

que tenho do Estado, vos indicarei as medidas que penso poderem ser tomadas para evitar os estragos tem têm sido feitos nas necropoles dos nossos aborígenes. São ellas:

1.^a—No *mound* ou cemitério do Pacoval da Nação, assim como em todos os que pertencem ao Estado ou á União, ser absolutamente prohibidas as excavações.

2.^a—Obter dos particulares, quando não seja possível o considerar os *mounds* como monumentos historicos e portanto propriedade do Estado, que não sejam estragados pelos especuladores, sem que antes se tenham entendido com o Estado para os explorar.

3.^a—Alcançar no orçamento do Estado uma verba annual para os trabalhos de excavação de necropoles de indigenas.

4.^a—Multas a quem transportar para fóra do Brazil occultamente quaesquer objectos de archeologia india.

5.^a—Impostos pesados sobre quem os quizer transportar, manifestando-os.

Estas duas ultimas disposições poderão parecer abusivas, mas não fazem ellas mais do que tomar as disposições que em Italia existem na lei Pacca, que prohibe aos particulares a venda para fóra de Italia dos quadros dos grandes mestres, embora de propriedade particular, e ainda ha pouco foi condemnado o príncipe Borghese ao pagamento de uma forte somma por o ter feito.

Os *mounds* que conheço no Estado são os seguintes, que vou enumerar, deve, porém, o seu numero ser muito maior.

Nas cercanias de Santarem existem diversos *mounds*, têm sido, porém, visitados o da Taperinha, e um outro na Fazenda Ayayá. Em Monte-Alegre, onde tantos vestigios de si deixaram os indios, forçosamente devem elles existir; não têm, porém, sido encontrados.

No Rio Maracá existem cavernas extensas em que se encontra um deposito de urnas funerarias de diversas fórmãs; estas cavernas foram visitadas por Ferreira Penna.

Na Ilha de Marajó conheço os seguintes:

1.^o—*Mound* do Pacoval da Nação no rio Arary.

2.^o—*Mound* do Sanharão.

3.^o—*Mound* das Cuieiras.

4.^o—*Mound* da Ilha dos Marcos, pertencente aos Srs. Cruz Macedo & C.^a

5.^o—Pacoval, pertencente aos mesmos senhores.

6.^o—Tapéra, pertencente ao Sr. Coronel Francisco Bezerra da Rocha Moraes.

7.º — Ilha das Panellas, pertencente á Fazenda Desterro do Sr. Francisco L. Chermont.

8.º — *Mound* na Fazenda Nazareth, do mesmo senhor.

9.º — *Mound* das Larangeiras, bastante rico, pertencente aos Srs. Ladislau e Feliciano Paula.

10.º — Camotins no rio Camotins, era de herdeiros do Dr. Marcellino José Cardoso.

11.º — Cajueiros, bastante rico, pertencente ao Dr. Justo L. Chermont.

12.º — Pacoval proximo á Fazenda Santo André, ignore se está nos terrenos nacionaes ou nos do Dr. Antonio Bezerra da Rocha Moraes.

Com este officio vos será entregue uma pequena igaçaba que me foi offerecida pelo Sr. Feliciano de Paula, exhumada no cemiterio das Larangeiras, a qual acceitei declarando que da parte d'aquelle senhor a offereceria ao Museu.

Dentro da igaçaba vão alguns fragmentos de vasos encontrados na Fazenda Nazareth, á superficie do solo, não sendo possivel fazer qualquer excavação proveitosa porque só no inverno, quando o terreno está amollecido, podem ellas ser feitas proveitosamente.

Tambem remetto de minha parte para o Museu um machado partido retirado do *mound* do Sanharão.

Um outro do *mound* de Cajueiros.

Um terceiro do cemiterio do Rio Grande do Sul, que me foi offerecido pelo pintor Barradas.

Por ultimo, resta-me agradecer-vos a distincção que me quizeste attribuir nomeando-me membro correspondente do Museu Paraense, distincção que pela primeira vez conferistes.

Saudo-vos com a maior consideração.

BARÃO DE MARAJÓ.

Sr. Director do Museu Paraense —

Dr. Emílio A. Goeldi

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE

DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA



PARTE ADMINISTRATIVA

I

JOHANNES von NATTERER

Pelo Dr. EMILIO A. GOELDI

*(Com um retrato, autographado de um original,
offerecido pela filha de Natterer)*

Faz hoje 52 annos, que expirou em Vienna d'Austria um dos mais notaveis vultos das sciencias naturaes. Morte repentina ceifou uma utilissima existencia, pondo, imperiosa e impreterivelmente, termo á vida de um homem, que grandes feitos scientificos realisou e maiores ainda tinha projectado e preparado. Não o julguem pelo numero de livros por elle publicados, pois são poucos—tambem não o julguem pela pequena ou nenhuma importancia, que acaso lhe liga qualquer dictionario ou encyclopedia d'aquelles que vos caíam primeiro ás mãos na bibliotheca que mais proxima fôr, pois os respectivos autores, por via de regra, o desconhecerão. Explica-se isto perfeitamente: o valor real d'este vulto só se revela com toda nitidez áquelles que pisam as mesmas sendas, que o naturalista cujo nome encima estas linhas, aos cultivadores do mesmo campo, aos caracteres que alguma affinidade possuem para as predilecções scientificas e para o rumo especifico da occupação intellectual—e estes são poucos. Dá-se com Natterer o mesmo que com o architecto que morre, deixando de um

grande e complicado edificio apenas prompto os alicerces: quantos terão os conhecimentos profissionaes e o poder mental, para adivinhar o plano geral no seu todo e nos seus pormenores?

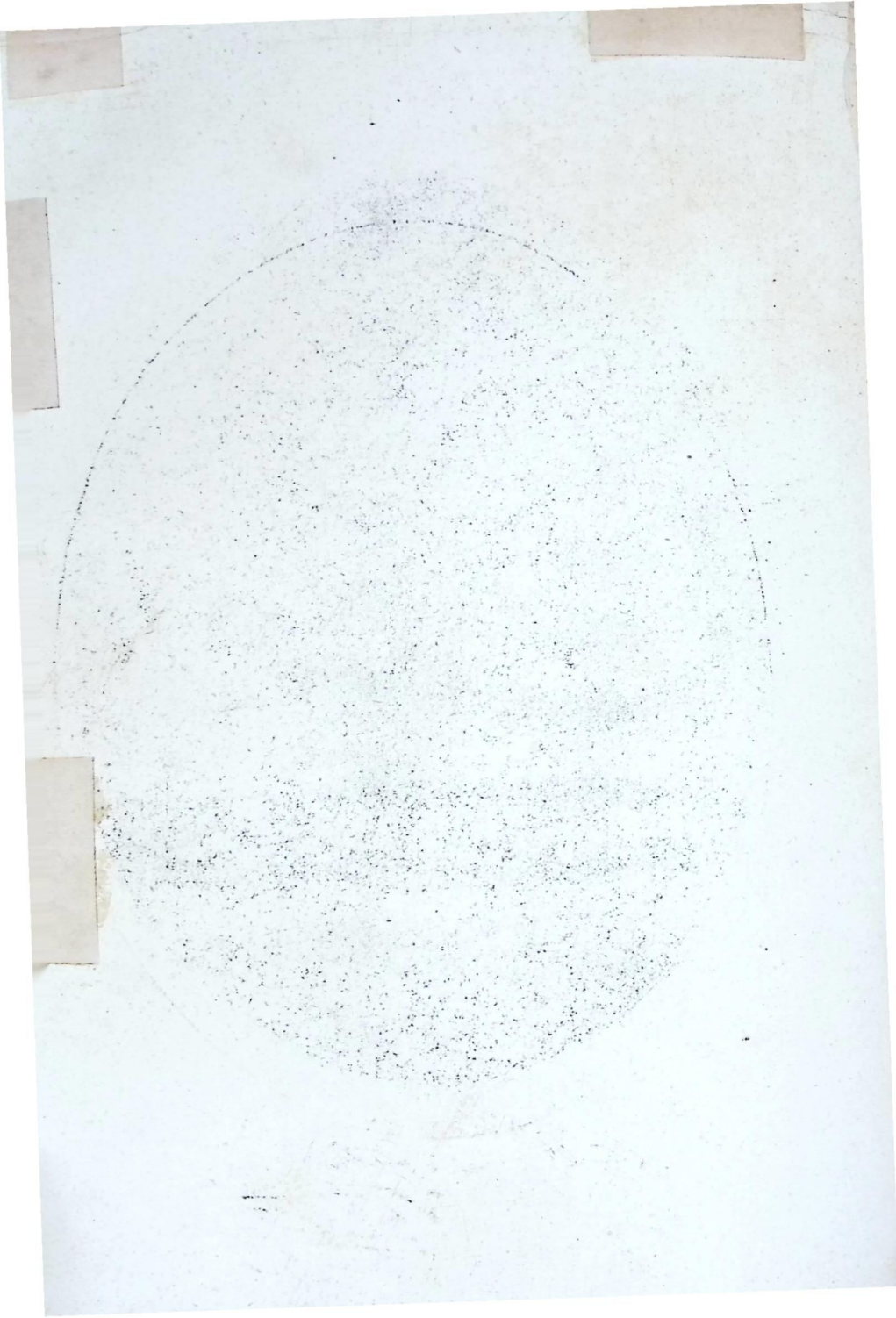
Quem era Natterer?—Podemos responder em poucas palavras: O maior, isto é, o mais zeloso e o mais fecundo colleccionador zoologico que pisou a America do Sul. Dezoito annos duraram as suas peregrinações, durante o primeiro imperio, pelo Brazil, juntando em mamíferos, aves, em vertebrados em geral, um material tão collossal, uma collecção tão rica e completa, como ninguem antes e depois a fez. E' o homem, que cem vezes citei nos meus livros sobre historia natural d'este paiz, e cujo nome ainda centenas de vezes será encontrado nas paginas das monographias zoologicas ultteriores. Fallei d'elle no meu livrinho acêrca dos mamíferos brasileiros, ás pags. 8 e 31 do capitulo introductorio ¹.

Escreve August von Pelzeln, no prefacio do catalogo das aves colligidas por Natterer no Brazil: «Poucas expedições scientificas tem dado resultados tão grandiosos, como a dos naturalistas austriacos no Brazil. O espolio ornithologico, abrange, como fructo dos esforços do inolvidavel Johannes von Natterer, approximadamente 1.200 especies em 12.293 pelles, das quaes só uma fracção muito insignificante foi adquirida por compra ou presente, sendo tudo o mais colleccionado por elle mesmo. Taes thesouros scientificos só podiam ser alcançados pela coincidencia dos factores os mais favoraveis. Unicamente pela circumstancia, que foi dado a um homem como Natterer, —o qual occupava um dos logares mais salientes entre os ornithologistas e possuia ao mesmo tempo a mais alta idoneidade como caçador, colleccionador e preparador, —explorar em diversas direcções uma terra tão rica qual é o Brazil, durante um espaço de tempo tamanho, resultou a possibilidade de taes successos. E' intuitivo, que o numero das especies por elle descobertas, era grande. Mas não é só pelo lado das novidades que são notaveis as suas collecções. Em gráo igual o são para um outro ramo da investigação ornithologica, e pelo methodo racional do colleccionamento. As aves são providas, com poucas excepções, de

¹ Accentuo o que lá disse — querendo corrigir d'est'arte certa observação lastimavel, que casualmente deparei n'uma publicação official, do tempo do segundo imperio, intitulado «O Brazil na Exposição Universal de Vienna», observação erronea — quasi ridicula —, inspirada talvez por um patriotismo mal comprehendido.



Joh. Satterer



leitreiros contendo o numero successivo das especies, a localidade, o dia e mez, finalmente ainda o sexo. Simultaneamente Natterer redigiu o seu catalogo-manuscripto, no qual, para cada especie e com o respectivo numero, acham-se indicados para um ou mais individuos, todos os caracteres que só são visiveis no individuo fresco ou vivo, como a côr da iris, do bico e das pernas, das partes nuas, a fôrma da lingua, o conteúdo do estomago e do papo, noticias anatomicas, medições do vivo, observações sobre a localidade habitada, o modo de vida, a voz, a distribuição. A exactidão d'estas annotações, de par com o grande numero dos individuos colleccionados, offerrecem-nos assim occasião de aprender as differenças de sexo e de idade, como tambem as variações existentes de uma e mesma especie e eventuaes raças locaes. De maior importancia porém são as indicações precisas das localidades onde os exemplares foram colleccionados, e do tempo, indicações estas que são apropriadas a nos fornecer um conhecimento da distribuição das aves dentro do territorio do Brazil e da sua existencia nas diversas estações, tal como possuímos de poucas regiões do globo, e tanto mais completo, que Natterer, pela duração da sua estadia, poudede demorar-se mais tempo nos pontos importantes e conhecer assim cabalmente as faunas locaes.» Estas palavras dizem a mais estricte verdade e podemos subscrever-as uma por uma.

Johannes Natterer percorreu o Brazil inteiro, com a unica excepção do extremo Sul (Rio Grande e Santa Catharina) e da zona costeira desde o Pará até o Rio de Janeiro. A ultima d'estas duas lacunas no programma geral foi occasionada por commoções politicas no Brazil; é lastimavel em relação á metade septentrional, quero dizer o trecho do Pará até á Bahia, menos sensível porém quanto á metade meridional, visto que poucos decennios antes este trecho da Bahia até o Rio de Janeiro tinha sido proficientemente explorado pelo excellente principe Maximilian zu Wied-Neuwied. Informa detalhadamente acêrca do itinerario observado por Natterer, em todas as suas peregrinações pelo Brazil, o seu compatriota acima mencionado, August von Pelzeln, nos catalogos sobre a colleita mammalogica ¹ e ornithologica ².

¹ Brasilische Säugethiere. Wien 1883, pag. 1-2; pag. 125-136.

² Zur Ornithologie Brasiliens. Wien 1871, pag. 463 seg.

Se, já assim, Natterer merece a atenção e o respeito de todos quantos se interessam por aquelles que parte activa tem tomado na exploração scientifica do Brazil, considerado no seu todo, para nós, na Amazonia, torna-se isto um dever duplamente sagrado, pois Natterer consumio d'aquelles 18 annos, perto de 6 annos, a terça parte do tempo total, com a visita do magestoso rio e dos seus affluentes, cada qual mais notavel. Podemos affirmar, sem receio de exaggeração alguma, que os conhecimentos scientificos actuaes da zoologia amazonica, mormente no terreno dos mammiferos e das aves, datam do tempo da viagem de Natterer e baseam-se, na sua essencia, especialmente sobre os resultados e as collecções do intrepido viajante austriaco. N'estes dous ramos de zoologia elle foi para a Amazonia, o que foi mais tarde o naturalista inglez Henry Bates em relação á entomologia, o estudo dos insectos, da mesma região. Não vae n'isto uma nota de menosprezo da nossa parte ao trabalho executado no mesmo sentido por outros naturalistas antes e depois d'elle. Quanto aos precursores, proxima publicação nossa dará a entender, por exemplo, que soubemos ser justos para com o naturalista luso-brazileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira ¹, e por outro lado respeitamos os feitos de Spix, embora a elaboração do material colligido por este cientista bavaro provoque o nosso criticismo em numerosos pontos.

Julgamos assim justificado o nosso empenho em popularisar o nome e o merecimento de Johannes Natterer. Pelos titulos acima mencionados adquiriu o direito de ser mais conhecido, mais popular aqui no Brazil do que o foi até agora e o Museu Paraense offerece com maximo prazer os seus prestimos para este fim, honrando os serios esforços de aprofundar a historia natural da mysteriosa Amazonia. Este nosso instituto deve olhar com piedade filial para o vulto d'este grande homem, cuja obra é uma pedra angular do nosso edificio e cuja actividade é um dos pilares do nosso programma, das nossas tendencias scientificas! E além das razões acima especificadas ha ainda uma outra que liga estreitamente o nome de Natterer á Amazonia; logo a diremos.

Nas partes e documentos que seguem o leitor achará os pormenores sobre a estadia de Natterer no valle amazonico, o periodo da memoravel expedição que naturalmente mais de perto nos deve interessar. Igualmente reproduzimos em tra-

¹ *Ensaio sobre o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.* — Pará. — Alfredo Silva & C.^a. — 1895.

ducção fiel, do texto allemão, uma curta biographia do nosso protagonista, da lavra de pessoa que forçosamente de perto conhecia a vida do celebre naturalista—do Sr. Barão Julius Schröckinger von Neudenberg, genro de Natterer.

Natterer foi um trabalhador infatigavel. Isto logo resulta da proporção numerica entre as collecções e o tempo consumido no Brazil. O espolio em aves foi de 12.293 pelles, em mamíferos de 1.179 exemplares. Um simples calculo ensina, que na media, Natterer *preparava quasi duas aves por dia durante a longa estadia de 18 annos*, não exceptuando domingos, dias feriados, os periodos onde não houve possibilidade de colleccionar é de conservar. Em relação aos mamíferos resulta que approximadamente todos os 5 dias elle tinha de preparar um exemplar. O que isto significa, fica claro para quem tem pratica de semelhante trabalho. E não se contentou de trabalhar muito—trabalhou ao mesmo tempo com summo esmero e cuidado, como logo ouviremos do julgamento insuspeito de um contemporaneo, que o observou de perto no Brazil. O exemplo de Natterer serviu de modelo a um ou outro emulo moderno, que procurou tomar-lhe a dianteira, mas com successo isto ainda ninguem o conseguia, nem quantitativamente, quanto mais qualitativamente. Poderia citar nomes, mas não o faço, por não querer provocar susceptibilidades.

Natterer viajou sem muito apparato, sem acompanhamento numeroso. Reunindo na sua propria pessoa as habilitações de um caçador excellente e de um preparador perfeito, já tinha a grande vantagem de economia no pessoal,—factor este que certamente muito lhe facilitou a liberdade de acção, a possibilidade de locomoção illimitada, cousas que sabem avaliar aquelles que conhecem por propria experiencia todos os impedimentos e difficuldades de uma expedição, em maior estylo. Nos primeiros annos elle teve, é verdade, um companheiro no caçador Sochor. Mas morrendo este em Matto-Grosso, elle realisou o resto das suas viagens sosinho, quero dizer sem ajudante scientifico propriamente dito. Todavia, Natterer teve o geito e a paciencia de arranjar um, que finalmente quasi merecia a qualificação alludida—educou para estes fins um pretinho de nome Luiz. O que Natterer conseguiu fazer d'este rapazinho preto, vê-se pelas numerosas citações, que o seu chefe faz no correr dos catalogos acerca dos

mammíferos e das aves. Sabemol-o, outrosim, por um interessante trecho do livro do celebre zoo-geographo Alfred Russel Wallace, tratando da narrativa das viagens realizadas no Amazonas e no Rio Negro ¹. Lê-se no Capitulo V, pag. 112, o seguinte: «Como não havia muita abundancia de insectos n'este tempo do anno, eu quiz arranjar um caçador para matar passaros para mim e entrei em arranjos com um preto chamado Luiz, que tinha bastante pratica. Vivêra com o Dr. Natterer durante toda a sua estada de dezoito annos no Brazil, tendo sido comprado por elle no Rio de Janeiro, ainda rapaz; e quando o Doutor sahio do Pará, em 1835, deu-lhe a liberdade. Toda a sua occupação enquanto esteve com o Dr. Natterer era atirar e ajudar a preparar as pelles dos passaros e outros animaes. Elle possuia já um pedaço de terra e tinha economisado o bastante para comprar elle mesmo dois escravos,—um grão de providencia a que raras vezes attinge o indio negligente. Era natural do Congo, e homem muito alto e bem feito. Concordei dar-lhe dez tostões (2 sh. 3 d.) por dia e comida. Divertia-me muito contando as suas viagens com o Doutor, como sempre chamava a Natterer. Dizia que este tratara-o sempre bem e dava-lhe pequenos presentes quando elle trazia-lhe um passaro desconhecido. Luiz era um excellente caçador. Andava no mato desde a manhã até á noite, indo muito longe e trazendo geralmente para casa algum passaro interessante. Arranjou-me logo diversos cardaes cantores, surucuás de peito vermelho, tucanos, etc. Conhecia os lugares predilectos e os habitos de quasi todos os passaros e sabia imitar os seus cantos de modo a chamal-os a si.» ²

Um precioso trecho sobre o vulto de Natterer conservou-nos Auguste de St. Hilaire, na sua obra acerca das suas viagens realizadas na então capitania de São Paulo. Certo dia do anno 1821 para 1822 encontraram-se em Ypanema, na conhecida fabrica de ferro na zona limitrophe com o sertão paulista, tres naturalistas estrangeiros, cujos nomes ficaram

¹ A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. London (River et C.,) 1853.

² Este trecho é para fazer inveja da bella occasião que Wallace teve de engajar um elemento tão util. Hoje em dia—que differença! Não se acha mais uma pessoa que saiba tupy, e caçadores da raça do famoso Luiz, em vão serão procurados!—(G.)

ligados á exploração scientifica do Brazil. Um era o austriaco Natterer, que em Ypanema quasi um anno inteiro se demorou, — outro era o joven prussiano Sellow, emissario da academia de sciencias de Berlim e protegido de Alexander von Humboldt, o terceiro era o eminente botanico francez, o autor do mesmo livro. Auguste de St. Hilaire estabelece um confronto espirituoso e sagaz entre os dous collegas, do ramo zoologico. Não me lembro das palavras textuaes do referido trêcho, e não possuindo aqui o livro em questão, não posso citar literalmente. Lembro-me, porém, perfeitamente bem, que o illustrado botanico francez tece um elogio, sem reserva alguma, a Natterer, que elle descreve como sério, digno, cortez, sem todavia ser communicativo demais, zeloso no seu trabalho, salientando ainda especialmente a perfeição não igualada nos misteres ou occupações taxidermicas, e a circumstancia que nas pelles não se via uma gotta de sangue. Bastante mal sahio-se por outro lado o joven Sellow d'este exame. Representa-o como ambicioso, orgulhoso, de maneiras pouco captivantes e um trato repulsivo — em summa, o caracter do emulo de Humboldt não agradou ao perspicaz botanico francez. Entraria aqui alguma cousa da antiga rixa entre representantes dos dous povos? . . . Não o posso acreditar, pois julgo que Auguste de St. Hilaire possuia educação bastante para elevar-se acima do terreno mesquinho de differenças politicas herdadas.

Um outro contemporaneo, tambem francez, o Barão de la Fresnaye, intitidou, em 1846, o sabio Natterer «le plus habile ornithologiste de l'époque», como se vê na parte ornithologica da expedição de F. de Castelnau ¹.

As grandiosas collecções de Natterer foram para Vienna d'Austria, onde na sua quasi totalidade podem ser vistas ainda hoje, formando a pedra mais preciosa do Museu de Historia Natural d'aquella capital. Foi feliz com as suas remessas, não tendo perdido, em vida, senão a collecção de animaes vivos trazidos do Amazonas, destinados ao Jardim Imperial de Schoenbrunn, immolados pelos insurrectos no Pará, no tempo da «cabanagem». Parece que foi a unica adversidade maior, que Natterer teve de soffrer, debaixo d'este ponto de vista,

¹ Animaux nouveaux ou rares etc., de l'Amerique du Sud. Oiseaux, par M. O. Des Murs, pag. 4 (Paris 1855).

durante a sua longa estadia no Brazil e o resto da sua vida em Vienna, ao passo que A. R. Wallace perdeu tudo n'um naufragio perto do Pará, não salvando senão a vida e — a lembrança e as impressões das viagens realizadas na Amazonia.

Cinco annos, porém, depois da morte de Natterer, em 1848, um grande incendio destruiu o antigo Gabinete Imperial de Historia Natural de Vienna. N'esta lamentavel catastrophe perderam-se a collecção de esqueletos e parte da dos peixes colleccionados por Natterer, e quasi todos os manuscriptos e diarios relativos ás viagens no Brazil, salvando-se felizmente as outras collecções.

E' uma coincidencia singular, que por incendios já duas vezes perderam-se dados e collecções de summa importancia relativos á historia natural da Amazonia, acarretando prejuizos irreparaveis e retardando desastrosamente o progresso scientifico: o primeiro foi o de Vienna, o segundo o do antigo Museu de Cambridge, na America do Norte, causando a perda total da colheita de Louis Agassiz, feita durante a expedição, que foi assumpto de um artigo nosso no fasciculo anterior d'este *Boletim*. E mais uma circumstancia exquisita: foram principalmente as collecções ichthyologicas provenientes do Brazil que sempre foram perseguidas por uma má sorte, pois consta-me que a colheita feita por Wallace e totalmente perdida no naufragio acima mencionado, era devéras importante em relação á classe dos peixes.

Trabalhos impressos de propria lavra, Natterer poucos legou á posteridade, já acima o declaramos. Ao nosso saber, são apenas tres: *uma noticia sobre vermes intestinaes*, datando ainda do tempo da mocidade, da epocha agitada em que o continente europeu soffria debaixo de uma conflagração geral, produzida pelas guerras napoleonicas — e dous outros, já datando do tempo depois da volta do Brazil, tratando um sobre o *Lepidosiren paradoxa*, outro sobre os *Crocodilides (jacarés) sul-americanos*. Duas obras de maiores dimensões, porém, ficaram em phase de projecto; a morte repentina de Natterer veio pôr o ponto final em ambas, matando uma em estado já adeantado, porém, não madura para o prélo, e a outra ainda inteiramente em embrião. Com o Prof. Andreas Wagner, de München, o douto conhecedor dos mamíferos, elle quiz publicar uma obra sobre os «*Mamíferos do Brazil*», encarre

gando-se elle da parte biologica e zoogeographica, ao passo que Wagner devia redigir a parte systematica ¹. Foi esta que ficou paralyzada já nos primeiros passos preliminares. Além d'esta, Natterer trabalhou activamente n'uma obra independente sobre *ornithologia geral*, como sabemos pela biographia do seu genro—esta, no interesse da qual elle fez aquellas viagens pelos Museus europeus, estava principiada, mas nem este principio existe hoje, pois foi preza do grande incendio de 1848.

Uma vez morto o autor e organisador d'aquellas collecções phenomenaes, muda aquella fonte insubstituivel de informações directas, inutilizado aquelle riquissimo thesouro de saber, a elaboração scientifica do material, naturalmente não poudeser activada com a mesma presteza. Certamente, estamos firmemente convictos d'isto, não era falta de interesse, que retardava uma rapida successão de publicações, mas uma certa falta de coragem, facillima de explicar-se pelas dimensões d'este material. Quem não havia de recuar, no primeiro momento? Era acostumar-se com o tamanho acabrunhador da tarefa.

Encetou-se com o tempo esta elaboração. Em vez de effectuar-se em fôrma de vigorosa e potente correnteza, fez-se gotta a gotta. Em vez de harmoniosa e homogenea, ficou fragmentaria e heterogenea. Wagner continuou a publicar ainda certos capitulos sobre mamíferos brasileiros, baseados na colheita de Natterer; juntou-os, ora como supplementos á grande obra de Schreber ², ora inseriu-os nas memorias da Academia de München ³. São sempre valiosos sobretudo no que diz respeito aos roedores, os morcegos e as quicas menores. Kner ⁴ e Heckel ⁵ trabalharam sobre certos grupos de peixes brasileiros—tambem são dissertações importantes, que merecem ser consultadas. Sobre a mesma classe recentemente Steindachner ⁶ emprehendeu uma série de estudos, indispensaveis aos cultores da ichthyologia brasileira. Diesing ⁷ apro-

¹ «Münchner Gelehrte Anzeigen» XVI, pag. 73.

² Die Säugethiere in Abbildungen nach der Natur mit Beschreibungen von Dr. J. C. D. von Schreber. Fortgesetzt von Dr. J. A. Wagner. (1775-1855).

³ Beiträge zur Kenntniss der Säugethiere Amerikas. München (1847-1848).

⁴ Dr. R. Kner, a) Die Familie der Characinen. Wien 1858.—b) Die Panzerwelse (Loricarinae 1853).

⁵ Jacob Heckel, Johann Natterer's neue Flussfische Brasiliens (I. Labroiden) Wien 1840.

⁶ Dr. F. Steindachner a) Ichthyologische Notizen (IX) (1864-1870).—b) Beiträge zur Kenntniss der Flussfische Südamerikas. Wien (I IV) 1879-1882.

⁷ Dr. C. M. Diesing, Systema Helminthum 2 vol. Vindabonae (1850).

veitou o copioso material helminthologico reunido por Natterer no Brazil, material que não deixa de impôr-se ao nosso respeito, pois é quasi incrível o numero de vertebrados examinados pelo incansavel explorador em relação aos seus vermes intestinaes e os seus parasitas internos. E ainda pelo ultimo fasciculo do nosso *Boletim* vê-se que tambem já os myriapodos brasileiros, do espolio de Natterer, acharam competentes elaboradores em Saussure e Humbert ¹.

Se todos estes trabalhos, baseados em todo ou em parte sobre as colleções zoologicas de Johannes Natterer, estão disseminados sobre porção de obras, apresentando um triste aspecto de esphacelamento litterario, com intima satisfação constatamos que o mesmo não se dá, pelo menos em relação ao espolio em mamíferos e aves brasileiras. Houve um projecto zoologo e paciente investigador, compatriota do protagonista e zeloso funcionario do Museu Viennense, que dedicou grande parte da sua vida ao estudo do respectivo material, elaborando-o com palpavel amor e admiravel persistencia. O Prof. August von Pelzeln, que infelizmente hoje tambem já não pertence mais ao numero dos vivos ², publicou em 1871 um livro intitulado «Zur Ornithologie Brasiliens», e em 1883 um outro «Brasilische Säugethiere», ambos dedicados exclusivamente aos resultados de Natterer. Sabemos, que elle tencionava continuar, preparando outra publicação no mesmo genero com relação á colheita em reptis e amphibios. Mais uma vez a morte veio cruzar este projecto. Quem assumirá a herança scientifica?

Os dous livros do Prof. August von Pelzeln são catalogos, aridos se querem, destituídos de quaesquer ornamentos rhetoricos. São intragaveis para leigos em materia zoologica, mas são documentos de alto valor para o scientista. Eu posso dizer, que são aquelles livros que mais vezes consulto aqui no Brazil — raro é o dia, em que não tenho de abril-os.

Natterer conseguiu reunir no Brazil 205 especies de mamíferos. Em novas especies descobriu não menos de 73, mais

¹ Zoologie du Mexique, VI^{ème} partie, seconde section (Paris 1872).

² Falleceu em 2 de Setembro de 1891, na idade de 66 annos. — Biographia na «Ibis» de Londres, 1892, pag. 188 seg.

da terça parte ¹. Entre as novidades merecem especial menção 4 especies de Simios (macacos), 29 especies de Chiropteros (morcegos), 24 especies de roedores e 11 especies de Marsupiaes (mucuras e xixicas). Os quatro novos macacos são: *Cebus nigrivittatus* («Caíarara da Serra»), *Callithrix caligata* («Uaia-pussá»), *C. brunnea* («Bocca d'agua»), *Hapale chrysoleucos*—todos da Amazonia.

Muito grande é o numero das aves novas descobertas por Natterer no Brazil. Uma rapida orientação, que debaixo d'este ponto de vista acabo de emprehender, ensinã-me que foram pelo menos 205 especies. Ora, sendo o total das aves scientíficamente conhecidas no Brazil, de 1.680 especies ², importa isto quasi a fracção de 1/8 de toda a aviaria brasileira.—São numericamente consideraveis as descobertas relativas ás ordens dos Raptatores (7), dos Psittaci (4), dos Picariae [*Rhamphastidae* (3), *Picidae* (13), *Caprimulgidae* (9), *Trochilidae* 8], dos Passeres [*Tanagridae* 6, *Fringillidae* 10, *Cotingidae* 9, *Formicariidae* 41, *Tyrannidae* 28], dos Gallinae (10). De Columbæ (Pombos) Natterer descobriu 3. novas especies, de Grallatores 4 especies. Esta synopse, embora summaria, deixa entrever a importancia fundamental que resulta em materia de ornithologia da expedição do incansavel naturalista realisada em territorio do Brazil.

Comprehensivel é que a influencia que Natterer tão justamente exercia no terreno da zoologia dos vertebrados sul-americanos, encontrou uma expressão de gratidão por parte de muitos scientistas d'aquella epocha, que lhe dedicaram porção de animaes novos. Entre os Mammiferos ha por exemplo um morcego, que Fitzinger baptisou *Nycticejus Nattereri*. Entre as aves lembro-me n'este instante de um *Chrysotis Nattereri* (Papagaio), de um *Pteroglossus Nattereri* (Araçary), de um *Momotus Nattereri* (taquára), de uma *Cotinga Nattereri* (anambé), de uma *Lurocalis Nattereri* (bacuráu), de um *Picus Nattereri* (pica-páo), de um *Tachyphonus Nattereri*, de uma *Pipra Nattereri* (tangará, arapurú), de uma *Penelope Nattereri* (Jacú), e estes ainda não são todos. Entre os Reptis ha uma cobra elegante com o seu nome—o *Thamnodynastes Nattereri*, pertencente á familia dos ophidios, conhecidos

¹ Orço approximadamente em 250 especies o total dos mammiferos propriamente brasileiros até hoje descriptos, importando quasi a metade das especies neotropicas, que Wallace calculou em 504. Veja Goeldi, «Mammiferos do Brazil» pag. 8.

² Goeldi «Aves do Brazil» (I) pag. 8.

pelo povo brasileiro com o nome de «cobra-cipó». No ultimo fasciculo do *Bolctim* acha o leitor entre os Myriapodos brasileiros duas especies dedicadas ao mesmo naturalista, um *Oxyurus* (sob n.º 15) e um *Spirobolus* (sob n.º 43). E assim por deante: ha peixes com o seu nome (*Pachyurus Nattereri*), não poucos insectos, etc., e longe nos levaria enumerar todos estes casos, onde Natterer figura como padrinho.

Quando mudou em mim a resolução de colligir os materiaes para uma noticia biographica do eminente naturalista austriaco, afim de divulgá-la aqui no Brazil, paiz que afinal de contas não pôde deixar de interessar-se pelo homem, que tanto se interessou por esta terra, dirigi-me á Bibliotheca da Universidade de Vienna, expondo as minhas intenções e o meu projecto. Foi em 17 de Agosto de 1894. Com extrema gentileza fui immediatamente attendido, recebendo eu officialmente, por ordem do Director da dita Bibliotheca, o Sr. Grassauer, já em 11 de Outubro de 1894 copias de biographias e utilissimas indicações acêrca de litteratura.

O Sr. Director da Bibliotheca Universitaria chamou além d'isto a minha attenção para o facto, que vivia ainda pessoa, que de certo poderia fornecer mais amplas informações—a propria filha de Natterer, a baroneza Gertrude von Schröckinger. Logo dirigi-me a esta Senhora, pedindo-lhe o seu auxilio para o meu plano e rogando um retrato de Johannes von Natterer, que eu nunca tinha visto em publicação alguma. Qual não foi a minha surpresa, quando descobri que ella era —uma brasileira, nascida no Amazonas, uma respeitabilissima matrona, que, embora não fallando mais a sua lingua materna, ainda bem se lembrava das matas da sua terra natal, das margens do Rio Negro, e com summo prazer logo estava prompta para aviventar a memoria do seu notabilissimo pae, por quem mostrava uma veneração commovente. Eis a traducção da primeira carta que recebi:

«VIENNA, 12/XII 1894.

«*Prezado Sr. Director.*—Meus agradecimentos pela sua carta e a dedicatoria de suas obras sobre «Mamíferos» e «Aves do Brazil», que tanto me honra.

«Enche-me de justo orgulho e jubilo que meu bom pae,

apezar de morto ha mais de 50 annos, cada vez mais apreciação encontre e mais se saliente o seu vulto phenomenal.

«E que do outro lado do oceano, no paiz que elle investigou durante 18 annos,—*paiz que elle amou como a sua patria e cuja grandiosa vegetação, variadissima fauna e incomparavel céo estrellado sem duvida alguma o teriam levado outra vez para lá*—; se acha um sabio, que movido por nenhum outro motivo senão o do amor á sciencia, se empenha em aviventar e popularisar no Brazil mesmo a memoria e os merecimentos d'aquelle que já tanto tempo não está mais vivo—esta circumstancia é que me impõe a gratidão a mais indelevel e me causa immensa satisfação!

«Aqui, em Vienna, a conclusão do novo edificio do Museu de Historia Natural, finalmente tornou possivel coordenar completamente as ricas collecções de meu pae, effectuando-se assim a sua resurreição espirital no interior e no exterior.

«Conforme o seu desejo mando-lhe duas lithographias de meu pae, das quaes eu lhe peço que acceite, como lembrança, para si pessoalmente, aquella que não tem assignatura. É a melhor, apezar de não reproduzir com toda fidelidade desejavel a clemencia e a clareza da sua physionomia. Cortei a assignatura de uma das suas cartas—talvez uma mão mais dextra que a minha a grudará debaixo do retrato. Incluo ao mesmo tempo um necrologio contemporaneo e uma copia de um discurso, que meu marido fez ha tempo. Talvez uma ou outra cousa lhe parecerá aproveitavel.

«Bastante lastimo não ter me exercitado mais desde a minha infancia na lingua portugueza. Custa-me a leitura dos seus livros que tanto me interessam e dos quaes adivinho o valor; auxiliam-me entretanto um dictionario portuguez e o conhecimento da lingua italiana.

«Ainda uma vez,—os agradecimentos cordiaes de uma Senhora idosa e filha amorosa que passa os dias, que lhe restam, no culto de lembranças queridas!

«Que Deus lhe favoreça com a sua protecção, abençoando a sua piedade leal para com os precursores, a sua actividade e as suas generosas intenções e importantes emprezas!—Com a expressão de sincera admiração.—Sua dedicada

BARONEZA VON SCHRÖCKINGER».

Ainda não faz muitas semanas, que recebi da illustre Senhora outra carta, em resposta a uma minha, na qual tive de informar, que da primeira remessa apenas a carta de 12 de

Dezembro e os impressos me tinham chegado, ao passo que os dous retratos se tinham extraviado n'aquelle minotauro, que se chama Correio. Recebí mais dous retratos—esta vez—registrados.

Esperei poder fazer agradável surpresa á filha de Johannes von Natterer com o terceiro *Boletim* do Museu Paraense, contendo uma merecida homenagem ao seu pae, proveniente do torrão, que por tantas razões lhe deviam ser caras. Esta esperança não se realisou, pois o neto do eximio naturalista austriaco me communicou a morte da Baroneza Gertrude von Schröckinger, de 63 annos de idade, que teve logar no dia 8 de Maio d'este anno. Não lhe foi dado alcançar em vida ainda estas singelas linhas escriptas com efficaz auxilio d'ella e acompanhadas pelo retrato gentilmente fornecido por ella. Singular coincidência!

De parentes e descendentes de Natterer vivem, que eu saiba, em Vienna d'Austria um neto, que é official de cavallaria, o Sr. Barão Erich Schröckinger von Neudenberg, e um sobrinho, o Sr. Dr. Konrad Natterer, provector chimico e «Privat-Dozent» do mesmo ramo na Universidade da capital austriaca.

Pará, em 17 de Junho de 1895.

DR. EMILIO A. GOELDI.

NOTICIA BIOGRAPHICA SOBRE JOHANNES NATTERER
REDIGIDA PELO SEU GENRO

Johannes Natterer nasceu no dia 9 de Novembro de 1787, em Laxenburg, perto de Vienna (Austria). Seu pae era lá falcoeiro imperial, sendo mesmo colleccionador zeloso de aves e insectos. Talvez poucas pessoas d'aquellas que visitam os salões do imperial gabinete zoologico, saibam que a collecção particular de um simples falcoeiro formava o nucleo de crystalisação d'aquelles thesouros, que hoje já tão ricos são.

O imperador Francisco comprou em 1793 a collecção de aves e insectos de Natterer, pae, mandou collocar-a em Vienna nomeando o antigo possuidor inspector.

O amor do pae para as obras da natureza passou tambem para o filho João, que estudou primeiro no Gymnasio dos Piaristas, e depois frequentou como hospitante em diversos institutos de ensino superior as aulas de chimica, anatomia e historia natural descriptiva. Ao mesmo tempo emprehendeu o estudo de diversas linguas modernas e do desenho, adquirindo n'este ultimo uma grande perfeição. Seu pae fez d'elle simultaneamente um excellente caçador e taxidermista. Apesar de autodidacto em muitas cousas, Natterer estava de posse de todos aquelles conhecimentos, que tanto lhe facilitaram mais tarde a sua carreira de naturalista.

Já em 1806 e 1808 Natterer percorreu os paizes da coroa Hungara, depois a Styria e o littoral austriaco. Em 1809 foi aspirante, sem vencimento, do Imperial Museu Zoologico e n'esta qualidade acompanhou os thesouros da natureza e artisticos da residencia, foragidos da invasão franceza, para a Hungria ¹. Esta occasião Natterer aproveitou para excursões no Banato e na Slavonia, voltando em 1810 para Vienna. Aqui com zelo se occupou da helminthologia ², viajou ás suas proprias expensas, nos annos 1812 a 1814 na Italia até a Calabria, e por diversas vezes examinou as nossas costas no mar adriatico. Em 1815 Natterer foi enviado para Paris, para auxiliar na volta dos objectos de arte e de sciencia reclamados, e elle aproveitou a estadia na grande capital franceza para o alargamento dos seus conhecimentos de historia natural ³. Em 1816 obteve a nomeação de assistente do imperial gabinete de objectos da natureza, e em 1817 foi designado membro da expedição, destinada a acompanhar a imperial princeza a archi-duqueza Leopoldina, noiva do principe herdeiro Dom Pedro do Brazil, e a investigar em seguida este paiz debaixo do ponto de vista da historia natural.

Esta expedição consistia além de Natterer ainda do Professor Mikan e Dr. Pohl, de Prag., do imperial jardineiro Schott, do imperial caçador Sochor e dos pintores Ender e Buchberger. O governo do rei da Baviera aproveitou a occasião para delegar os Drs. Spix e Martius, o governo de Toscana o naturalista Raddi. O embarque dos diversos membros da expedição realisou-se da seguinte fórma: Dr. Pohl e o pintor Buchberger, mais Raddi, no sequito de S. A. I. R.

¹ Era então director do estabelecimento o Dr. von Schreibers.

² «Noticia de uma collecção consideravel de helminthos» (Vienna 1811), editada por Natterer, em collaboração com Schreibers e Bremser.

³ Foi sobretudo no «Jardim das plantas»

da archi-duqueza em Livorno, na corveta portugueza *Dom João*. Prof. Mikan, o pintor Ender e os bavaros Dr. Spix e Martius, em Trieste, na fragata *Austria*. Natterer com o jardineiro Schott e o caçador Sochor, igualmente em Trieste, na imperial fragata *Augusta*. Estas duas fragatas levantaram ferro no porto de Trieste em Março de 1817, mas logo nos primeiros dias foram separadas por uma violenta tempestade, que tanto maltratou a *Augusta*, que, um casco sem mastro, só com dificuldades alcançou o porto de Chioggia, tendo lá de sujeitar-se durante sete semanas aos reparos das avarias. Natterer aproveitou esta residencia involuntaria, fazendo excursões, ao passo que a fragata *Austria*, menos prejudicada, aportou em Pola, seguindo depois viagem para o Brazil, onde chegou já em Julho do mesmo anno.

De Chioggia a *Augusta* fez-se de vela em 31 de Maio, para Gibraltar, esperando lá a chegada da noiva imperial, a bordo da corveta portugueza *Dom João*, até 1 de Setembro. achando Natterer d'est'arte occasião para investigar a ponta meridional da Hespanha. Proseguindo então na viagem para o Brazil, aportou ainda em Funchal, capital da ilha da Madeira, sobrando, todavia, só dia e meio para excursões. Em 5 de Novembro de 1817, finalmente, a fragata *Austria* ancorou em frente da ilha das Cobras, na magnifica bahia do Rio de Janeiro.

Assim a expedição inteira achava-se reunida no ponto de partida de seu destino, para dissolver-se logo em diversas turmas. Na discussão do plano geral logo ficou evidente que, attento a enorme extensão do imperio, só poderia haver esperança de dar, em parte pelo menos, conta da immensa tarefa, dividindo-se as forças existentes. O espaço de tempo primitivamente fixado pelos nossos naturalistas para a estadia no Brazil, era só de dous annos, mas o Prof. Mikan já voltou em 1 de Junho de 1818 para a Europa, com o primeiro transporte geral das collecções até lá reunidas. Com elle foram tambem os dous pintores Ender e Buchberger, o primeiro porque não podia absolutamente supportar o clima, o segundo porque em consequencia de uma queda infeliz só depois de pouco tempo na Europa tomou exito letal. O Dr. Pohl demorou-se mais tempo, viajando pelas provincias de Goyaz, Matto-Grosso, Minas-Geraes e parte do Pará, mas voltou já no mez de Abril de 1821 para a Europa. Poucas semanas depois seguiu-se-lhe tambem o jardineiro Schott, de sorte que ficaram no Brazil unicamente Natterer com o caçador Sochro.

As viagens que o infatigavel naturalista realisou durante uma residencia de quasi 18 annos no Brazil, podem ser divididas em 10 periodos, a saber:

- I—Viagem de Novembro de 1817 a Novembro de 1818, limitando-se aos arredores do Rio de Janeiro.
- II—Viagem de Outubro de 1818 a Março de 1820, abrangendo a Ilha Grande e parte da provincia de S. Paulo.
- III—Viagem de Julho de 1820 a Fevereiro de 1821 para a parte oriental de S. Paulo até Curitiba, em Paraná, recebendo ordem do ministro austriaco, de voltar para o Rio, via Parana-guá. Elle devia seguir agora para Matto-Grosso, mas tendo-se apresentado difficuldades, o ministro ordenou-lhe que procurasse em Ypanema sua bagagem e o caçador Socher, que lá tinha deixado, e voltasse então para a Europa. Contra isto Natterer representou officialmente, declarando que no peor dos casos elle mesmo queria ficar ás suas proprias expensas, e executar assim projectos já feitos de viagens maiores.
- IV—Viagem de Fevereiro de 1821 a Setembro de 1822, de Ypanema, para onde Natterer tinha voltado, esperando a decisão de Vienna. Visitou as partes antes não percorridas das provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro.
- V—Viagem principiada em Outubro de 1822, depois que chegou da Europa o consenso para prolongar a estadia, e os meios necessarios. Natterer seguiu para Cuyabá, em Matto-Grosso, onde fez uma parada curta em Dezembro de 1824.
- VI—Viagem de Janeiro de 1825, passando por Caiçara, para Villa Bella de Matto-Grosso, capital da provincia sita quasi nos limites com a Bolivia. Diversos acontecimentos desagradaveis causaram aqui uma parada maior. N'uma excursão para S. Vicente adoeceu o caçador

Sochor de febres de mão caracter, e morreu apezar do tratamento cuidadoso de Natterer. Pouco tempo depois elle mesmo adoeceu da mesma molestia e, tendo uma perigosa recalhida, precisou de muito tempo para o seu completo restabelecimento. N'este intervallo naturalmente tambem os preparativos para a futura, a mais perigosa tarefa, só avançaram lentamente.

VII—Viagem desde Julho de 1829, descendo o Rio Guaporé e Madeira (veja itinerario detallado).

VIII—Em 1830 a expedição ao Rio Negro (veja itinerario detallado).

IX—Expedição ao Rio Branco e viagens nos arredores da Barra do Rio Negro. Agosto de 1831-1834. (Veja it. det.)

X—Viagem ao Pará e curso inferior do Amazonas. A execução da exploração costeira até a Bahia ficou frustrada pela revolução. Natterer perdeu, no cerco da cidade pelos insurrectos, quasi tudo o que possuía, mormente todos os animaes vivos, matando os revolucionarios tudo, e comendo por exemplo logo a bella anta que elle tinha trazido. O nosso explorador voltou para Vienna em 13 de Agosto de 1836, via Londres, depois de uma ausencia da patria de 18 annos.

As grandiosas collecções de Natterer, accumuladas durante todas as viagens no Brazil e enviadas para Vienna em transportes parciaes, consistiam de ¹:

430 especimens de mineraes.
1.729 vidros com helminthos.
1.024 exemplares de molluscos.

¹ É notorio que com as collecções de Natterer ganhou o Museu de Vienna logo dimensões seis vezes maiores do que antes.

409	exemplares de crustaceos.
32.825	» de insectos.
1.671	» de peixes.
1.678	» de amphibios.
12.293	» de aves.
1.146	» de mammiferos.
125	» de ovos.
192	» de craneos.
42	preparações zootomicas.
242	amostras de sementes.
147	amostras de madeiras.
216	moedas.
1.492	objectos ethnographicos, sendo vestimentas, instrumentos, armas, etc., de aborigenes sul-americanos, como uns 60 glossarios d'estes.

Depois da sua volta Natterer entrou no imperial gabinete de historia natural como «custos-adjuncto», sendo-lhe abonado uma melhora de vencimento. Logo encetou os trabalhos preliminares para uma obra critica sobre a ornithologia inteira, e para este fim viajou nos annos de 1838 e 1840 primeiro pela Allemanha do Norte, Dinamarca, Suecia e Russia, depois pela Allemanha do Sul, França, Inglaterra e Hollanda. Infelizmente uma congestão pulmonar pôz no dia 17 de Junho de 1843 de repente um fim á agitada vida de Natterer, na idade de 56 annos. Por consequencia não só ficou por acabar em manuscripto a sua grande obra ornithologica, mas esta ainda por cima foi destruida no incendio do Imperial Gabinete de Historia Natural, no fim do anno de 1848, juntamente com a maior parte das collecções particulares, a bibliotheca e os diarios de Natterer. Pela morte repentina de Natterer ficou tambem interrompida a elaboração de uma obra sobre os mammiferos do Brazil, obra que elle pretendia redigir em collaboração com o Prof. Andreas Wagner, de München. Assim temos pela mão de Natterer unicamente duas monographias publicadas: a memoria sobre o *Lepidosiren paradoxa* Fitz, descoberto no Brazil, e uma outra sobre os jacarés sul-americanos.

Resulta do resto da correspondencia, que ficou nas minhas mãos, a auctoridade de que gosava nos circulos scientificos estrangeiros, especialmente no terreno da ornithologia, no qual

decididamente era um corypheu. O principe Lucien Bonaparte, Lichtenstein, Menetrier, Baer, o principe Maximilian zu Wied, Lamarrepiquot, Brandt, Guerin-Meneville e muitos outros pronunciam nas suas cartas a sua alta estima do saber de Natterer, appellando em questões duvidosas para a especial competencia d'elle e manifestam outrosim a estima e sympathia, que lhes inspira a modestia e o modo despretencioso do illustre viajante. Da universidade de Heidelberg, Natterer obteve ainda, estando no Brazil, e sem o minimo empenho por parte d'elle, o grão de «Doutor em Philosophia», *honoris causa*, e muitas sociedades estrangeiras de sciencias naturaes o nomearam seu socio, como a «Senckenbergische» em Frankfurt A. M., a de Berlim, etc. A' Societé Cuvierienne, em Paris, elle pertencia na qualidade de «membre fondateur».

Natterer casou-se no Brazil, em Barcellos, no Rio Negro, com a Sr.^a Maria do Rego, a qual porém, pouco tempo sobreviveu á volta para a Europa, morrendo com duas crianças em consequencia do clima não acostumado. Ficou unicamente a filha mais velha, Gertrude, nascida lá nas florestas perto da Barra do Rio Negro, e é esta que tenho a felicidade de poder chamar a minha senhora.

JULIUS SCHRÖCKINGER RITTER VON NEUDENBERG.

(† 1882).

SETIMA VIAGEM

Natterer embarca em Matto-Grosso (Villa Bella), no dia 15 de Julho de 1829. Passa a foz do Rio Galeira no dia 20 de Julho, alcança a volta do Campo dos Veados em 29, a foz do Rio Paragau em 30, o Porto dos Guarajus no mesmo dia (?), a bahia grande por cima dos campos dos Amigos, em 2 de Agosto, Santa Rosa em 8 de Agosto. Acha-se na embocadura do Rio Baueres em 9 de Agosto, na do Rio Itonamas no mesmo dia (?), e demora-se no Forte do Principe da Beira do dia 10 até o dia 18 de Agosto.

Entra no Rio Mamoré, 21 de Agosto. Vence a cachoeira de Guajará-mirim em 25, a da Bananeira entre 3-6 de Setembro, a do Páo Grande em 9 e 10; e a Lage, a ultima do Mamoré, em 11 de Setembro.

Entrando no Rio Madeira transpõe a primeira cachoeira

durante os dias 11 a 17 de Setembro, a das Araras em 28, 29, passa na foz no Rio Abuná em 29 (?), vence outra vez a cachoeira das Pederneiras, durante os dias 30 de Setembro e 1 de Outubro, a dos tres irmãos no mesmo dia, o Caldeirão do inferno (a mais perigosa) no dia 18 do mesmo mez, a dos Morrinhos em 20, entretém-se no Salto Theotonio desde o dia 21 até 8 de Novembro, alcança a foz do Rio Jamary em 10 de Novembro, a do Rio Mahissy em 12. Chega em São João do Crato, na margem esquerda do Madeira, no dia 13 de Novembro, na Sapucaia-rocca, então missão para os indios Muras, no dia 22 de Novembro.

Entrando em Borba no dia 24 de Novembro de 1829, lá ficou até Junho de 1830, fazendo todavia diversas excursões nos arredores. De localidades citadas achamos o sitio de Hilario Góes (Março 3), o de Joaquim Nunes Collares e de Joaquim da Silva (mezes de Março. Abril e principio de Maio).

OITAVA VIAGEM

Natterer deixa Borba no dia 25 de Agosto de 1830. Navega o Rio Madeira, chega em aguas amazonicas, em frente á Ilha dos Macacos, em 29. Subindo rio acima, alcança a Barra do Rio Negro (Manãos) em 9 de Setembro. Lá demora-se desde o dia 10 de Setembro até 5 de Novembro de 1830.

Resolve subir o Rio Negro. Partindo em 5 de Novembro, achou-se em Cajutuba no dia seguinte, passou durante o dia 14 o logar Ayrão e a foz do Rio Jau, no dia 18 a Villa de Moura, no dia 20 a foz do Rio Branco e a aldeia Carvoeiro, alcançando Barcellos em 29 de Novembro, Moreira em 3 de Dezembro, Thomar e a foz do Rio Padauri a 6 de Dezembro, Santa Izabel de 14-16, Morro do Jacamim, Santo Antonio do Castanheiro em 20, foz do Rio Cauabury, á direita, em 21, Maçaraby (Loreto) em 22, S. José em 24. Avista o Rio Marié em 25, chega a São Pedro em 26, onde demora-se até 29. Proseguindo então na subida passou dia de anno bom de 1831 em N. S. de Nazareth, e aportou no forte de São Gabriel no dia seguinte. Continuando viagem passou a foz do Rio Uaupés no dia 8, a aldeia de S. Anna no dia 10, a foz do Içannan em 11, a do Rio Xié em 14. Na tarde do dia 15 achou-se na embocadura do Rio Dimity, á esquerda, avis-

tando logo mais o forte de S. José de Marabitanas (25 casas e uma igreja), (Indios Barés). Em Marabitanas, Natterer esteve-se do dia 16 de Janeiro até 4 de Fevereiro. Sempre disposto, quiz estender a expedição até as possessões hespanholas. Partindo no dia 4, chegou ao pé da Serra de Cucuhy (5 e 6), tentando uma ascensão no dia 10. Continuando viagem no dia 12 de Fevereiro, chegou em S. Carlos, habitado por Indios Barés, Bannivas e Uerequennas. Em frente a S. Carlos, o forte venezuelano S. Agostinho. Sendo a distancia d'aqui até á bocca do Rio Cassiquiarí só de 2 horas e meia, lá foi em 17 de Fevereiro, visitando este canal natural entre o Orinocco e o Rio Negro. Voltando atraz, chegou outra vez em Marabitanas, onde ficou do dia 20 de Fevereiro até 23 de Maio.

Na volta Natterer visitou o Rio Xié. Existindo, por feliz acaso, ainda o respectivo diario do nosso infatigavel explorador, intercalamol-o, em traducção litteral: «Partimos de Santa Maria, em 28 de Maio, antes do dia. O rio tinha uns 300 passos de largura; matas em ambas as margens, na maior parte alagadas. Almoço na roça de Lourenço, onde foi morto um novo Bucco, na margem direita. A's 2 horas alcançamos o sitio do Juiz de Paz Rafael, na margem esquerda. Pernoitamos no mato, do mesmo lado.—Em 29, antes do dia, Rocca do Rey, muitas voltas, de preferencia N. a N. O., ás vezes O., N. O., de tarde roças de indios. A's 4 horas roça do principal José, onde pernoitei.—Macaco barrigudo (*Lagothrix cana* Geoffr.)—No dia 30 achei uma preguiça real (*Choloepus didactylus*). Muitas voltas, o rio nem 100 passos de largura tem, forte correnteza.—Em 31, interminavel mata. Nenhum passaro aquatico, nenhum martin-pescador. Preguiça real. De tarde na roça de Caétano, irmão de José.—1 de Junho, logo cedo um estirão comprido, de um quarto de hora, para N. De manhã grande roça, forte correnteza. Uma preguiça trepando. De tarde outra roça, do lado esquerdo. O principal José me alcançou outra vez e ficou commigo no mato. De peixes só um Pacupeba (especie grande), uma nova especie de Sucuriú (cobra d'agua).—2 de Junho. Almoço no mato. A's 11 horas alcançamos a cachoeira. Trinta *Spiropteros* encarnados, preguiça, cinco ranchos. Ao meio dia 24º, um pouco de chuva. A cachoeira corre de O.—S. O., as rochas estavam todas debaixo d'agua e dizem que no tempo das aguas baixas só deixam dous canaes livres. Mais para cima, tres a quatro dias, m'informam residir muitos Ueregueras bravios.—5 de Junho. Partida da cachoeira. O rio tinha consideravelmente subido. Matei dous marrecões, sentados n'um páo. Um ma-

rianito assobiou no alto de uma arvore. Pernoitou-se na roça de Caetano, perto de S. Maria. — 6 de Junho. Almoço no mato, depois aportamos na roça do principal José e na roça do Rey. De tarde chegamos a S. Marcellino.»

Descendo o Rio Negro durante os dias 7 e 8 de Junho de 1831, Natterer quiz explorar também o Rio Içannan. Intercalamos o respectivo diário: «9 de Junho. Bocca do Içannan. Direcção de O.—N. O., mais largo que o Xié, forte correnteza. Na margem esquerda um sitio. Ambos os lados alagados, no esquerdo uma collina. Pernoitamos na margem direita. Mata bastante alta, mas a parte da frente inundada. De peixes 7 pacupebas, (outros nomes não legíveis). — 10 de Junho. Uma pequena ilha. Um bando de marrecões, marianito. Estirão comprido para N. Muitos vacaryis (*Brachiurus ouakary* Spix). Fortes correntezas. De noite, na margem esquerda, n'uma roça, onde tinha um rancho vasio. — 11 de Junho. Cedo a malloca S. Ventura, quatro casas de tabique, depois uma casa na margem direita, mais adeante Piraivara-garapé. — 12 de Junho. Estirão comprido. Almoço no mato, com difficuldade achou-se terra firme. Muita escuma no rio, signal de proxima cachoeira. Outro estirão comprido. Encontramos o cabo Alexandre e o principal Manoel, que procuravam indios do Tanuhy, em substituição dos estacionados em Marabitannas. Tendo achado terra, com difficuldade, pernoitou-se no mato. — 13 de Junho. Almoço perto de um rancho deserto, onde antigamente havia uma roça. Ao N.—N. O. vio-se uma montanha, coberta de mato, bastante alta, chamada Molepiti pelos indios, acima dos rios Ai-ari e Gui-ari. O Içannan está enchendo, apesar de que desde já seria o tempo de vasar. N'uma ribanceira alta a povoação de S. Anna 5 casas de tabique, em frente o monte Molepiti, meus caçadores fizeram a ascensão e avistaram diversas serras. — 14 de Junho. O Molepiti ao N. O. O rio é estreito, com forte correnteza, na margem diversos rochedos. Poucas palmeiras. Os cupins residem aqui nas arvores, em casas grandes, esphericas, ás vezes em consideravel altura por causa das inundações. Também as formigas moram nas arvores. Mais adiante ficou um morro coberto de mato rente á beira direita. No fim do estirão a povoação do Carmo, tendo na frente uns blocos de granito. Adeante a montanha Hecu-panapá. Ao S. O. do Carmo tem um morro coberto de mato, isolado, 7 casas e uma em construcção. — 15 de Junho. Ribanceiras pedregosas, mato alto, forte correnteza. Ao S. um morro isolado. Hecu-panapá, adeante um sitio abandonado, com paredes de torori,

e com uma roça velha na margem direita. Pelas 8 horas um urumutum (*Crax urumutum* Spix) fez ouvir a sua voz. De peixes uma pequena piraíba, um pacu, quatro vacas, um sucuriú azulado. — 16 de Junho. Margens com mato, como de costume o Hecú-panapá, ao S. O., aparecendo agora alto e pontudo. Em diversos logares da beira camadas graníticas. Um igarapé bastante grande na margem esquerda. — 17 de Junho. Ao N. O. uma serra, ao S. Hecú-panapá. A montanha é na beira direita rente a agua, não muito alta, coberta de mato. Uma joven preguiça. De noite alcançamos uma malloca, 6 casas. — 18 de Junho. Forte correnteza perto da povoação, com agua baixa uma cachoeira. Preguiça. Na margem direita avista-se de vez em quando mato para o fundo. Marianita. Uma preguiça com um filhote no peito, já quasi adulta, o filhote ficou illeso do tiro, e posto na embarcação, trepou bastante ligeiro n'um cabo fino até o tope do mastro, onde se segurou. Violenta correnteza. Ficamos na margem esquerda no mato. Os pescadores trouxeram dous peixes, o caçador nada. Na margem muitas palmeiras caraná, cujos fructos se parecem com os de Burity. — 19 de Junho. Cachoeira da Malacacheta de S. O. para N. E., passamos na margem direita. Ao O. — N. O. viu-se o Tunuhy. A' noite passamos n'uma roça na beira esquerda, onde havia muita canna plantada. Os pescadores apanharam uma piraíba (*Bagrus reticulatus*, Kner). — 20 de Junho. Almoço abaixo da cachoeira Taiassu-canira, que atravessa o rio de N. — N. O. para S. — S. E. Produz forte ressaca nas duas margens, estando porém todas as pedras debaixo d'agua, passamos sem perigo. Mais adeante tivemos o Tunuhy ao norte pelas costas, envolvido em densa cerração. Até agora ainda não se viu Pelecano algum no rio. Poucos marrecões (*Anatidae*). Elevação insignificante de O. Depois chagamos n'umia malloca de duas casas feitas de bambú, n'uma collina suave. — 21 de Junho. Estirão comprido. O Tunuhy ao N. pelas nossas costas, depois volta para O. depois N. O. e N., e o Tunuhy reaparece outra vez mais adeante ao Norte. De tarde, ás 5 horas, viu-se ao longe a ressaca da cachoeira, que corta o rio perpendicularmente. Matou-se dous marrecões. Depois do sol posto saltamos em terra, n'uma grande enseiada do lado esquerdo, abaixo da cachoeira. Sobrevindo a noite, pernoitamos, era um sitio abandonado. Os pescadores trouxeram duas piraibas, e ainda apanharam duas outras, das quaes uma grande chegou a puxar a canôa junto com o pescador em direcção á cachoeira. Gritando por auxilio, os companheiros accudiram e

assim prendeu-se o monstro. Luiz atirou dous marrecões e duas jacutingas (Penelope). — 22 de Junho. Depois do almoço remamos até a cachoeira, um pouco do lado da montanha, que é de um grés branco, de grão fino, ou talvez um schisto sillicoso? Em cima estava outr'ora a povoação, n'uma pequena planície, hoje está abandonada, do outro lado d'este morro ha ainda uma casa. Subimos o cume do primeiro morro, não encontramos nenhum gallo da serra (Rupicola), mas sómente um novo papa-mosca, o mato em geral pobre em aves. — 26 de Junho. Depois do almoço deixamos debaixo de chuva a cachoeira do Tunuhy. Pelo meio dia alcançamos os dous ranchos, onde nós tinhamos pernoitado na vinda. Já eu tinha encommendado farinha e negocieei uma linha de pescar e um matiri (pequena bolsa). Umas duas horas depois passamos a cachoeira Taiaçú, mais tarde a alta montanha do Tunuhy ficou ao O., não é recortada, mas comprida e achatada. A's 4 horas chegamos n'uma malloca, onde na baldeação da carga rebentou uma corda, affastando-se a embarcação contra alguns tocos, que logo se quebraram. Esta povoação consiste de 6 casas, o principal, de nome João, estava ausente. Esta gente residia antes na cachoeira do Tunuhy, que elles tinham abandonado uns ha 5 annos, porque o transporte da agua era muito penoso n'aquelle logar elevado. Um velho indio, João Valente, mandou logo cortar uma piccada no capim alto por 3 indios, para a canôa. D'estes indios 2 tinham paletots, o terceiro não tinha senão um pedaço de imbira no corpo. Depois de prompto o caminho, fiz ás indias presentes de missangas e anneis e visitei o velho, que como quasi todos os outros, fallava a lingua geral. Sua casa era espaçosa, no fundo estavam sentadas as mulheres ao redor de um forno, onde torravam farinha. A' dona da casa fiz um presente de uma tesoura, ao marido de anzoas, e troquei uma zarabatana e farinha. O principal tinha fabricado um cocho enorme dô tronco de um pão, servia para fermentar durante uma semana a massa de mandioca amollecida com agua. Dá uma bebida inebriante, chamada Caxiri. Os bejús, que são muito grandes, são primeiro humedecidos com agua, depois estendidos no chão sobre folhas de bananeiras, cobertos pelas mesmas, ficando lá uns 8 dias até que fiquem doces, depois passam para o cocho uma semana. De noite houve dança: eram 4 indios, dos quaes cada um berrava com uma buzina, dançando e acenando com a cabeça, juntaram-se ainda 3 indias, que sempre entre dous homens se seguravam com os braços. Regalei todos com aguardente. As mulheres estavam

todas vestidas de fazenda de algodão e saias azues, bastante sujas, mas não vestiam camisa. O velho principal também estava presente. A dança era em casa de uma certa Valente, que tinha alguma civilização e vestia camisa, para mim ella armou uma rede, para que n'ella me accommodasse. Fiz presente a ella de um lenço, que muito lhe agradou e lhe causou immenso prazer. Pela meia noite voltei para bordo. Dous dos dançantes tinham um barbante amarrado no pé, barbante no qual havia caroços grandes, partidos, de um cipó, enfiados, o que produzia forte chocalho durante a dança. Esta matraca era semelhante á butolé de cascos de veado dos Bororos, negocieei uma contra duas facas, me disseram que vinham dos indios residentes no alto Içannan. Outrosim negocieei umas buzinas e farinha. As paredes das casas eram de folhas de palmeira, como também as repartições do interior. — 27 de Junho. Partimos antes do dia. A montanha Hecupanapá, meio envolvida na cerração, era visivel á direita. Pelas 11 horas chegamos na povoação do Carmo, o principal Patricio estava ausente, tendo ido para S. Anna em procura de barro. Negocieei aqui algumas buzinas e farinha, partindo depois. Ao sul da povoação eleva-se o morro isolado Tivaiu por cima do mato. A's 4 horas chegamos em S. Anna, onde logo recebi a bordo a visita dos principaes Caetano e Patricio, tratei-os na fórma do costume com aguardente. Em frente a S. Anna, na margem esquerda, está situada a foz de um igarapé chamado Ité-doali, communicando com as possessões hespanholas ou passando pelo menos muito perto d'ellas. Por este igarapé veio fugido Caetano com a sua gente, do logar Maroa, que parece ser no Uania ou alto Rio Negro. As casas d'esta aldeia pequena tinham paredes de tabique pintadas por fóra de tabatinga.»

Tendo deixado o Rio Içannan e navegando de novo no Rio Negro; descendo, alcançou Natterer no dia 1 de Julho de 1831 a foz do Rio Vaupé. Resolveu explorar também este affluente direito. Entre os fragmentos salvos do diário existe o trecho relativo á esta excursão. Limitamo-nos porém a citar summariamente algumas datas.

1 de Julho. S. Joaquim, na margem esquerda, com 7 casas. — 2 de Julho. Ao O. — S. O. uma montanha a vista, no Curicuriau, chamada Papii. Os pescadores trouxeram uma pequena piraiba, um varacus e uma preguiça (*Bradypus*). — 3 de Julho. Roça de um indio Dessanna. A direita o morro Pannella de Mucura a vista. Obtive uma pequena piraiba e uma cobra vermelha. — 4 de Julho. Serra do Tocannas, morro

Sucurá-urá. De tarde uma malloca de indios Vaupés, dos quaes muitos tinham fugido. O principal possuia diversos rouxinões vivos, que andavam soltos, e um jacamin ainda novo (*Psophia crepitans*).—5 de Julho. A pesca forneceu 6 varacus.—6 de Julho. Sempre na margem esquerda. Muitas palmeiras Uassai e Paxiuba. O caçador trouxe 5 cujubis (*Penelope cumanensis*), encontrados nas ditas palmeiras, cujos caroços comiam. Na beira Ygapo, onde chamavam uns urús (*Odontophorus dentatus*), que ao que parece pernoitam aqui nos galhos.—7 de Julho. Saltamos na beira direita, onde uns grandes martin-pescadores tinham suas barracas na ribanceira. Ibis á ceinture bastante frequente. Nada de marrecões, de pelecãos, de aves de rapina e de corvos. Ao escrever isto, vejo um *Plotus* na altura. Pernoitamos na margem esquerda. O caçador trouxe 2 guaribas (*Mycetes*) e um barrigudo (*Lagothrix*), o pescador uma piraiba e uma piramutaba.—8 de Julho. Povoação Nanara-pecuma. Indios Tocannos. Os homens nus, apenas com imbirá de torori, as mulheres apenas com saias azues. Os caçadores forneceram uma jacutinga (*Penelope Nattereri* Rchb.) e uma jacucaca (*P. jacucaca* Spix).—9 de Julho. Na bocca do Tiquié.—10 de Julho. Em frente a cachoeira Panoré. A caça deu quatro barrigudos, uma jacutinga e um surucuá (*Trogon*), a pesca duas piraibas. (Natterer cita as seguintes tribus de indios no Rio Vaupé: Tariana ou Tocannas, Dessannas, no interior (cachoeira Cururú, Juru pariatapuya), Silia acima do Cururú, Uananas na margem do rio, Cobö-üi também na beira, no rio Cuduiari residem os Bahuno, mais para o alto Vaupé os Caropaná-Tapuya e diversas outras nações.)

O nosso viajante achou-se no rio Curicuriari em 5 de Agosto, e de volta a Barcellos no dia 23 do mesmo mez, lá demorou-se até 31 de Agosto.

NONA VIAGEM

Já em 5 de Setembro de 1831 encontramos o infatigável Natterer em nova exploração, tendo por alvo o Rio Branco.

Rio Amajau 15-17 de Setembro, Carvoeira 19 (?), Santa Maria do Rio Branco (uma igreja e 7 casas), 27 de Setembro.—Carmo (12 ranchos na margem direita do rio) em 12 de Outubro.—Forte do Rio Branco em 16 de Novembro.

Aqui Natterer estacionou até o dia 24 de Maio de 1832, estendendo as suas excursões ao Takutú e aquelle triangulo de territorio brasileiro que faz uma entrada na Guyana ingleza.

Rio Cauamé 28 de Maio.—2 de Junho de 1832. Serra Carauaman e os 2 morros de Arimani, 4-16 de Junho.—Na foz do Rio Mucajahy, 16 de Junho.—Serra Tapira-peiu, em 24 de Junho. Evidentemente Natterer occupou-se na descida com a exploração de certos affluentes do lado direito, porque só em 28 de Julho entra outra vez no Rio Negro.

E' de lastimar que o diario relativo a viagem do Rio Branco não exista mais, as datas acima mencionadas foram reconstruidas mediante os lettreiros amarrados aos objectos. Sabe-se que o nosso naturalista passou o periodo de 29 de Agosto de 1832 até 24 de Dezembro do mesmo anno na Barra do Rio Negro, visitando na circumvisinhança o Lago Manaqueri, tão conhecido na ichthyologia amazonica, e aquellas regiões do Rio Solimões (Dezembro 1832). Ainda com excursões ás localidades «Igapó Siborena» (Maio 1833), a S. Domingos (Junho 1833), Matas de Joanari (Janeiro 1834), entreteve-se Natterer desde Janeiro de 1833 até 7 de Julho de 1834, tendo seu quartel general na Barra do Rio Negro.

Descendo finalmente o Amazonas, passando por Obidos, Natterer acha-se na Villa de Tapajós (Santarem), em Agosto de 1834.

DECIMA VIAGEM

Chegando ao Pará, Natterer colleccionou activamente nos arredores da cidade, e foi até Bragança. Preparando-se para uma nova grande viagem, que tinha por fim explorar durante o anno de 1835 a costa atlantica, passando pelas provincias de Maranhão, Ceará, Rio Grande, Parahyba, Pernambuco até a Bahia, onde pretendia embarcar para o Rio de Janeiro (tendo sido feita a exploração da costa desde a Bahia até o Rio de Janeiro pelo principe Maximiliano zu Wied), a guerra da «cabanagem», que rebentou no Pará atravessou este projecto, pondo um termo brusco á continuação d'esta notabilissima campanha scientifica.—Na capital do Pará Natterer esteve desde o dia 11 de Setembro de 1834 até 3 de Fevereiro de 1835.—Engenho do Sr. Benjamin

Upton, 17 de Novembro de 1834.—Rio Muria 16-18 de Fevereiro.—Praia de Cajutuba 20 de Fevereiro a 30 de Abril.—Belem Julho.

No dia 15 de Setembro de 1835 Natterer embarcou n'um navio de guerra inglez para a Europa, tendo perdido pelos insurrectos muito da sua bagagem e antes de tudo a rica collecção de animaes vivos colleccionados na Amazonia, destinada ao Jardim Zoologico de Schoenbrunn.

A residencia de Natterer na Amazonia durou 5 annos, 2 mezes e 10 dias. Com a viagem da descida do Rio Madeira gastou 16 mezes, em Borba demorou-se perto de 8 mezes. Com a expedição ao Rio Negro levou 10 mezes, estacionando em Marabitanas e visinhanças de Cucuhy, região limitrophe entre a Columbia, Venezuela e o Brazil, durante 2 mezes e meio. Com a exploração zoologica do Rio Branco gastou 10 mezes, demorando-se no Forte de S. Joaquim, zona limitrophe entre a Guyana ingleza e o Brazil, 5 mezes. Na Barra do Rio Negro (o actual Manáos) residio durante perto de 10 mezes. No actual Estado do Pará esteve durante quasi um anno.

II

RELATORIO APRESENTADO PELO DIRECTOR DO MUSEU PARAENSE AO SR. DR. LAURO SODRÉ, GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ.

Belem, 2 de Janeiro de 1895.

Sr. Governador

O relatorio que segue e que eu tinha a redigir, em obediencia ao que está estabelecido nos artigos 2.º e 12 do Regulamento em vigor é apenas um complemento ao relatorio anterior, a V. Exc.ª por mim apresentado em 28 de Junho de

1894. Abrange, portanto, só o espaço de tempo de seis mezes. Não obstante esta circumstancia, julgo que V. Exc.^a com interesse, percorrerá as paginas que seguem e as quaes, espero são apropriadas a dar uma idéa adequada do movimento material e scientifico havido no Museu Paraense, dos melhoramentos realisados, dos seus planos e projectos relativos ao proximo futuro, e das necessidades mais palpaveis, que esperam ser sanadas pelos Poderes Publicos.

Saude e fraternidade.—O Director do Museu Paraense
Dr. *Emilio A. Goeldi*.

Edificio

O Governo, attendendo ás observações por mim feitas no relatorio anterior e conforme um compromisso já extornado na minha circular de 22 de Março de 1894, procurou um edificio mais apropriado e com capacidade bastante para permittir o desenvolvimento e augmento das collecções. O verdadeiro (ninguem o nega) teria sido a construcção de um edificio novo, e se esta ideia ainda não prevaleceu, certamente não foi por falta de boa vontade, nem pela de planos e projectos relativamente a este assumpto. A ideia não ficou abandonada, mas sim apenas adiada. Como se previo que semelhante edificação exigiria muitos annos, mesmo no caso de achar-se já conhecida, determinada e adquirida a localidade, e que durante estes annos todos o Museu seria forçado á continuacção da mesma existencia obscura e ignobil (existencia meramente vegetativa, que não permittia qualquer tentativa de trabalho scientifico dentro do recinto, nem representacção cocondigna e relações rasoaveis com o publico e o mundo exterior), resolveu-se escolher um edificio já existente, com dimensões sufficientes pelo menos para um certo numero de annos.

Examinando-se imparcialmente diversos predios d'esta cidade, todos os votos dos encarregados concentraram-se na casa e rocinha do Sr. Coronel Silva Santos, a estrada da Independencia. Disposição architectonica interior, solida estrutura, dimensões, conservacção esmerada, aspecto ameno, foram outros tantos factores de recommendação e visto que a rocinha acha-se dentro de terrenos não pequenos que permittem a realisacção d'aquelles annexos do Museu, que o governo

tem em mente, a saber: um modesto Jardim Zoologico e um pequeno Horto Botanico, ficou-se convencido que entre as propriedades publicas e particulares actualmente disponiveis na cidade nenhuma apresentava igual somma de qualidades e vantagens recommendaveis. Houve, a principio, momentos de receio que a distancia fosse sentida desagradavelmente pelo publico, que a situação não fosse bastante central; mais estes receios de facto não resistem diante de madura reflexão. Estabelecimentos congeneres não se encontram em parte alguma litteralmente dentro do centro das grandes cidades (exemplos—Paris, Londres, Berlim, Antuerpia, etc.); a sua propria natureza se oppõem a isto. E pergunto eu, se a situação mencionada, ainda hoje se acha na peripheria da cidade, o que nos prohibe de esperar que em poucos annos ella se ache dentro d'ella? Por onde ha de crescer a cidade de Belem, se não por aquelle lado? Duvidar d'isto seria de facto a mesma cousa que desesperar do crescimento e augmento futuro da cidade e até negal-os.

Bonds na frente, e estrada de ferro nos fundos são tambem, ao meu ver, cousas que facilitam muito e que não são nada a desprezar. Accresce ainda a modicidade relativa do preço, que permite ao Estado uma conversão, por todos os lados e por todos os titulos, vantajosa de capital em immoveis e bens de raiz, cujo valor com o futuro só pôde augmentar. Tomando o Museu Paraense tal incremento, que d'aqui a uns annos novamente se sinta apertado na sua roupa,—não hesito em formular o desejo que assim fosse —o prédio em questão permite felizmente um alargamento em qualquer sentido. Não só os alicerces e os muros do edificio são de tal calibre e solidez, que consentem no recebimento de mais um andar, como tambem uma feliz disposição symmetrica admite accrescimos lateraes. Ha finalmente tanto terreno, que existe sobejamente lugar para um ou mais edificios identicos. Em summa considero perfeitamente acertado o passo dado com a aquisição d'esta propriedade, lastimo apenas a morosidade na entrega, que traz como consequencia fatal que a nossa mudança tenha de effectuar-se agora nos mezes chuvosos com perda de tempo por todos os lados.

Jardim Zoologico e Horto Botanico

Se não nos falhar a nossa firme esperança que o Congresso Estadual acompanhe, *pari passu*, o Governo no grandioso plano total relativo ao Museu Paraense e que elle participe das mesmas alterosas e patrioticas intenções em prol do levantamento d'aquelle estabelecimento para uma sorte e um destino mais digno, veremos n'este anno de 1895, tambem tomar fórma real e concreta os dous annexos acima mencionados. Convictos de que advogamos um bello commettimento, de directa utilidade e de vantagens palpaveis para a instrucção publica, insistimos na realisação e batemo-nos com garbo com os scepticos e descrentes, onde virmos surgir a duvida.

Queremos crear uma attrahente escola de intuição das obras da natureza amazonica para o publico e pretendemos facilitar o accesso, abrindo os ditos annexos, logo que for possivel, diariamente. Repetimos sempre e sempre que não é nosso intuito querer emitir os grandes jardins e hortos de além-mar, para onde o orbe inteiro tem que mandar a sua contribuição em producções notaveis do reino animal e vegetal. Não almejamos nem o elephante da India, nem a girafa do continente negro. Queremos o que é nosso, o amazonico, o paraense e não será preciso que eu (que não nasci n'esta terra e que hoje me vejo aqui por nenhum outro motivo senão o amor e a sciencia e a vontade de crear aqui na Amazonia um solido reducto para ella) tenha de mostrar ao povo paraense, que a natureza, que nos cerca, tem material de sobra, para encher condignamente tanto um Jardim Zoologico, como um Horto Botanico. Não pretendo demorar-me em salientar a ridicula incoherencia d'aquelles que quasi n'um mesmo halito, ora exultam a superabundancia e cornucopia de riquezas naturaes do paiz, para logo depois, quando se discute a conveniencia da creação dos annexos em questão, proferir, em tom abjecto, a sacrilega banalidade: «Ora, tudo isso já está bastante visto». A cataracta de taes estultos será desesperadamente difficil de curar. Se elles lessem (o que não fazem) haviam de ouvir que já o immortal Buffon pronunciou que a differença essencial de um homem instruido para um homem inculto talvez menos consista na somma de *saber*, que na maneira e no modo de *ver*.

Circumscrevendo e delimitando assim a esphera de acção do Jardim Zoologico, vemos de um lado o meio de alcançar uma perfeição relativa na representação da fauna patria, e evitamos do outro lado introduzir o germen morbido e perigoso de proporções demasiadas e de despezas avultadas. Modesta, na realidade, é a verba inicial que peço que se consigne para os annexos, mas este pouco é preciso que seja cedido de bôa vontade.

Jardinagem esmerada, collocação de jaulas solidas e apropriadas, grades de ferro, viveiros de arame, tanques cimentados para os animaes aquaticos, lettreiros, que são sujeitos a frequente variação, etc., tudo isto são cousas inevitaveis, *ab initio*, e depois da installação é preciso contar com a manutenção, a conservação e alimentação. E' incontestavelmente carissima a mão d'obra aqui na Amazonia e accresce ainda a difficuldade local creada pelo supprimento da agua necessaria. Os dous annexos, embora dirigidos pelo Museu, carecem não só de sua organização e administração proprias como tambem do seu pessoal proprio e especial. Desejo que os dous annexos possam soccorrer-se mutuamente com os seus recursos, mas, ao mesmo tempo insisto, que sou contrario, por muitas razões, a todo e qualquer communismo pecuniario dos annexos com o Museu propriamente dito. Portanto recomendo que se contemple separadamente a materia do Museu da questão dos annexos.

Pessoal

Acerca do corpo scientifico, previsto no artigo 4.º da nova organização do Museu Paraense, tenho a dizer que até agora elle é representado unicamente por mim, procurando eu, com insano labor e actividade talvez disproporcional com os limites compativeis com o clima tropical, entrar tanto quanto possivel nas lacunas, tendo por accressimo de serviço ainda por cima de todas as multiplas questões de caracter administrativo. Que o resultado effectivo assim alcançado em prol das 2.ª, 3.ª e 4.ª secções não podia ser grande, é mais que natural e ninguem o pôde sentir melhor que eu mesmo. Felizmente julgo não estar mais longe o tempo, em que a secção de botanica terá seu chefe e igualmente o seu a secção de geologia. As negociações com os respectivos especialistas estão em phase adiantada e espero

que, dentro dos proximos mezes tanto um como outro venham em nosso auxilio com as suas luzes e seus prestimos profissionais.

Quanto a primeira secção, a de zoologia, cabe-me declarar, que não é a colossal tarefa que me acabrunha, mas sim a observação, que um só, com a melhor vontade, não adianta o progresso da secção com aquella rapidez, que é preciso. Quem tem a minima idéa d'este vastissimo campo de trabalho, comprehenderá o meu ardente desejo de uma subdivisão e approvará o meu justo voto, que mais um auxiliar scientifico seja ligado á minha pessoa no meu caracter de chefe da primeira secção. De um lado são os extensos e quasi incommensuraveis terrenos da ornithologia e da entomologia, que reclamam a presença constante e os cuidados ininterrompidos de um especialista, e do outro lado é a direcção e fiscalisação immediata do serviço taxidermico que chama por quem se encarregue d'esta missão durante as horas em que eu, por outros affazeres fique impossibilitado de fazel-o em pessoa. Quer me parecer, que extinguindo-se o lugar de amanuense como superfluo, no quadro administrativo e substituindo-o por um outro posto scientifico, qual o que acabo de caracterisar, ficaria o Museu melhor servido e seria mais um passo dado na direcção e no sentido que frizei como desideratum, no capitulo «Pessoal» do meu anterior relatorio de 28 de Junho de 1894.

Objecto de serio scepticismo meu é outrosim, a quarta secção, a de ethnologia, archeologia e anthropologia, e sendo a occasião propria, convem estender-me um pouco mais sobre esta materia. A respeito da archeologia dirigi ao Sr. Barão de Marajó, um appello no sentido de auxiliar o Museu n'este tão interessante campo de trabalho, interessante sobretudo no nosso Estado do Pará. Orientarei publicamente sobre a correspondencia que troquei com s. exc. a este respeito e n'esta hora estou habilitado a declarar, que desde já disponho da promessa affirmativa de tão activo e preclaro cidadão. O Sr. Barão de Marajó offereceu-se-me para assumir a direcção e chefia de uma campanha methodica de excavações, caso o Congresso consigne no orçamento uma verba annual para este commettimento, que não posso deixar de qualificar como um imperioso dever patriotico para o Estado do Pará. Assim fico relativamente tranquillizado pelo menos quanto ao lado archeologico.

São, porem, a ethnographia e a anthropologia assumptos do meu receio em quanto a quarta secção estiver acephala.

Cada vez mais cresce a minha convicção, que esta quarta secção precisa tambem de um profissional para seu chefe, se a obra a fazer-se lá tem de ser outra cousa melhor do que um mero agglomerado fragmentario, debaixo do dominio do cego acaso. Não basta obter-se uma flexa de Tembê de uma pessoa, um arco de Urubú de outra e juntar-lhes mais uma busina de Parintintins ou um collar de Mundurucús, etc., tudo com authenticidade problematica e como presente de terceira ou quarta mão, para pensar-se que é assim que se faz ethnographia e que isto constitue a essencia d'ella. Bem sei que tal é, mais ou menos, a idéa corrente por aqui e que foi por este modo, que se formaram a maioria das collecções, que se encontram pelo paiz, tanto em poder de particulares, como em Museus publicos. Mas tambem sei não menos bem, que esta idéa corrente não passa de uma illusão quasi infantil, de um diletantismo mais digno de compaixão, que de applausos e de admiração. Confesse-se francamente, a ethnographia no Brazil ainda não se elevou á altura de uma sciencia. E' preciso sairmos d'esta phase embryonaria! E não trepido em declarar, que se não se mudar inteiramente de rumo e de praxe n'esta especialidade, inaugurando-se finalmente uma campanha methodida e systematica no estudo dos nossos indios á maneira do que se faz na America do Norte por parte de uma commissão permanente e composta de membros especialmente habilitados para este fim, commissão que trabalha debaixo da guia e direcção de uma secção da «Smithsonian Institution», não é tão cedo que se fará por aqui cousa capaz e que preste aos olhos da sciencia internacional. E' uma imperiosa necessidade, estudar-se methodicamente uma tribu depois da outra, debaixo dos multiplos pontos de vista de sua historia, de sua actual residencia e extensão, do seu numero, dos seus costumes em paz e em guerra, da sua vida domestica e expedicionaria, do seu intellecto e de suas crenças, dos seus utensilios e armas, da sua configuração physica, da sua lingua, etc., etc. E' preciso demorar-se entre elles, para obter-se um estudo monographico aprofundado e uma collecção ethnologica completa, onde não falte nem utensilio, arma, adorno, remedio algum, etc. O estudo das suas linguas carece de muito mais attenção e paciencia amorosa e finalmente convém tirar o maior numero possivel de boas photographias das suas malocas, das scenas da vida domestica, do seu aspecto physico. Recolhendo-se o material obtido ao Museu Paraense, assim, sim, que preencheria a quarta secção o seu fim de modo

realmente satisfactorio e que ella se tornaria de facto importante.

Mas, perguntarão com razão: qual o fim d'esta digressão, qual a applicação pratica ao caso do Museu Paraense? Tendes chegado a poder formular qualquer proposta viavel para remediar e sanar a lacuna apontada? Respondo que sim. Da reflexão madura e multi-lateral sobre o assumpto resultam dous modos de solução um tanto diversos. Eil-os:

I—Ou o Governo restabelece outra vez o antigo cargo de «Director dos Indios», escolhendo um homem do paiz, de instrucção solida, de habilitações incontestaveis, de inclinação pronunciada para estudos ethnographicos, de um character honesto e que dê garantias de immunidades contra aquelles abusos e corrupção, que tanto desacreditaram antes o mencionado cargo no tempo do Imperio. Este funcionario seria ligado e subordinado como auxiliar, á quarta secção do Museu Paraense, cuja direcção assumiria a chefia intellectual da campanha e com o Governo se entenderia sobre o lado material e exterior das diversas expedições.

II—Ou, na falta absoluta de uma pessoa idonea para o cargo em vista, o Governo Estadual autorisava o Director do Museu a chamar de fóra um profissional em ethnographia e anthropologia, para servir directamente de chefe da quarta secção, e a quem caberia viajar e colleccionar methodicamente, na forma acima estipulada.

Se houvesse um segundo homem da estatura, da probidade e da actividade de um Ferreira Penna, eu não hesitaria um só momento, em optar pelo primeiro dos dous modos. Amigos sinceros, porém, me dizem que ahi vae utopia de minha parte, que este homem não será achado. Se tal fosse o caso, não ficaria outro meio de sahida senão o da segunda eventualidade. Julgo que não ha de faltar quem queira vir e occupar-se seriamente com o campo ethnographico tão interessante aqui na Amazonia e quem traga já habilitações profissionaes para isto.

Algun passo decisivo e algum impeto progressivo em prol da archeologia, da ethnographia e da anthropologia paraense o Estado não pode deixar de emprehender. Finalmente, Sr. Governador, urge de um lado salvar hoje em dia o que fór possivel ainda das necropoles indias e da notavel ceramica n'ellas contida, pondo um freio á especulação particular e ao vandalismo; que por muitas testemunhas oculares nos são denunciados; urge do outro lado voltar intensivamente a attenção para o problema: «Qual é a po-

pulação aborigene do Estado do Pará actualmente, contemporanea nossa? »

Convém lembrar ao Congresso, que o *status-quo*, o aspecto d'este problema não são fixos, que mudam de modo já perceptível, senão de anno em anno, seguramente de dez em dez, de vinte em vinte e que temos no Indio diante de nós um elemento ethnico, que tende a uma extincção proxima e rapida.

Tem-se descuidado d'este assumpto durante os ultimos decennios, é forçoso confessal-o. Corri os relatorios presidenciaes d'este Estado, anno por anno, e não foi sem impressão dolorosa, que me convenci, que os ultimos passos para uma estatistica um pouco mais attenciosa da população aborigene do Pará encontram-se em 1862, debaixo da presidencia do Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque. Realmente, se a occupação com os indios já não fosse um desideratum directamente originado agora pela nova organização do Museu Estadoal e a secção de ethnographia n'ella contemplada, eu chamal-a-ia um postulado da civilisação, da philantropia e do progresso, que ostentamos na bandeira da nova era. Queremos fazer menos que no tempo do Imperio? Certamente que não. E direi, que não basta fazer mais, é preciso fazer melhor. Não esqueçamos, que teremos por juizes as futuras gerações, cuja litteratura não perdoará o descuido, o desleixo e a desattenção para com a ethnographia patria. Que a geração actual salve a sua responsabilidade em tempo!

Pessoal administrativo

O Sub-Director tem lealmente partilhado commigo, á medida de suas forças, os rudes labores da reorganisação. O posto d'elle tem seus espinhos e o trabalho vae crescendo. Peço que no futuro orçamento lhe seja consignada a gratificação mensal de 100\$500, pelo cargo de bibliothecario, equiparando-se assim, como é de justiça, os seus vencimentos aos de um chefe de secção, do pessoal scientifico. Não havendo horas de expediente para mim, devido á situação anormal, tambem reverte para este meu auxiliar administrativo um acrescimo sensivel de serviços extraordinarios, ás vezes com trabalho á noite.

Está vago o lugar de Amanuense, e já disse, que da vacancia perpetua não me parece resultar detrimento para

o Museu. Opto pela substituição por um posto scientifico na forma já especificada. Dos dous preparadores de zoologia despedio-se um depois de apenas tres mezes, tendo encontrado n'uma empreza industrial n'esta cidade posição mais remunerativa. Visto que elle possuía gosto pronunciado e orientação no terreno da entomologia, perdeu o Museu n'elle um elemento, que promettia tornar-se util. Continua o sr. Luiz Tschümperli no exercicio das funcções de primeiro preparador da dita secção, trabalhando com zelo e dedicação. Mas, a lacuna mencionada urge encher outra vez e já tomei providencias n'este sentido. Mesmo com dous preparadores, a taxidermia não adianta com a rapidez, que eu desejava e a titulo de experiencia, empreguei o servente mais antigo, João Sá, como auxiliar de preparador da primeira secção. Houve mais um servente. O porteiro, retirando-se por motivo de doença, foi substituido provisoriamente pelo da repartição de estatística. Com a proxima vinda dos especialistas em botânica e geologia, tornar-se-á necessario o preenchimento, durante o anno de 1895, dos lugares administrativos previstos no Regulamento, principalmente o dos respectivos serventes.

Circumstancias que atrazam o crescimento rapido das collecções zoologicas são a falta de um mercado de animais aqui na cidade do Pará, como existe no Rio de Janeiro, na Bahia e outras cidades costeiras e a falta de caçadores que queiram servir os interesses do Museu. Um caçador e um pescador perito e activo, educavel para os fins especiaes do Museu Estadoal, apresenta-se-me cada vez mais, como uma verdadeira necessidade, como fornecedor diario de material vivo e morto nas especialidades que lhe forem recommendadas. Em geral, a nossa organização resente-se ainda da falta de um corpo de colleccionadores exercitados, de «naturalistas viajantes» como o possuem outros Museus e este ponto deverá merecer forçosamente a attenção do director no proximo exercicio, existindo desde já a firme intenção de segurar para o serviço do Museu qualquer pessoa reconhecida como idonea.

Bibliotheca

Desenvolve-se satisfactoriamente. Durante o exercicio passado tem-se todavia já feito, dentro dos limites dos parcos meios disponiveis, um respeitavel principio. A proporção dos livros já existentes para a dos livros estrictamente precisos

será approximadamente de 1 para 4, e é indispensavel para o andamento regular do Instituto, que n'este anno de 1895 seja realisada a acquisição dos $\frac{3}{4}$ restantes. O que nos falta principalmente agora são certas obras mais volumosas e um tanto caras, como diversas expedições, monographias, etc. Uma vez o stock principal adquirido, no que se gastará talvez entre 15 a 20 contos de réis, procedendo-se com a maxima prudencia e criterio na escolha, a Bibliotheca do Museu se aguentará talvez no futuro, com uma verba annual de cinco contos de réis para a acquisição de novas obras, supplementos, assignaturas de revistas e encadernação. As maiores difficuldades estão no principio. Tenho a melhor esperanza que o Museu Paraense encontre pouco a pouco uma fonte efficaz de desenvolvimento da sua Bibliotheca na permuta das suas publicações com outras instituições e corporações scientificas dentro e fóra do paiz.

Honraram-nos com offertas de permuta, já nas primeiras semanas ou logo depois da sahida do nosso primeiro « Boletim »:

I—A Sociedade de Sciencias Naturaes em Frankfurt an der Oder, Allemanha.

II—A Bibliotheca da Universidade de Strasburgo, Allemanha.

III—A Bibliotheca da Universidade de München, Allemanha.

IV—A Sociedade Zoologica de França em Paris.

V—O Museu de La Plata, Buenos-Ayres.

VI—Division of Mammalogy and Ornithology em Washington, Estados Unidos.

VII—O Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Tenho identicos avisos tambem da parte da Universidade de Santiago (Chile), da Academia Real de Sciencias de Göttingen, (Allemanha) e de diversas outras corporações.

Faltam-nos armarios e estantes apropriados para um digno e seguro acondicionamento das obras, na sua maioria preciosas por causa das numerosas estampas, importantes e indispensaveis para trabalhos systematicos em qualquer dos ramos de historia natural. Opprime-nos outrosim o facto de ter a nossa Bibliotheca uma divida de perto de seis contos de réis por livros encommendados em Berlim, livros estes que estão na Alfandega d'esta Capital e que vieram sob o penhor da nossa garantia pessoal.

Mobília

Na privação de termos edificio mais espaçoso e á espera de proxima mudança, encomendou-se de antemão n'uma officina d'esta cidade diversos armarios grandes proprios para Museu e conforme modelos e planos por nós apresentados, para exhibição de mamíferos e aves maiores e outros menores, em fórma de « carteira », como se usam para objectos de historia natural menores, igualmente conforme os nossos riscos. Infelizmente estas obras não poderam ter o adiantamento por nós desejado, devido á complicação funesta que, as mobílias já feitas entulharam a respectiva officina, não havendo absolutamente lugar para a sua recepção no actual e antigo edificio do Museu, nem tão pouco possibilidade de collocar-as lá onde ellas devem ficar, quero dizer, na nova casa. Esta situação esquerda tem nos prejudicado muito e é em muitos mezes inteiros que eu avalio o precioso tempo assim perdido.

Já declarei que não ha mobília para a Bibliotheca e accrescento que a actual da secretaria é insufficiente e indecente ao mesmo tempo. Na nova casa se apresentará tambem, desde o primeiro dia, por assim dizer a necessidade de mobillar convenientemente os laboratorios do pessoal scientifico.

Material de conservação

No meu relatório anterior eu tinha já accentuado que o material encontrado era absolutamente insufficiente para o serviço do Museu. Melhor teria sido dizer simplesmente que não havia mais cousa alguma que prestasse. Fez-se um esforço de melhoramento mandando vir da Europa olhos de vidro, turfa para corpos artificiaes, alfinetes de entomologia, e um sortimento de tubos e bocaes maiores e menores proprios para a exposição de peixes, reptis, etc., em alcool. Comprou-se certa quantidade de alcool e mandou-se fazer uns barris especiaes para collecções feitas durante viagens e expedições, segundo um modelo de nossa invenção. Adquiriram-se cartuchos, pólvora e chumbo, alem do trem indispensavel para viagens; concertou-se armas e petrechos de pesca e substituiu-se por novo o que era de primeira necessidade. Gastou-se

com maxima economia, 4:646\$900 e devo dizer que ainda falta muita cousa necessaria e indispensavel. Faltam-nos ainda diversas ferramentas de taxidermia, tina de maceração, etc., drogas, instrumentos para os laboratorios (microscopios e accessorios), osapparelhos de meteorologia e a installação photographica, papel apropriado, pastas e latas para a secção botanica e todo e qualquer utensilio para o serviço petrographico e mineralogico. Estas cousas todas tem de ser encomendadas e compradas com brevidade, visto que d'isto depende em grande parte o bom andamento do Museu.

Viagens e excursões

Realisaram-se diversas excursões maiores e menores, com o fito de colleccionar n'um minimo de tempo o maximo de productos da natureza, para o Museu, que tão pobre era e ainda é. Posso testemunhar de modo mais positivo que se tem feito o que era humanamente possivel e não resta duvida alguma, que se se tivesse trabalhado antes, como n'estes poucos mezes, o Museu Paraense seria hoje uma perola entre os seus congeneres e um instituto digno de inveja por parte dos seus collegas. Fizeram-se as seguintes viagens:

1—para o Castanhal, actualmente ponto terminal da Estrada de Ferro de Bragança, em Agosto de 1894.

2—para a Ilha das Onças em fins de Outubro.

3—para a mesma Ilha e adjacentes em principios de Novembro de 1894.

4—para a Ilha de Marajó, rio Arary, durante o mez de Dezembro, sem contar as numerosas excursões menores feitas pelas visinhanças mais immediatas da capital. Foi principalmente a secção de zoologia que lucrou, mas tambem não ficou esquecida a de botanica. Se a despesa total attinge a 1:045\$360 muita satisfação tenho em declarar que o valor material das collecções feitas é seguramente não inferior ao triplo da mesma importancia. Cabe-me registrar e agradecer os serviços importantes que prestaram ao Museu duas repartições federaes, a Alfandega e Arsenal de marinha, pondo o Sr. Inspector Leandro Campos e o Sr. Secretario Sebastião Mattos, á nossa disposição, para excursões fluviaes, as lanchas «Serzedello», «15 de Novembro» e «Lavigne», e ousou pedir a estes dignos funcionarios encarecidamente a continuação de semelhantes serviços. Tambem me é grato dever manifestar, de modo

caloroso, a minha gratidão pelos importantes serviços prestados ao Museu Estadual pelo Sr. Tenente-coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes, que, com a sua pratica e seus conhecimentos das localidades, das cousas e da gente, me foi sempre um companheiro preciosissimo e maximamente contribuiu para o feliz exito das viagens ás Ilhas oppostas á cidade e a Marajó. Meu desejo é que o dito cavalheiro seja ligado de modo directo ao Museu e se o Governo Estadual me cedesse, em commissão, tão valioso auxiliar durante estes primeiros annos da penosa e atribulada éra da formação do nosso estabelecimento com os seus annexos, libertando-o temporariamente das obrigações de professor, amenisaria assim sensivelmente a minha carga de trabalho, superior ás forças de um homem só e não prejudiciaria — muito pelo contrario — os interesses da instrucção publica, pois a actividade e a tarefa social do Museu tambem se acham n'este terreno.

Expedições longinquas não se fizeram, a situação anormal do estabelecimento não permittia cogitar n'isso. Nem pude ligar á commissão da Guyana Brasileira um colleccionador e delegado nosso, pois não havia nem ha ainda nenhum elemento disponivel.

Movimento scientifico

Apezar que os multiplos e complicados affazeres de natureza administrativa e o lado material nos deviam forçosamente obrigar a sacrificar-lhes o maior quinhão do tempo, todavia não nos descuidamos de patentear publicamente, que o Museu Paraense, na sua nova phase, aspira o seu lugar no movimento scientifico internacional. Não se deve contentar com o papel de um mero espectador passivo! Que se agite, que se pesquize, que se publique as suas investigações originaes, que lucte e que tome parte activa no grande certamen, ou que feche as suas portas! Ligando nós grande importancia em dar a conhecer esta nossa inquebrantavel convicção e tornar sabido, dentro e fóra do paiz, no Estado como no estrangeiro, que a divisa do novo Museu é: «Viver honrosamente, ou não viver», querendo nós, de outro lado, demonstrar praticamente que o nosso programma é de facto viavel e realisavel, sempre que um governo esclarecido e amigo do progresso, se ponha energicamente na sua frente, tratamos, desde o principio, de dar vida e corpo ao projecto

das publicações previstas pelo Cap. 5.º do Regulamento em vigor. São muito lisongeiras e francamente favoraveis as diversas apreciações oriundas de circulos scientificos acerca dos nossos primeiros passos assim dados. *Quod erat demonstrandum!* A sciencia não duvida da energia, probidade, seriedade e habilitações do novo concorrente. O Museu Paraense vae ganhando rapidamente prestigio; que elle trate religiosamente do seu bom credito e que o Estado não desampare este pilar da sua gloria!

Numerosas já são as offertas espontaneas, de determinação de collecções parciaes, de collaboração nas nossas publicações, como os pedidos de critica e os appellos ao nosso auxilio, tanto provenientes de especialistas em diversas materias e summidades scientificas, como de Muscus e Institutos congeneres. Aproveitaremos e posso dizer, que, por exemplo a gentil offerta do Dr. A. Boulenger, herpetologista do British Museum em Londres e a primeira autoridade actual na materia, de encarregar-se da determinação e revisão da nossa ainda pequena collecção de ophidios (cobras), foi-me summamente bemvinda, visto que estou ainda só e que não posso fazer tudo de uma vez. Esta offerta poupa-me um trabalho de, pelo menos, tres a quatro mezes, para não fallar do valor scientifico, que a dita collecção vae adquirir pela elaboração por tão eximio especialista.

O «Boletim do Museu», que está na mão de todos, dispensa-me de entrar mais minuciosamente nos detalhes do movimento scientifico operado e a operar-se no estabelecimento por mim dirigido.

Publicações

Á força de vigílias e de trabalho extraordinario estendido sobre tardias horas nocturnas e noites inteiras fez-se possivel, o que parecia impossivel á primeira vista. Não obstante a situação chaotica creada pela necessidade de encetar a obra de reorganisação simultaneamente em todos os pontos e apezar das innumeras difficuldades que surgiram a todo momento e de todos os lados, crescendo e multiplicando-se qual cogumellos, demos publicidade em Setembro do anno passado, ao primeiro fasciculo do nosso «Boletim». Creio, que, ninguem nos negará o cumprimento, que nós nos sahimos gallhardamente da tarefa. Singular seria, na verdade,

a cegueira d'aquelles que ainda não percebessem, que o Museu Paraense hoje quer viver e já adquiriu o direito para isso. A edição de 1.000 exemplares foi-se n'um instante; fez-se uma distribuição liberalissima e profusa sobretudo aqui no Estado, sendo contemplado o professorado e os estabelecimentos de ensino publico, bem assim o corpo consular estrangeiro residente no Pará, e dos circulos officiaes e civis da sociedade paraense, por assim dizer tudo, onde se podia suppôr algum interesse para o assumpto. Reservou-se porém certo numero de exemplares, que ficará intacto para o fim especial de permutas com sociedades e institutos scientificos. Está prompto para ser impresso e, na hora em que escrevo, já entrou no prélo o segundo numero do «Boletim», não menos substancial que o antecedente. Outrosim preparamos um folheto avulso, intitulado «Instrucções praticas sobre o modo de colligir productos da natureza para o Museu Paraense», folheto á que pretendemos dar a maxima vulgarisação e do qual esperamos bons effeitos no futuro. Finalmente temos o prazer de communicar que tambem já existe importante material para diversas memorias do «Museu Paraense» e que nutrimos a esperanza de poder vivificar tambem n'este ponto a lettra do artigo 15 do Regulamento.

Conferencias

O unico ponto, onde deixamos de prestar, durante estes primeiros mezes, a devida obediencia ao theor do Regulamento, foi ás conferencias promettidas no art. 13, Cap. 4º. Ainda não se principiou. Mas se isto se deu, não foi absolutamente por descuido ou falta de vontade, mas simplesmente pelo motivo de força maior — completa falta de tempo e do socego espirital indispensavel. As conferencias, ás quaes nos ligamos importancia, se realisarão uma vez que o mechanismo complexo do Museu principie com as pulsações de sua vida e marcha normaes.

Correspondencia

O estado da mais profunda apathia, em que encontrei o Museu ao assumir a direcção, deu rapidamente logar a um movimento de dia para dia crescente de correspondencia

com o interior e exterior. Hoje já o Museu Paraense é sem contestação um dos estabelecimentos publicos que mais dá a fazer á Repartição dos Correios e raro é o vapor que circula entre a Europa, a America do Norte, o sul e o norte da Republica, que não nos traga ou que não leve volumosa correspondencia nossa, quer sobre assumptos administrativos, quer sobre materia scientifica. E folgamos de accentuar esta mudança nas feições geraes, pois n'ella vae uma manifesta prova de vitalidade.

Accrescimos nas collecções

Agradavel me é poder assegurar que as collecções não ficaram estacionarias na lamentavel phase descripta no relatório de 28 de Junho de 1894.

Houve um possante movimento para a melhora e para o augmento e dos poucos, que eramos e somos ainda, ninguém deixou de contribuir com o seu zelo para o progresso ou tratou de subtrahir-se de pegar nos raios das rodas do vehiculo tão profundamente atolado. São especialmente satisfatorios e dignos de especial menção os augmentos realisados nos dominios da ornithologia (aves) e da ichthyologia (peixes) e podemos affiançar, que lutamos heroicamente para ter com que guarnecer os novos armarios encommendados. Quando poderemos finalmente installar-nos no novo edificio, olhos perspicazes não tardarão em notar a differença entre o passado e a nova era. Não houve excursão ou viagem, da qual não se voltasse com farta colheita e sempre foi com impressão dolorosa que nos despedimos das localidades, onde caça e pesca tão excellentes resultados nos tinham fornecido. Desejamos apresentar uma synopse numerica sobre os accrescimos alcançados por nós, mas infelizmente a falta de meios de acondicionamento e de espaço nem nos permite a contagem n'este momento. Os peixes, por exemplo, estão ainda todos empilhados nos barris de expedição, enquanto que os bogaes novos vindos da Allemanha acham-se na Alfandega e á espera da occasião da nossa mudança. As aves, que trouxemos das ilhas visinhas e de Marajó, contam-se por centenas e occupa-nos actualmente a preparação e montagem do rico material collido no interior. Em mammiferos, reptis, amphibios e insectos, houve igualmente preciosos augmentos. Se, como é natural, a principal fonte dos accrescimos das

collecções zoologicas, jazia nos esforços do proprio pessoal do Museu durante as viagens, todavia temos que registrar, que uma outra voltou pouco a pouco a verter de novo os seus beneficios para o estabelecimento. Apezar de a encontrarmos estanque e rebelde, ao assumirmos a direcção, tendo o Museu cahido no auge da descrença e do descredito publico, depressa a confiança tornou e, com summo prazer constatamos, ella vae crescendo e augmentando á vista d'olhos. Facilmente se adivinhará que fallo dos doadores espontaneos, que representam esta fonte tão digna de animação, quão merecedora de gratidão.

Desde Junho de 1894 até hoje, por ordem chronologica, entregaram donativos para as diversas secções do Museu os seguintes cavalheiros:

- 1 — Gustavo Töpfer, Engenheiro.
- 2 — Joaquim de Almeida Lisboa, Estudante.
- 3 — Jardineiro do Largo das Mercês.
- 4 — Augusto Hilliges, Commandante do vapor « Hermann »
- 5 — Dezembargador Gentil A. M. Bittencourt, Vice-Governador do Estado.
- 6 — Manoel Baena, Secretario do Governo.
- 7 — Dr. Guilherme Mello, Professor do Lyceu.
- 8 — Ludgero Azevedo, empregado na Secretaria do Governo.
- 9 — Tenente Coronel Aureliano Guedes, Proféssor na Escola Normal.
- 10 — Bernardino Pinto Marques, Inspector do Thesouro.
- 11 — Barão de Marajó.
- 12 — Pedro da Cunha, Administrador da Recebedoria.
- 13 — Conego João F. A. Muniz.
- 14 — Henrique Martin.
- 15 — Domingos de Oliveira Bastos.
- 16 — Phileto Bezerra, Deputado Estadual.
- 17 — Padre A. Cabrolé.
- 18 — José Lamarão, Socio da Pharmacia Beirão.
- 19 — João C. Pereira Launé.
- 20 — Senador Antonio Baena.

Agradecendo todos estes donativos, entre os quaes ha diversos realmente valiosos, felicitamo-nos com o Governo, por tão significativas demonstrações do interesse e da sympathia, que o Museu vae ganhando do publico da Capital e do interior. Quanto aos doadores residentes no interior, pedi-

mos ultimamente ao Governo certas providencias e medidas que nos pareciam ser indicadas no sentido de facilitar e simplificar as remessas de objectos destinados ao nosso Instituto ou seus annexos, tanto em relação ás linhas de navegação subvencionadas, como em relação á Estrada de Ferro.

Orçamento

A) O orçamento passado de 1894

Não tendo eu, em consequencia da desgraçada revolta no Rio de Janeiro, podido attender de prompto ao chamado do Sr. Governador e chegando aqui só em Junho de 1894, era tarde para se contemplar devidamente a reconstrucção radical do Museu Paraense no orçamento passado. Na ultima hora, por assim dizer, obteve-se ainda do Congresso, que já estava prestes a dissolver-se, uma verba de 50:000\$000 para «melhoramento do Museu» e tanto o Governo, como nós, resignamo-nos na positiva esperanza de encaminhar melhor as cousas em 1895. Deixou-se assim de emprender muita coisa em 1894, que no fundo devia ter sido activada logo e adiaram-se para 1895 algumas das medidas mais importantes. Parcella não pequena absorveu alem d'isto a quantia de 20:000\$000, cedidos por esta directoria para pagamento por conta (1/6 da importancia total) da acquisição do novo edificio, quantia esta, que com despesas de escripturas elevou-se a 23:000\$000.

Ficaram d'esta arte só 27:000\$000, com os quaes havia de se fazer frente tanto á despesas com o pessoal, como com as de ordem material. O pessoal, porem, estava reduzido, não havendo na classe do pessoal scientifico, por exemplo, ninguém fóra do Director e quanto ao lado material, nós evitamos intencionalmente, como acabo de dizer, aquellas medidas, que maiores sacrificios pecuniarios significavam: tudo na esperanza do anno vindouro.

Para melhoramentos materiaes do Museu Paraense propriamente ditos despendeu-se:

1 — Bibliotheca 4344\$000, havendo uma divida de perto de seis contos a regular pelo novo orçamento.

<i>Transporte</i>	4:344\$000	
2 — Material de conservação.	4:646\$900,	havendo dividas me- nores na importan- cia total approxima- da de 2:000\$000.
3 — Mobilia	1:800\$000,	havendo compromis- sos para o novo exercicio na impor- tancia de 4:200\$000.
4 — Publicações	1:652\$450,	havendo compromis- sos pendentes para o novo exercicio. (Boletim, Fasc. 2.º)
5 — Viagens e excursões . .	1:045\$360	
6 — Artigos de caça e pesca.	216\$300	
7 — Correspondencia	76\$780	
Total	<u>13:781\$790</u>	

B) O novo orçamento de 1895

O novo orçamento, se n'elle se quizer contemplar, como é preciso, o pessoal completo prescripto pela Lei n.º 199 de 26 de Junho de 1894, relativamente á criação do Museu Paraense e os auxiliares que apontei como indispensaveis no correr d'este relatorio, terá de consignar para a verba pessoal 70:000\$000.

Ora é uma antiga pratica, que em toda a parte se fez na administração de estabelecimentos congeneres, que em tempos normaes e andamento regular as despesas com o lado material oscillam, com variações insignificantes, perto do equilibrio, com as despesas feitas com o pessoal. E' uma experiencia singular e interessante, que já adquiriu, por assim dizer, fóros de doutrina nos circulos que lidam com o estudo da economia social em estados civilizados. Com alguma reflexão todavia depressa se descobre o «nexus causalis», que tem por effeito a alludida relação de parentesco.

Embora na espinhosa tarefa de preparar as bases do futuro orçamento, não partisse directamente da referida experiencia feita algures, o resultado final dos meus calculos, que me roubaram já muitas horas e foram e são ainda actualmemente objecto da minha constante preocupação, vem ainda uma vez, constatar que teremos tambem de contar com a dita

regra e que será frustrada qualquer tentativa de regatear do lado da verba material. Não serve de nada a argumentação, que no orçamento passado o Museu poudes existir e progredir com recursos muito menores e que talvez n'este anno pudesse viver da mesma maneira. Já disse e não canso de repetir, que o anno de 1894 foi um anno inteiramente anormal para o Museu e que por conseguinte não pôde servir de guia e regra, nem quanto ao lado pessoal, nem relativamente ao lado material.

Eis a synopse sobre a verba material, que segundo a minha convicção, deve ser votada, querendo-se tomar seriamente a peito a organização do Museu conforme a Lei que está de pé:

1 — Bibliotheca.....	10:000\$000
2 — Compra de collecções e objectos.....	5:000\$000
3 — Publicações.....	10:000\$000
4 — Mobilia.....	10:000\$000
5 — Material de conservação.....	10:000\$000
{ Escavações archeologicas.....	5:000\$000
{ Expedições ethnographicas.....	5:000\$000
6 — { Viagens e excursões do pessoal da 1. ^a , 2. ^a , 3. ^a . seccões.....	10:000\$000
7 — Instalação, reparos e concerto no novo edificio.....	3:000\$000
8 — Mudança do antigo para o novo edificio.....	3:000\$000
9 — Expediente.....	2:000\$000
Total.....	73:000\$000

ANNEXOS

Para o Jardim zoologico.....	12:000\$000
Para o Horto Botanico.....	12:000\$000
Total.....	24:000\$000

Com menos de um conto de réis mensal, não julgo que cada um dos dous annexos possa se sustentar dignamente.

Quero crer que nos annos posteriores haja possibilidade de reduzir sensivelmente, pelo menos um ou outro artigo, por exemplo até 50 % na Bibliotheca, na mobilia, no material de conservação, mas semelhantes reduções não seriam ad-

missiveis para este exercicio de 1895 sem grave perigo de lezar e retardar o desenvolvimento do Museu.

Sr. Governador, encerrando eu este rapido relatório sumario e não obstante completo, cabe-me condensar ainda em poucas palavras as minhas impressões acerca do andamento do Museu Paraense durante o anno passado. Trabalhou-se febrilmente— a minha consciencia me impelle a declaral-o bem alto—e não sei, se a tensão extraordinaria e forçada a que eu tive de submetter a actividade de cada um, não exceptuando a mim mesmo, seria tolerado por muito tempo sem detrimento mais ou menos grave para a nossa saude. Partindo porém do ponto de vista do rifão popular, que diz «para grandes males grandes remedios», não trepidei em recorrer á tactica empregada. Volvendo os olhos para traz e medindo a distancia percorrida n'estes poucos mezes desde a data do nosso desembarque no Pará, plena satisfação resulta de semelhante exame. Em pouco tempo e com poucos meios alcançou-se um bello resultado. Dirigindo a nossa vista para a frente e para o futuro, acabrunha-nos, por vezes, a distancia que nos resta, a disproporção entre o feito e o por fazer. E' innegavelmente uma tarefa gigantesca, que está reservada para vencer-se no proximo futuro e será bom que eu frize o que vejo claramente deante dos meus olhos: Que o supremo arranco para a moldagem definitiva do Museu Estadual deve ser realisado durante este anno de 1895. Ha boa disposição e animo corajoso de nossa parte; —que o Congresso nos honre com seu voto de confiança, cingindo-nos com as armas e os meios para a rude campanha! E uma confissão final ainda: Cortei de antemão todos os meios para qualquer tentativa de uma honrosa retirada. O Estado do Pará disse o A, seu credito social exige que pronuncie tambem o B. Foi o instincto da propria salvação, que me dictou em tempo a minha conducta e certas providencias perante o mundo scientifico.

Ha um caminho só,—o da honra e da gloria e não quero duvidar, que os Dignos Representantes, compenetrados da necessidade de dar-se uma vez um passo decisivo em favor do Museu Paraense, votem, com unanimidade cerrada os sacrificios excepçionaes precisos, auxiliem-no benevolmente durante o difficil periodo que está batendo á porta, viviquem os compromissos e os planos do Governo contidos no Decreto

de 2 de Julho de 1894 e conhecidos a esta hora do mundo inteiro, dando assim uma significativa prova não só de coherencia politica, como do alto apreço e elevado conceito em que vão principiando a ser tidos aqui, na radiante Amazonia, o progresso intellectual, as cousas de sciencia e a materia do ensino publico!

Saude e fraternidade.

O Director do Museu Paraense,

DR. EMILIO A. GOELDI

BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA



PARTE ADMINISTRATIVA

I

DECRETO N.º 124 — DE 28 DE SETEMBRO DE 1895. — *Approva as modificações feitas no Regimento interno do Museu Paraense, de accordo com a proposta do Director do mesmo.*

O Governador do Estado resolve approvar as modificações que com este baixam, feitas no Regimento interno do Museu Paraense.
Palacio do Governo do Estado do Pará, 28 de Setembro de 1895.

LAURO SODRÉ.

REGIMENTO INTERNO DO MUSEU
CAPITULO I

Do pessoal administrativo

ARTIGO 1.º — O Zelador-porteiro será de preferencia um homem morigerado, activo, de certa instrucção, com alguma pratica administrativa, devendo residir no Museu mesmo e cabendo-lhe principalmente a guarda dos edificios do Museu, de tudo o que constitue o seu inventario e dos jardins annexos, tanto de dia como de noite, durante os dias de exposição como durante os dias de serviço interno normal.

Art. 2.º — Além da superintendencia do serviço dos serventes, conforme as necessidades das diversas secções do Museu e dos annexos, poderá ser encarregado do serviço meteorologico com tres observações diarias: 1.ª ás sete horas da manhã; 2.ª ás duas da tarde e a 3.ª ás nove da noite.

Art. 3.º—Lidará com o correio, levando e trazendo a correspondencia; com a Alfandega, remettendo e recebendo objectos; com as companhias de navegação e com todos os recados e incumbencias que o serviço do Museu exigir.

Art. 4.º—E' directamente responsavel pela ordem e o asseio dentro e fóra dos edificios, pela tranquillidade e segurança nos dias de exposição publica, pela regularidade e pontualidade no serviço material.

CAPITULO II

Dos serventes

Art. 5.º—Haverá serventes para o serviço do Museu propriamente dito e outros para o serviço dos annexos, sem que, todavia, os serventes de uma ou outra categoria possam se negar a fazer qualquer trabalho para o qual sejam requisitados por ordem superior.

Art. 6.º—O novo pessoal dos serventes será interno e residirá nas dependencias do proprio Museu, ninguém podendo se retirar sem prévia licença.

Art. 7.º—O serviço interno principiará ás 6 horas da manhã e finalizará ás 4 horas da tarde, ficando subentendido que o pessoal dos serventes é obrigado a prestar-se, além d'estas horas, para a guarda do estabelecimento e qualquer chamado da Directoria.

CAPITULO III

Jardim zoologico

Art. 8.º—Para o serviço d'este annexo haverá por ora duas pessoas, sendo um guarda e um servente.

Art. 9.º—O guarda e o servente são obrigados a observar o maximo cuidado e zelo no tratamento dos animaes que lhe forem confiados, pontualidade na administração de alimentação apropriada, na renovação da agua, na limpeza das gaiolas, viveiros, etc. e terrenos adjacentes.

Art. 10.º—São directamente responsaveis pelas perdas que possam resultar da fuga ou da morte dos animaes, como por qualquer prejuizo causado por descuido, esquecimento e negligencia.

Art. 11.º—São estrictamente obrigados á presença diaria, sem excepção de pessoa alguma.

Art. 12.º—Quanto ao serviço da guarda nocturna, poderão fazel-o alternativamente.

Horto botanico

Art. 13.º—Para o serviço diario d'este annexo haverá por ora duas pessoas, sendo um jardineiro e um servente.

Art. 14.º—Terão por obrigação todos os trabalhos que dizem respeito á jardinagem do estabelecimento e bem assim a limpeza e conservação dos jardins, passeios e lagos.

Art. 15.º—Serão directamente responsaveis pelas flôres e fructos do jardim, pelo tratamento adequado dos vegetaes, limpeza ao redor da casa e fiscalisação dos lagos artificiaes.

Art. 16.º—Serão estrictamente obrigados á presença diaria, sem excepção de pessoa.

Art. 17.º—O jardineiro será interno; o serviço da guarda nocturna será regulado do mesmo modo como no Jardim Zoologico.

Art. 18.º—O jardineiro fechará o portão do estabelecimento ás 9 horas da noite.

CAPITULO IV

Dias de exposição

Art. 19.º—As collecções no edificio do Museu de Historia Natural e Ethnographia serão franqueadas ao publico duas vezes por semana: ás quintas-feiras e domingos das 8 ás 12 horas da manhã.

Em quanto durarem as obras actualmente encetadas, o Jardim Zoologico e o Horto Botanico serão franqueados nos mesmos dias e ás mesmas horas; mais tarde serão estes abertos todos os dias das 8 ás 12 da manhã.

§ unico. Fóra d'essas horas o Museu e seus annexos só poderão ser visitados mediante especial licença da directoria. O Governador, vice-Governador e os membros do Congresso serão recebidos a qualquer hora; porém os chefes de repartições publicas e principalmente os doadores ao Museu serão promptamente attendidos em taes casos excepçionaes, quando se fizerem annunciar.

Art. 20.º—Devendo ter sido preparado, de vespera, o Museu, e seus annexos, o porteiro distribuirá os serventes de modo a alcançar-se uma vigilancia efficaç de todo o estabelecimento, evitando que o publico invada as partes vedadas e destinadas exclusivamente ao serviço interno e bem assim que se instigue os animaes, que se arranque flôres e plantas, que se toque em armarios, instrumentos, aquarios ou que se mexa com as torneiras, etc. Um quarto de hora antes de encerrar-se a exposição, será dado um signal.

Art. 21.º—E' prohibido fumar no interior do edificio. Bengalas, chapéos de sol, o publico deverá depositar na porta do edificio, cães não serão tolerados.

Art. 22.º—Com individuos que transgredirem estas prescripções e não se comportarem, depois de advertidos, o porteiro empregará a necessaria energia para manter a bôa ordem e disciplina, recorrendo, se for preciso, a segurança publica.

CAPITULO V

Serviço taxidermico

Art. 23.º—Dos preparadores da 1.ª secção (zoologia) deverá haver nos domingos e dias santos, alternadamente pelo menos um de promptidão para salvar, para as collecções, o cadaver dos animaes que venham a morrer.

CAPITULO VI

Disciplina interna

Art. 24.º—As penas que poderão ser applicadas ao pessoal administrativo do Museu, quando houver semelhante necessidade por desobediencia, insubordinação e delictos maiores, serão graduadas da seguinte fôrma:

- 1.ª—Reprehensão;
- 2.ª—Suspensão temporaria com prejuizo de vencimentos;
- 3.ª—Demissão;
- 4.ª—Prisão e entrega a policia em caso de furto, offensas physicas e actos malevolos contra o estabelecimento e a propriedade do Estado.

CAPITULO VII

Bibliotheca

Art. 25.º—A bibliotheca do Museu Paraense pôde ser utilizada por pessoas extranhas, que tenham obtido especial licença do Director; porém não poderão retirar os livros para fóra do estabelecimento.

Art. 26.º—O funcçionario scientifico do Museu, que quizer retirar livros para sua residencia particular, assignará um documento, pelo qual se obrigue a restituir uma importancia calculada no dobro do valor da obra, caso esta se extravie.

Disposições geraes

Art. 27.º—O almoço do pessoal administrativo será effectuado por turmas entre ás 11 horas e o meio-dia, sendo o maximo do tempo admissivel uma hora. Nos dias de exposição o almoço terá lugar depois de encerrada esta.

Art. 28.º—Todo o empregado será responsavel pelos utensilios e ferramentas que lhe for confiada.

Art. 29.º—No Museu Paraense não se vende objecto algum. Poderá haver, caso convenha aos interesses do estabelecimento, cessão ou troca de objectos, porém nunca sem autorisação da directoria. Infracção d'este principio administrativo será punida com todo o rigor, conforme o gráo 4.º do art. 24.º da disciplina interna.

Art. 30.º—Caso um servente antigo no serviço do Museu tenha se distinguido por comportamento exemplar, espontaneidade e habilidade particular na arte taxidermica ou nos misteres de uma das secções, poderá ser recompensado, por proposta do Director, com o logar de ajudante de preparador, com o vencimento igual a metade do d'aquelle. Sabendo lêr e escrever poderá, a juizo do Director e de combinação com o Governo, ser favorecido com uma posição adequada a taes circumstancias excepcionaes.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 28 de Setembro de 1895.

LAURO SODRÉ.